



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO



ADELMA FERREIRA DE ARAÚJO

**RUBENS BORBA DE MORAES E JOSÉ MINDLIN:
BIBLIOFILIA COMO PATRIMÔNIO INFORMACIONAL.**

RECIFE

2017

ADELMA FERREIRA DE ARAÚJO

**RUBENS BORBA DE MORAES E JOSÉ MINDLIN:
BIBLIOFILIA COMO PATRIMÔNIO INFORMACIONAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Orientadora: Profa. Dra. Gilda Maria Whitaker Verri.

**RECIFE
2017**

Catálogo na fonte

Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

A663r Araújo, Adelma Ferreira de

Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional / Adelma Ferreira de Araújo. – Recife, 2017.
110 f.: il., fig.

Orientadora: Gilda Maria Whitaker Verri.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2017.

Inclui referências.

1. Bibliofilia. 2. Coleccionismo. 3. Livro raro. 4. Coleção Brasileira. 5. Brasileira USP. 6. Digitalização de documentos. 7. Rubens Borba de Moraes. 8. José Mindlin. I. Verri, Gilda Maria Whitaker (Orientadora). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2017-75)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

ADELMA FERREIRA DE ARAÚJO

Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 13/02/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª D^{ra} Gilda Maria Whitaker Verri (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edson Hely Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco



Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação
Av. da Arquitetura, S/N - Cidade Universitária CEP 50740-550
Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-7728 / 7754
www.ufpe.br/ppgci - E-mail: ppgci@ufpe.br



Aos meus pais, Maria e Lásaro.

Ao meus filhos do coração Mércia, Diogo,
Thalita e Guilherme Henrique.

Ao meu marido Guilherme Costa Neto.

Aos meus amigos-irmãos Helena e Nelson.

A Denis Bernardes (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Apesar da solidão que é fazer um trabalho acadêmico, e é bem verdade que muitos não irão ler, é preciso fazer alguns agradecimentos, pois o tempo de elaboração é o mesmo que nos ausenta da família e dos amigos, que precisam muitas vezes ouvir um doloroso: não!

Aos meus pais, Maria e Lásaro pelo sim que disseram quando resolvi voar mais longe, a eles eu devo tudo. E tenho que agradecer também a resistência de meu pai que, paciente renal crônico há alguns anos, foi diagnosticado com Alzheimer, passou onze dias na UTI e lutou bravamente todos os dias para chegar aos seus 87 anos. Esperamos agora que ele chegue aos 88. E minha mãe, muito guerreira sempre a seu lado, perguntando-me sempre: quando você vem aqui? Ou seja, escrever não foi tão fácil assim.

Aos meus filhos do coração Mércia (minha sobrinha querida), Diogo (meu afilhado), Thalita (que também me escolheu como madrinha) e Guilherme Henrique (meu enteado que carinhosamente me chama de Dedel). A cada um deles meu muito obrigada por me fazer sentir um pouco o que é ser mãe, pois eu consegui ser amada por todos, mesmo quando dou bronca.

Ao meu marido Guilherme Costa Neto, o único homem com quem eu casaria novamente. Parceiro inigualável, paciente, carinhoso, compreensivo e com tantos outros adjetivos eu poderia descrevê-lo. Como já disse ele é único. Ele é o meu amor.

À minha amiga-irmã Helena Azevedo, com ela eu aprendo todos os dias e minha maior felicidade foi tê-la junto de mim no local de trabalho. Obrigada pela sua lealdade, pelo seu carinho e pela ajuda nas normas da ABNT (mas claro, que eu abusei!).

Ao meu amigo-irmão Nelson, essa pessoa trágica, hedonista e amável. Ah, os nossos rodízios de sushi e camarão; os nossos bolos; as nossas conversas... Como é bom ter você na minha vida. Você me ensinou tanto, ainda daremos muitas gargalhadas juntos (você, Helena e eu), somos imbatíveis.

A Denis Antônio de Mendonça Bernardes (*in memoriam*), meu querido co-orientador na monografia de graduação e orientador no Projeto Memória da Escola de Serviço Social de Pernambuco. Uma das pessoas mais extraordinárias, inteligentes e humanas que conheci, que me ensinou muito sobre respeito e que jamais vou esquecer. Aliás, eu tenho certeza que ele faria parte da banca de defesa desta dissertação.

À minha orientadora, desde a graduação, Profa. Gilda Verri. Muito obrigada pelo carinho, pela paciência, pelos ensinamentos e pela confiança.

Aos meus colegas de trabalho da biblioteca do Colégio de Aplicação (em ordem alfabética para não dar preferência): Alice, Débora, José Luiz, Nísea, Robério e Roxana (não inclui Helena porque ela já foi citada). Obrigada pelo dia a dia, por compartilharmos o trabalho, muitos bolos e histórias de vida. Obrigada por segurarem as pontas enquanto eu estava nas aulas do mestrado e na licença capacitação.

As minhas ex-bolsistas queridas (morro de saudades!) Ana Clara, Ana Cláudia e Cidilene. Sucesso para vocês!

À Glória Maria Alencastro (avó de Gabriel), extraordinária amiga e bibliotecária. Eu sei que ela torceu muito por mim, assim como eu por ela.

Aos meus colegas de turma, em especial a Moaci Junior, pelo reencontro após a graduação; Lígia, pelo carinho com o qual sempre olhou para o meu tema (descobri que ela não é a pessoa chata que eu imaginava); Flávio Amaral, que se dispôs a comprar livros para ajudar na minha pesquisa (usei todos); Mitsuo que me convidou em primeira mão para participar do seu blog sobre bibliofilia e aos demais com os quais eu me diverti e aprendi muito.

A Edson Hely Silva, professor e amigo, sempre me deu forças e material para estudar para o mestrado.

Ao Prof. Fábio Pinho, nunca esquecerei o meu primeiro seminário. Uma catástrofe! Seria cômico se não fosse trágico, mas eu diria que foi tragicômico. Aprendi muito, deu até vontade de voltar para o curso de biblioteconomia, só para reaprender com ele. A sua didática me encantou. Ganhou o meu respeito e minha admiração.

Ao meu ex-chefe querido, Prof. Alfredo Matos, pela oportunidade que me concedeu para cursar o mestrado sem prejuízo das minhas funções e pela confiança que sempre depositou em mim.

Ao Prof. Madson Diniz, que gentilmente se ofereceu para fazer o abstract. Muito obrigada por isso e pela confiança no meu trabalho na chefia da biblioteca.

Ao meu ginecologista (eu não poderia esquecê-lo), Dr. Henrique Ney que descobriu, por acaso, o foco da minha dor nas costas. Se não fosse por ele, eu não teria feito a cirurgia de retirada da vesícula e estaria, ainda, tomando analgésicos e anti-inflamatórios para conseguir passar os dias sentada escrevendo minha dissertação.

À minha cunhada Gildete e a Tia Lene, que sempre me receberam de braços abertos e com muito carinho.

Aos que torceram a favor e contra mim. Sim, afinal é preciso ter inimigos também. E eu tenho uma coleção deles. Que vocês recebam multiplicado por dez tudo o que vocês me desejaram e me desejam.

Ao inventor das setas adesivas e coloridas que coleei em todos os livros com os quais estudei. Não sei quem foi, mas muito obrigada assim mesmo, facilitou muito a busca das citações e não deixa marcas nos livros, vale ressaltar.

Aos meu orixás Oxum, Iansã e Oxalá, a Nossa Senhora com toda a minha devoção e a todos os seres de luz que me ajudam a encarar os obstáculos da vida.
Axé!

Rumo ao doutorado!

“O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive”.

(Antônio Vieira)

RESUMO

Apresenta um estudo sobre bibliofilia a partir das memórias de Rubens Borba de Moraes e José Mindlin, destacando a importância de ambos para a preservação da memória escrita, a partir da formação das bibliotecas de coleções de livros raros, em especial à coleção Brasileira. O posicionamento de disponibilizar para o público os acervos desenvolvidos durante anos pelos bibliófilos em destaque, traz uma nova proposta de pensar a bibliofilia como patrimônio informacional, idealizando um sentido utilitário à coleção com a criação da Brasileira USP, em oposição a práticas correntes de fragmentação ou desuso das coleções. Quanto à metodologia foram utilizados materiais bibliográficos, tratando-se de uma pesquisa exploratória. Foram explanados assuntos sobre a história do livro, tipografia, colecionismo, livros raros, hábito de leitura e digitalização de acervos. A biografia dos bibliófilos auxiliou na contextualização da trajetória da formação das bibliotecas de livros raros. Houve também a aplicação dos pressupostos teóricos da biblioteconomia que tratam da seleção e aquisição de materiais bibliográficos; formação e desenvolvimento de coleções; organização, disponibilização e recuperação da informação e preservação da memória organizacional para assim haver uma interlocução da Ciência da Informação com a bibliofilia.

Palavras-chave: Bibliofilia. Colecionismo. Livro raro. Coleção Brasileira. Brasileira USP. Rubens Borba de Moraes. José Mindlin.

ABSTRACT

This research aims at analyzing bibliophily based upon the memories of Rubens Borba de Moraes and José Mindlin, thus pinpointing the importance of both theorists towards written memory preservation by the formation of rare book collection libraries, especially “Brasiliana” collection. The perspective of making the developed repository available to the public throughout the years present a new proposal of redefining bibliophily as informational heritage, thus idealizing an utilitarian sense to the collection with the USP Brasiliana creation, in opposition to the current practices of fragmentation and misuse of collections. As for the methodology, bibliographic materials were used due to the descriptive aspect of the research. Subjects concerning the history of the book, typography, collectionism, rare books, reading habits and collection digitalization were explained through. The bibliophile biografies helped in the formation path contextualization of rare book libraries. Informational theory corollaries towards selection and acquisition of bibliographic materials, collection formation and development, organization, availability, information recovery and organizational memory preservation so as to provide a crossroad between Information Science and bibliophily.

Key-words: Bibliophily. Collectionism. Rare book. Brasiliana Collection. Brasiliana USP. Rubens Borba de Moraes. José Mindlin.

LISTA DE SIGLAS

ABER	Associação Brasileira de Encadernação e Restauro
BBM	Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin
BN	Biblioteca Nacional
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EDUSP	Editora da Universidade de São Paulo
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros da USP
IMS	Instituto Moreira Salles
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SIBi	Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo
ONU	Organização das Nações Unidas
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Bibliotheca Alexandrina	23
Figura 2	<i>Index Librorum Prohibitorum</i>	25
Figura 3	<i>Ex-libris</i> de Haroldo Ferreira	27
Figura 4	Catálogo de livros do Conde da Barca (1818)	53
Figura 5	Rubens Borba Alves de Moraes	58
Figura 6	José Mindlin e Guita Mindlin	67
Figura 7	<i>Ex-libris</i> de José Mindlin	67
Figura 8	Capa da Klaxon, n. 1, 1922	79
Figura 9	Sala de obras raras – Fundação Biblioteca Nacional (RJ)	86
Figura 10	Instituto Moreira Salles (RJ)	86
Figura 11	<i>Links</i> de pesquisa da Brasileira Fotográfica	87
Figura 12	Entrada do espaço Olavo Setubal	88
Figura 13	Vista frontal da Biblioteca Brasileira USP	89
Figura 14	Mapa da localização do prédio da Brasileira USP	90
Figura 15	Vista a partir do anel central onde está localizado o acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin	91
Figura 16	<i>Scanner</i> Maria Bonita	92
Figura 17	Primeira edição do Guarany de José de Alencar	93
Figura 18	Primeira edição brasileira de Marília de Dirceo de Tomás Antônio Gonzaga	94
Figura 19	Edição original de Marília de Dirceo de Tomás Antonio Gonzaga	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	LIVROS: AMOR, STATUS E APREENSÃO	20
2.1	O livro raro: como identificá-lo?	29
2.2	Catálogos, leilões e sebos	32
2.3	Colecionismo e bibliotecas particulares	38
2.4	Organização, disponibilização e recuperação da informação	48
2.5	Bibliofilia: definições	50
2.6	Bibliófilos: o amor pelo livro e pela leitura	54
3	RUBENS BORBA DE MORAES: O BIBLIÓFILO APRENDIZ	58
4	JOSÉ MINDLIN: UMA VIDA ENTRE LIVROS	67
4.1	Guita Mindlin	75
4.2	O que Moraes e Mindlin tinham em comum?	76
5	A COLEÇÃO BRASILIANA	83
6	A BRASILIANA USP	89
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	99

1 INTRODUÇÃO

A motivação para discutir o tema “Bibliofilia” surgiu a partir da citação do livro: “O bibliófilo aprendiz”, de Rubens Borba de Moraes, que inicia o primeiro capítulo com perguntas pertinentes a um amante dos livros: Por quê? Para quê? Relatando uma pequena história:

Dizem que um poeta francês foi uma vez apresentado a um riquíssimo banqueiro. O apatacado personagem perguntou ao poeta: - Para que serve a poesia? E o poeta respondeu-lhe: – Para o senhor, não serve para nada. Tinha razão o poeta. Para muita gente, tudo na vida deve ter uma utilidade. Para essa gente pretensiosa não adianta explicar certas coisas, elas não chegaram ainda a um desenvolvimento cultural suficiente para apreciar as coisas sem utilidade aparente. (MORAES, 2005, p. 17).

A partir dessa citação, surge uma pergunta inicial: como se explica a devoção que Rubens Borba de Moraes, José Mindlin e tantos outros bibliófilos dedicaram ou dedicam aos livros? Estudar a bibliofilia talvez seja uma maneira de expor questões envolvendo aquilo que faz do ser humano um ser único, a partir das ações, interesses, convívio social e forma de buscar conhecimento. Nesse caso, as obras adquiridas pelos bibliófilos não passam apenas pelo aspecto financeiro, por se tratar de um investimento afetivo, intelectual e de múltiplas experiências.

Destarte, a questão da informação tem como princípio a teoria e a aplicabilidade da Ciência da Informação, para melhorar as perspectivas de pesquisas em abordagens conceituais e sociais, bem como, a produção de sentidos em relação direta com o indivíduo, além de conhecer e pesquisar diversas formas de acervos como fontes informacionais e assim, provocar questionamentos.

Sendo a informação o objeto da Ciência da Informação, seja: “[...] inscrita (registrada) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte” (LE COADIC, 2004, p. 4), está sujeita a ser pesquisada. José Mindlin e Rubens Borba de Moraes registraram as trajetórias de leitores assíduos e em conexão com os livros. As memórias registradas tornaram-se instrumentos de pesquisa social. As buscas pela boa leitura os transformaram em referências, onde:

“[...] as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas” (CHARTIER, 1998, p. 91).

No corpo do texto não será utilizado o termo autobiografia e sim memória, embora esta seja um tipo de autobiografia. A escolha do termo parte apenas de uma diferença muito sutil entre os verbetes, conceituada por Viana e Marques Júnior (1998), mas pelo entendimento de que os autores ao escreverem as memórias imprimiram no texto uma identidade, como apresenta Le Goff (2003, p. 469) “[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades [...]”. Constata-se, então, o objetivo de compartilhar experiências, valores e sentimentos.

As *memórias* de um indivíduo, narrativa de experiências de vida que enfatizam pessoas e eventos considerados significativos, constituem outra forma de autobiografia. Nesse tipo de obra, o autor se revela através da narrativa de sua relação com pessoas e épocas selecionadas, mais do que através da análise da sua própria vida. Ao enfatizar o ambiente, as memórias servem também como fonte sobre a história de épocas determinadas, segundo a visão do autor. Há de se destacar, no entanto, que, não sendo o memorialista um historiador, sua visão dos fatos não é necessariamente objetiva nem imparcial.

As *autobiografias propriamente ditas* são o relato verdadeiro de revelações feitas por um indivíduo em determinado momento de sua vida. Diferenciam-se das memórias porque, ao ultrapassarem o simples relato de acontecimentos significativos, traduzem a essência do próprio pensamento de seu autor, o que pressupõe feitas de forma consciente ou inconsciente. (VIANA; MARQUES JÚNIOR, 1998, p. 256-257).

No decorrer da leitura dos livros: “O bibliófilo aprendiz” e “Uma vida entre livros”, de Rubens Borba de Moraes e José Mindlin, respectivamente, nota-se a intenção dos bibliófilos de fazer um registro das memórias, de uma vida inteira dedicada à leitura e à preservação da memória impressa, não como uma forma de procurar reconhecimento social ou de ganhar dinheiro com a venda dos livros, mas de conscientizar os leitores da importância do registro impresso para a história e preservação da cultura de um país.

O estudo sobre a amizade do ser humano com objetos inanimados como os livros pode parecer campo exclusivo da Psicologia, da Sociologia e quiçá da

Antropologia. Em qualquer uma dessas disciplinas existem espaços para o estudo da bibliofilia. No entanto, há um lugar na Ciência da Informação, na medida em que o mundo dos livros e a relação com os usuários não é tão restrito quanto parece. Ao pensar na bibliofilia em Ciência da Informação, possivelmente vem à mente a palavra: livro. Óbvio, porém, restrito. Etimologicamente, a palavra bibliofilia significa amor aos livros e/ou a arte do bibliófilo. Temos então a relação sujeito (bibliófilo) e objeto (livro); um sujeito que busca informação e um objeto que contém a informação. Quais as dinâmicas dessa relação? A Ciência da Informação, como ciência social, possibilita a busca de respostas para essa, e outras tantas perguntas, sobre as relações dos bibliófilos com os livros.

A Ciência da Informação não nasceu como uma ciência social como hoje se apresenta, mas da necessidade de ordenar um grande número de documentos a terem as informações organizadas e recuperadas com precisão e êxito. Com o desenvolvimento das pesquisas, percebeu-se que o sujeito, usuário, ou qualquer nome que se aplique a pessoas, não poderia ser negligenciado como assunto a ser pesquisado. “Os sujeitos precisam, necessariamente, ser incluídos nos estudos sobre a informação e, sobretudo, precisam ser incluídos em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais.” (ARAÚJO, 2003, p. 25).

Ao discorrer sobre as origens da Ciência da Informação, Le Coadic (2004, p. 2) afirma que: “[...] a leitura pública e a história do livro foram a matéria prima dos primeiros estudos realizados”. A autoridade que o livro representava a quem o possuía, como objeto privilegiado, foi visto até nas pinturas antigas como evidencia Chartier (1998, p. 84): “[...] o livro indicava autoridade, uma autoridade que decorria, até na esfera política, do saber que ele carregava. [...] Pela representação do livro, o poder funda-se sobre uma referência ao saber. Assim, ele se mostra ‘esclarecido’ ”.

A informação é o objeto de estudo da Ciência da Informação. Estudar a bibliofilia em Ciência da Informação é contextualizar a necessidade da aquisição de livros a partir de uma perspectiva de interação com o objeto pela forma física e pelo conteúdo informacional, entendendo como a prática da bibliofilia pode favorecer à preservação do livro impresso. Partindo da natureza interdisciplinar dentro da área

das ciências sociais aplicadas, a Ciência da Informação tem como aponta Saracevic (1995, p. 2, tradução nossa): “[...] uma forte dimensão social e humana”. Smit (1999) nomeia a integração da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia como as “três Marias”, de forma que todas trabalhem para a gestão da memória e da mediação da informação.

Borko (1968, p.3, tradução nossa) afirma que a “Ciência da Informação investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando a ótima acessibilidade e usabilidade”. Quanto ao livro, objeto tangível e depositário da informação armazenada e recuperada, é definido por Buckland (1991) na qualidade de “[...] informação como coisa”. Em que pese a necessidade dos conceitos, é preciso compreender que não são finitos em si. A informação apresenta um conceito interdisciplinar não possibilitando uma definição única e precisa. Para o uso do termo em Ciência da Informação é preciso atenção:

Quando usamos o termo informação em CI, deveríamos ter sempre em mente que a informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo (embora estas sejam frequentemente compartilhadas com membros de uma mesma comunidade de discurso). (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 154-155).

O que é informativo depende da questão a ser respondida e de quem procura respostas. O livro é apenas algo estático, um monte de folhas encadernadas e sem utilidade até que alguém procure nele as respostas satisfatórias para diversas questões. Esse é o processo de busca e assimilação da informação.

A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive.

Assim, como agente mediador na produção do conhecimento, a informação, qualifica-se, em forma e substância, como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo. (BARRETO, 1994, p. 3).

Mas os grupos que buscam conhecimento não são homogêneos. São diversos os núcleos sociais que necessitam de informações e suportes específicos, e um desses grupos são os bibliófilos. Mas, como apresentar diversas

peculiaridades de modo técnico? Dada a similaridade das ações na formação de uma biblioteca, é possível criar um paralelo com a Biblioteconomia, disciplina da Ciência da Informação.

Um estudo sobre os bibliófilos é relevante por ser um assunto ainda pouco abordado na Ciência da Informação, o trabalho mais denso que se tem conhecimento é a tese de Reifschneider (2011): “A bibliofilia no Brasil”. Além de ser um assunto incipiente, a proposta do tema pode contribuir para o entendimento da produção, circulação, apropriação, uso e disponibilização da informação a partir da aquisição de livros e da formação das coleções particulares.

Estudar a bibliofilia à luz da Ciência da Informação é visualizar um possível diálogo entre questões inerentes ao hábito da leitura; ao colecionismo; à aquisição; à preservação e disponibilização da memória escrita; à troca de informações com outros indivíduos do mesmo círculo de interesses; bem como, incluir a bibliofilia em uma prática científica sistematizada a partir da identificação, interrogação e análise. Diversos são os pontos a serem discutidos: do corpo social fazem parte os protagonistas: bibliófilos e livros; o colecionismo remete à rotina de quem busca eternizar anseios e a organização facilita a busca e a conservação possibilita uma vida mais longa ao que pode se chamar de memória informacional.

A Coleção Brasileira que pertenceu a Rubens Borba de Moraes e José Mindlin está instalada na Universidade de São Paulo (USP), um acervo doado com cerca de 32.000 títulos e 60.000 volumes. Transformar os acervos das Bibliotecas José Mindlin e Rubens Borba de Moraes, compostos pela Brasileira, em algo como uma biblioteca única e especializada¹, tem um papel ímpar na disposição da informação acessível à pesquisa. O valor histórico-econômico-cultural desse acervo é considerado inestimável.

¹ O termo “especializada” indica uma biblioteca diferenciada. No caso da biblioteca Guita e José Mindlin, o acervo é de obras raras, mais especificamente da coleção Brasileira, ou seja, livros antigos sobre o Brasil, como definem os bibliófilos Rubens Borba de Moraes e José Mindlin. Por isso, a biblioteca pode ser considerada especializada. Esse tipo de biblioteca objetiva atender a uma demanda diferenciada, seus usuários costumam ser pesquisadores, embora a biblioteca esteja aberta para o público. Dias e Pires (2003, p. 15) apontam diferenças desse tipo de biblioteca em relação as demais: “o tipo de instituição em que está inserida tem a pesquisa por principal objetivo, os assuntos são especializados, os usuários homogêneos, os fins imediatos e há [...] grupos específicos de usuários”.

Unir José Mindlin e Rubens Borba de Moraes em um mesmo contexto, relacionando pontos em comum de apreço pela leitura, amor aos livros e sentimentos de responsabilidade sociocultural, é tratar o assunto da bibliofilia e do colecionismo de maneira singular. O diferencial neste estudo são os traços peculiares de dois bibliófilos contemporâneos, que além de grandes leitores, eram grandes amigos, com vidas distintas, mas com ideias e interesses comuns.

A pesquisa tem como objetivo geral apresentar, a partir da leitura dos textos biográficos e das memórias, quais as contribuições que os bibliófilos José Mindlin e Rubens Borba de Moraes trouxeram à preservação da memória escrita. Como objetivos específicos, busca-se: relacionar os cenários e atores da circulação do livro raro; identificar os motivos que levaram José Mindlin e Rubens Borba de Moraes a deixarem os acervos pessoais disponíveis para o uso social e destacar a relevância da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo.

De natureza estritamente bibliográfica, esta pesquisa observa diversas posições, de vários autores, acerca de um assunto. A revisão da literatura sobre bibliofilia será o seu objeto de análise. É importante esclarecer, que ainda existe pouca bibliografia sobre o assunto, dessa forma, optou-se por uma pesquisa exploratória, onde não haverá apresentações de dados estatísticos, mas: “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]” (GIL, 2002, p.41). Na falta de discussões sobre a bibliofilia na Ciência da Informação, a proposta é contribuir para o aumento do leque informacional sobre o assunto, além de incitar outros pesquisadores a se dedicarem aos estudos da temática.

A bibliofilia é uma forma diferenciada de colecionar livros, por pessoas que buscam informações não apenas sobre o conteúdo, mas acima de tudo o que, originalmente, resulta na publicação do livro. Os bibliófilos são leitores assíduos e cultuam o livro na totalidade. São colecionadores que se envolvem com o objeto. É diferente do colecionismo puro e simples, aquele em que o colecionador preocupa-se apenas em ter o objeto dependendo da quantidade de volumes/exemplares disponíveis no mercado, sem se preocupar com a trajetória ou origem, como por exemplo, saber a quem pertenceu o objeto anteriormente.

Começando pela tônica de amor aos livros, o capítulo inicial ocupa-se em tratar da história do livro e da escrita, do *status*/poder que o livro outorga a quem os possui e a apreensão de quem pretende se desfazer deles. Ainda no primeiro capítulo, os subcampos tratam de identificar quais os critérios que fazem um livro ter o certificado de raridade; do significado dos catálogos para os bibliófilos e sebastas; dos leilões de livros raros que são realizados; do colecionismo e o desenvolvimento das bibliotecas particulares e das definições de bibliofilia e bibliófilo. Nos capítulos seguintes, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin são apresentados a partir das trajetórias de vida, com referência a Guita Mindlin, figura importante na bibliofilia brasileira. Para finalizar, uma discussão sobre o que é a Coleção Brasileira e finalmente a exposição do legado de José Mindlin: o prédio da Brasileira USP.

Cabe salientar uma justificativa sobre o *apud*, utilizados a partir livro de Suelena Pinto Bandeira. Como são documentos de difícil acesso e por se tratar, boa parte, de documentos primários, as citações são relevantes e únicas para a composição desta pesquisa, nesse caso, foi inevitável o uso do *apud*, imprescindível para compor o texto apresentado.

2 LIVROS: AMOR, STATUS E APREENSÃO.

Ao observar uma biblioteca — com os livros organizados nas estantes inertes e indiferentes a tudo e a todos — é comum pensar que lá se encontram títulos diversos que possam atender a diversas demandas e expectativas. Confortáveis nos devidos lugares, com lombadas a identificar quem os escreveu e de quais assuntos tratam, cada um deles passa a impressão de estar se oferecendo para ser lido, manuseado e quem sabe, tornar-se o melhor amigo de quem se atreve a manuseá-lo:

Pegar um livro e abri-lo contém a possibilidade do fato estético. Que são as palavras impressas em um livro? Que significam esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. Que é um livro, se não o abrimos? É, simplesmente, um cubo de papel e couro, com folhas. Mas, se o lemos, acontece uma coisa rara: creio que ele muda a cada instante. (BORGES, 1985, p. 11)

Estático em formato e conteúdo, um livro pode despertar desejo ou repulsa; amor ou ódio; vontade de adquiri-lo, ou simplesmente, indiferença. Porém, uma vez despertado o amor, os demais sentimentos são totalmente aniquilados. O amor pelos livros dispensa explicações. Assim como existem pessoas que amam animais, há os que amam objetos inanimados e os colecionam, tais como vinhos, selos, quadros... E, livros!

Há uma arte de amar os livros, como há uma arte de amar ovidiana, uma arte de amar o amor. Querer bem aos livros é sentimento que se parece muito com o amor dos sexos. Em ambos há sensualidade e egoísmo. Não são raras as pessoas que sentem a *necessidade física* da leitura. O volume de prosa ou verso ocupa na vida de alguns eleitos um lugar tão importante como a mesa, o sono e o amor. (FRIEIRO, 2007, p. 11)

Relacionar os livros ao sexo não é uma prerrogativa de Friero, pois Umberto Eco (2014) não se fez de rogado e redigiu de maneira expressiva o amor aos livros:

Jogar fora um livro depois de lê-lo é como não desejar rever a pessoa com a qual acabamos de ter uma relação sexual. Se isso acontece, tratava-se de uma exigência física, não de amor. No entanto, é preciso conseguir instaurar relações de amor com os livros de nossa vida. Se o conseguimos, significa tratar-se de livros que se expunham a uma ampla interrogação, a tal ponto que a cada releitura nos revelam algo diferente. Trata-se de uma relação de amor, porque é de fato no estado de enamoramento que os apaixonados descobrem com alegria que cada vez é como se fosse a primeira.

Quando se descobre que cada vez é como se fosse a segunda, está-se pronta para o divórcio ou, no caso do livro, para a lixeira. (ECO, 2014, p. 19)

Para construir uma tríade de declarações de amor aos livros há um romance sobre a curiosa história de Giacomo, um livreiro de Barcelona, que:

Raramente era visto nas ruas, a não ser nos dias em que eram vendidos em leilão lotes de livros raros e curiosos. Então, não era mais o mesmo homem indolente e ridículo, seus olhos se animavam, corria, caminhava, saltitava, mal podia moderar sua alegria, suas inquietações, suas angústias e aflições: voltava para casa ofegante, esbaforido, sem fôlego, tomava o livro querido, olhava-o com ternura, contemplava-o e amava-o como um avaro o seu tesouro, um pai sua filha, um rei sua coroa. [...]

Oh! Ele era feliz, esse homem, feliz em meio a toda essa ciência cujo alcance moral e valor literário mal penetrava; era feliz, sentado entre todos esses livros, passeando os olhos sobre as letras douradas, sobre as páginas gastas, sobre o pergaminho desbotado: amava a ciência como um cego ama o dia.

Não! Não era de modo algum a ciência o que ele amava, mas sua forma e expressão: amava um livro porque era um livro: amava sua forma, seu título. [...]

Mal sabia ler. (FLAUBERT, 2001, p.18)

Completada a tríade do amor, que evidencia a necessidade da presença física do livro, o que mais poderia o livro causar nos fiéis colecionadores? A sensação de *status* social poderia ser uma das respostas. E teria o livro poder para tanto? Sim, ele tem! Evidenciado por Canfora (2008, p. 234): “A ideia de que os livros são investidos de um poder, ou de que eles comunicam um certo poder a seus proprietários, é uma concepção típica das sociedades arcaicas, mas ela se prolonga até os nossos dias”.

Seja em argila, pedra, papiro, pergaminho ou códice, o que se sabe é que a escrita revolucionou a vida humana e a informação seguiu mutável. Diferente de Giacomo (personagem de Flaubert, acima citado) que mal sabia ler e queria apenas admirar os livros, a ideia de ter disponível a informação contida em determinados suportes, desperta um desejo singular. Um grande exemplo é o sonho megalomaniaco da biblioteca de Alexandria, que de acordo com Martins (2002, p.74): “[...] se diz terem existido mais de setecentos mil volumes”. A necessidade de se ter o número máximo de volumes revela o quão grande era preciso mostrar o poder, o *status* informacional.

O grande estoque de livros reunido em Alexandria definiu uma nova concepção a respeito do valor do conhecimento. O objetivo era reunir tudo o que estivesse disponível, desde manuscritos da *Ilíada*, ou de *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, até as mais obscuras listagens de comentários falaciosos às obras de Homero, além de obras incorretamente atribuídas a Homero, obras que denunciavam essas falsas atribuições e refutações dessas denúncias. Ao patrocinar esse objetivo, os ptolomeus confirmavam a intuição essencialmente alexandrina de que o conhecimento é um bem, uma mercadoria, uma forma de capital a ser adquirido e entesourado. A centralização e consolidação das bibliotecas eram convenientes tanto para os governantes quanto para os intelectuais. Em tempos de guerra, infortúnio ou decadência, porém, essa centralização tornava-se um grave problema, pois toda a literatura contida ali estaria condenada a ter o mesmo destino que a biblioteca. (BATTLES, 2003, p. 36).

A importância de Alexandria despertou o medo do monopólio sobre a informação, principalmente nas áreas de Engenharia, Teologia e Medicina, nos que destruíram com fogo a Biblioteca, porém, esta: “[...] *ostentava* a singularidade de possuir manuscritos únicos de grande número de obras da Antiguidade que com ela desapareceram” (MARTINS, 2002, p.75, grifo nosso).

Quando os exércitos do califa chegaram a Alexandria, no século VII d.C., a lendária biblioteca já havia sofrido pelo menos um incêndio de grandes proporções. Aliás, não houvera uma biblioteca apenas, mas duas. A maior delas foi construída no século III a. C., no interior do Mouseion, ou templo das Musas. Sua ‘irmã’ menor foi criada um século depois no interior do templo de Serápis, deus egípcio helenizado e padroeiro da sincrética Alexandria, cuja proteção dos ptolomeus, sempre habilidosos no trato de questões teológicas, invocavam para si. Ambas as coleções estavam localizadas no Brucheion, parte da cidade onde ficavam os palácios reais, e é comum que se fale a respeito delas como se fossem uma coisa só. Fora dali, pelos quatro cantos da cidade, era possível encontrar uma grande quantidade de livros. Berço da manufatura do papiro, Alexandria foi o centro do comércio livreiro do Mediterrâneo praticamente desde a sua fundação até o terceiro século da nossa era. (BATTLES, 2003, p. 29)

A ostentação ainda é uma tônica da Biblioteca de Alexandria reconstruída pelo governo egípcio e inaugurada em 2002, recebendo o nome de Bibliotheca Alexandrina.

[...] a um custo de 220 milhões de dólares, atingindo 32 metros de altura e com uma circunferência de 160 metros, com espaço suficiente nas estantes pra guardar mais de 8 milhões de volumes, a nova Biblioteca de Alexandria também abrigará material audiovisual e acervos virtuais em seus amplos aposentos. (MANGUEL, 2006, p.28)

Figura 1- Bibliotheca Alexandrina



Fonte: UNIVERSIDADE de Passo Fundo, 2016.

Toda essa magnitude revela que antes existia apenas uma perspectiva do que havia sido a biblioteca de Alexandria, atualmente materializada graças a um projeto ousado do governo egípcio em parceria com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Na atualidade, obter a informação desejada se tornou mais fácil. A internet, e as máquinas de impressão participam diretamente da ação. Mas, para alcançar a tão desejada ausência de obstáculos, o caminho percorrido não foi curto, muito menos simples:

A história do livro levou a uma segunda mudança tecnológica quando o códice substituiu o pergaminho, logo após o início da era cristã. Por volta do século III, o códice – isto é, livros com páginas que são viradas em oposição a rolos de papiro que são desenrolados – se tornou crucial para a difusão do cristianismo. Ele transformou a experiência de leitura: a página surgiu como unidade de percepção e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado, que logo passou a incluir palavras diferenciadas (isto é, palavras separadas por espaços), parágrafos e capítulos, além de sumários, índices e outros auxílios à leitura.

O códice, por sua vez, foi transformado pela invenção da impressão com tipos móveis, na década de 1450. Sim, os chineses

desenvolveram os tipos móveis, por volta de 1045 e os coreanos utilizavam caracteres metálicos em vez de blocos de madeira por volta de 1230. Mas, ao contrário das inovações surgidas no Extremo Oriente, a invenção de Gutenberg se propagou de forma avassaladora, deixando o livro ao alcance de círculos cada vez mais amplos de leitores. Ainda que a tecnologia de impressão não tenha sofrido mudanças por quase quatro séculos, o público leitor ficou cada vez maior graças a melhorias na alfabetização, educação e acesso à palavra impressa. Panfletos e jornais, produzidos em impressoras a vapor com papel feito com polpa de madeira em vez de trapos, ampliaram o processo de democratização de modo a permitir o surgimento de um público de massa durante a segunda metade do século XIX. (DARNTON, 2010, p. 40).

Graças a Gutenberg, o códice se popularizou, fez e ainda faz parte da história das bibliotecas; e graças às bibliotecas, o universo das letras se alastrou. No Brasil, por exemplo, o ensino foi instituído pelas ordens religiosas, mais precisamente pelos Jesuítas. De acordo com Burke (2003, p. 29): “As igrejas podem ser consideradas, à sua revelia, fundadoras da vida de estudos como carreira”. Quanto ao desenvolvimento da educação no Brasil:

[...] Só começamos a engatinhar pelo caminho da cultura depois do estabelecimento dos conventos dos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, principalmente dos padres da Companhia de Jesus que logo após sua chegada abrem colégios na Bahia e em outras capitanias. (MORAES, 2006, p.4).

Os conventos não atuavam meramente como centro das ordens religiosas, mas como lugares de aprendizado de leitura, conseqüentemente, de cultura. O clero preocupou-se em oferecer uma boa formação aos seminaristas, a vocação despertada para os estudos resultou no aumento da procura por cursos universitários:

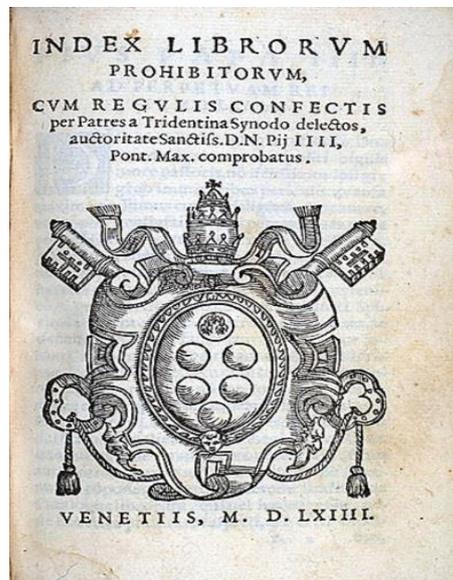
O aumento do número de estudantes no século XVI e início do XVII resultou em parte da nova função da universidade como instituição de treinamento para o clero das paróquias, e também da crescente demanda dos governos por funcionários formados em direito. (BURKE, 2003, p. 29)

Os livros ameaçam quando oferecem aos leitores uma fortuna social, cultural e intelectual que ninguém pode roubar: o conhecimento. Se conhecimento é poder e provém também do acesso aos livros, estes se tornam bastante perigosos, não foi por acaso que Portugal instalou a Real Mesa Censória, criada por Pombal em 05 de abril 1768, que substituíam os três poderes: o Santo Ofício, o Ordinário e o

Desembargo do Paço. A censura tinha como prática cercear a aquisição de novos saberes.

Desde o Concílio de Trento, em 1563, os reis católicos da Península Ibérica tinham concordado em executar os decretos e éditos particulares e subsequentes, que se traduziam no Tribunal da Inquisição, como política de controle de livros arrolados no *Index Librorum Prohibitorum*² publicado em 1559. A prática da censura estava na raiz do conhecimento a ser divulgado, o que levava ao estreitamento da produção de livros, à redução de bibliotecas, aos limites de acesso aos saberes. Apenas a um pequeno número de religiosos e letrados era permitido recorrer aos textos proibidos. (VERRI, 2006, p. 176).

Figura 2 - *Index Librorum Prohibitorum*



Fonte: WIKWAND, 2016.

A criação da Mesa Censória funcionou como um filtro das obras em circulação no Reino, que poderiam ser lidas em Portugal, sem interferir no governo do Marquês de Pombal. Como uma das justificativas para a criação, “alegava-se a incapacidade do antigo sistema dos três ‘poderes’ e o pouco rigor em evitar a entrada no reino de livros ofensivos à Monarquia, à Moral e à própria Religião Católica”. (MORAES, 2006, p.59). Ademais, o controle dos recursos intelectuais da população era tão importante para ‘governar’ quanto a cobrança de impostos.

A censura se estendeu ao Brasil, colônia de Portugal, após a chegada da família real em 1808. D. João pelo decreto de 27 de setembro de 1808 nomeou

² Índice de livros proibidos.

quatro censores régios. “Os primeiros censores régios indicados foram frei Antônio da Arrábida, padre-mestre João Manzoni, Luís José de Carvalho e Melo e o diretor da Junta Diretora da Impressão Régia, José da Silva Lisboa, futuro visconde de Cairu.” (CAMARGO, 2012).

Curiosamente, a censura teve um lado contraditório. Se havia um pequeno número de pessoas que podiam ter acesso livre aos livros proibidos, isto quer dizer que os exemplares não deixaram de existir, eram alocados em algum lugar:

Os caminhos dos livros são, porém, estranhos. As mesmas obras apreendidas ficavam sob custódia do Estado e eram assim preservadas. Isto é, os livros que o Estado português e a Igreja aprisionavam permaneciam guardados em acervos que não paravam de crescer. E não se pense apenas nos títulos religiosos ou considerados heréticos: havia ainda as obras de pensadores humanistas, sobretudo franceses, que pouco escapavam dos cortes bem-feitos dos inquisidores. Mal de alguns, sorte de outros... Por linhas tortas o acervo da Real Biblioteca enriquecia-se com alguns exemplares proibidos e tornava-se representativo até mesmo do pensamento humanista que o Estado buscava combater. (SCHWARCZ, 2002, p.139).

Subversivos, perigosos ou, pelo menos, intrigantes, após a vigência da censura, os livros tiveram a liberdade decretada em 02 de março de 1821 por D. Pedro I, atendendo as reivindicações da Corte portuguesa de liberdade de imprensa, possibilitando, segundo Mindlin (2004, p. 114) o: “[...] crescimento do mercado editorial”. Com o ritmo mais acelerado, a diminuição da produção artesanal e a produção em massa fato marcante da Revolução Industrial, possibilitou a difusão do livro e de outros materiais impressos.

Com o aumento do número de livros no mercado cresceram as coleções públicas e particulares, e estas que eram a alegria dos colecionadores, era também na mesma intensidade, a apreensão das viúvas e dos demais herdeiros. As viúvas, com raríssimas exceções, não participavam do *hobby* dos maridos colecionadores, e os senhores ao falecer deixavam de herança, como benção ou maldição, os livros, coleções inteiras, juntamente com a pergunta: o que fazer? O *ex-libris*³ elaborado por Haroldo Ferreira, intitulado: “Viúvas, alegria do sebo”, ilustra a intensidade das

³ “Vinheta desenhada ou gravada que os bibliófilos colam geralmente na contracapa de um livro, da qual consta o nome deles ou a sua divisa, e que serve para indicar posse.” (HOUAISS, 2004, p. 1285).

relações entre os sebistas e as viúvas, principalmente as que não conheciam o valor monetário do patrimônio cultural que os falecidos tinham deixado em forma de biblioteca. As mais informadas, além de negociar com sebistas recorriam aos leilões para arrecadarem um bom dinheiro.

Figura 3 - *Ex-libris* de Haroldo Ferreira



Figura 1: *Ex-libris* de Haroldo Ferreira (2004)

Fonte: Cavedon, 2007, p. 363.

Existem histórias de colecionadores que tinham medo de tomar uma represália da esposa por causa do prazer, quase oculto, de comprar livros:

[...] um amigo muito querido que tive e que morreu, não de moléstia do coração, como disseram os médicos, mas de frustração, pelo fato de não poder mais comprar livros, de medo da mulher. O meu pobre amigo só comprava livros pequenos, que podia levar para casa no bolso e escorregar entre os outros sem a mulher perceber. Quando esse bom homem me vinha ver, não dava a menor importância aos meus livros de pequeno formato.

Extasiava-se, folheando os meus *in-quartos*⁴, babava-se, sobraçando *in-fólios*⁵. Um dia perguntei-lhe maliciosamente por que não comprava livros grandes. Respondeu-me melancolicamente: "Ela percebe!" Tenho para mim, que a vida inteira sonhou possuir uma *Flora*, de Martius: uns quarenta volumes *in-fólio*! Quando meu amigo morreu, a viúva criminosa vendeu a biblioteca por uma pequena fortuna que nunca imaginou valessem os livros do bibliófilo frustrado. Mas o mais divertido da história é que, daí por diante, passou ela a elogiar sem medida o critério do marido, o tino financeiro que teve

⁴ "Diz-se da folha de impressão dobrada duas vezes, de que resultam um caderno com quatro folhas ou oito páginas." (HOUAISS, 2004, p. 1622)

⁵ "Diz-se da folha de impressão dobrada ao meio, de que resultam cadernos com 4 páginas". (HOUAISS, p. 1615).

em empregar dinheiro em livros que aumentam tanto de preço e não desvalorizam como o nosso cruzeiro [...]. (MORAES, 2005, p. 27-28).

Outros destinos também compõem a saga das coleções de alguns falecidos: os testamentos.

[...] alguns testamentos, verbas testamentárias ou inventários registram casos esporádicos de livros deixados como herança, em que se declarava o conhecimento que o doador tinha do apreço manifestado pelo herdeiro, quanto à obra que lhe havia sido destinada. (BESSONE, 2014, p. 50)

Médicos e advogados costumavam adquirir os títulos mais convenientes para o exercício da profissão, formando escritórios e/ou bibliotecas domiciliares. Com a manutenção da linhagem das profissões na família, por muitos anos, em alguns casos, a incorporação de novos títulos ao acervo ocorria de maneira natural. No inventário, o falecido determinava ou não para quem os livros seriam destinados, bem como o valor monetário da coleção. Muitas são as peculiaridades:

Todos esses inventários guardaram algumas características comuns, típicas do grupo estudado: presença de livros em casa ou nos escritórios, havendo maior incidência de temas ligados à formação profissional. Nesses casos, as bibliotecas eram arroladas com mais detalhes quanto aos títulos de interesse médico ou jurídico. Na maioria das vezes, era mais forte a preocupação com os registros minuciosos de bens de raiz ou ricos objetos de ouro e prata. Quando os livros eram brochuras ou tinham qualquer tipo de encadernação barata, sem muito interesse para venda, registravam-se preferencialmente o gabinete e os móveis. (BESSONE, 2014, p. 57)

Nessa via de mão dupla, bibliotecas inteiras dispersaram-se, passando a compor outros acervos. Aos herdeiros, restava aceitar o que continha nos testamentos deixados pelos antecessores. Essa associação de objetos, fatos e personagens envolvidos, mesmo isolados em tempos diversos compõe o que pode-se chamar de memória coletiva. Viúvas, herdeiros, bibliotecas incendiadas e censuras bibliográficas compartilham características, conservam informações de experiências vividas, remetendo aos costumes de uma época, a acontecimentos que podem ser lembrados, reconstruídos.

É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança

seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2009, p. 39)

Além de reconstruir, existem ações que podem destruir a memória coletiva. Como se não bastasse o descarte, a destruição pelo fogo e a censura, o livro, objeto fundamental da representação coletiva, coleciona ainda mais inimigos.

Há outros inimigos dos livros: aqueles que os escondem. Há muitos modos de esconder os livros. Não criando uma rede suficiente de bibliotecas volantes, escondem-se os livros, que afinal custam dinheiro, das pessoas que não o podem comprar. Dificultando o acesso às bibliotecas, de tal modo que para pedir dois livros seja necessário preencher dez fichas e esperar uma hora, subtraem-se os livros aos seus consumidores normais. Também se escondem os livros abandonando nossas grandes bibliotecas históricas à deterioração. É preciso combater aqueles que escondem os livros, porque são tão perigosos quanto as brocas. Não usaremos o Zyklon⁶, mas as armas políticas e civis mais adequadas. Mas devemos saber que eles são inimigos de nossa memória coletiva (ECO, 2010, p. 26).

De fato, os livros não se deixam ignorar em momento algum da história. Toda a trajetória está ligada a momentos diversos, seja na política, na religião, na vida social ou em questões puramente familiares. Independente do sentimento que desperte amor, ódio, raiva, indiferença, necessidade etc., o livro mantém a função principal: preservar e disseminar a informação.

2.1 O livro raro: como identificá-lo?

Desejo ímpar de qualquer bibliófilo, o livro raro não é tão fácil de ser identificado. A primeira impressão é que basta ser velho e estar esgotado para ser raro. Não é bem assim. O atestado de raridade requer mais itens, os bibliófilos são bem exigentes, melhor, sabem reconhecê-lo. O valor do livro raro pode ser determinado pelo mercado livreiro ou pelo próprio colecionador.

Tenho livros que adquiriram certo valor para mim menos por causa de seu conteúdo ou da raridade da edição do que em função dos vestígios nele deixados por um desconhecido, sublinhando o texto às vezes com diferentes cores, escrevendo notas na margem... Tenho, por exemplo, um velho Paracelso cujas páginas lembram um rendado, as intervenções do leitor parecendo bordadas com o teto

⁶ Pesticida a base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio.

impresso. Pondero sempre: tudo bem, não devemos sublinhar ou escrever nas margens de um livro antigo precioso. Ao mesmo tempo, pensemos no que seria o exemplar de um livro antigo com notas do punho de James Joyce... Nesse caso, minhas ressalvas caem por terra! (ECO, 2010, p. 97).

A fórmula não é fácil. Primeiros relatos de invenções, primeiras edições de obras literárias, características físicas como encadernações luxuosas, anotações, *ex-libris*, e tantos outros fatores podem determinar um livro raro. Em bibliotecas, a data de impressão do livro pode ser um conceito de raridade. Para Mindlin (1997, p. 50): “[...] a idade do livro em si não tem tanta importância. O que importa é o conteúdo da obra, o valor histórico ou gráfico da edição.”

Até para um bibliófilo experiente não é fácil definir o que é um livro raro:

[...] fico meio atrapalhado, pois é das coisas que a gente sabe, mas não consegue definir plenamente. O livro pode ser raro, por exemplo, por terem sido impressos poucos exemplares, ou por não se terem conservado os que se imprimiram, pelo interesse do texto, por ser uma primeira edição ou por ter uma revisão do próprio autor [...]. (MINDLIN, 1997, p. 29).

As explicações são muitas e cada colecionador tem as próprias motivações. Basicamente, é raro todo livro que se procura quando não se consegue encontrar. Essa poderia ser a mais fácil das definições. De acordo com Moraes (1998, p. 21): “[...] todo livro que cita pela primeira vez um fato importante, marca uma data na História, tem um valor bibliográfico universal, é procurado e se torna geralmente raro”. Outro problema para o autor é o item data, Mindlin corrobora com a ideia de que a data não é fator determinante para que o livro seja considerado raro, porém adquirir algo de quem nada entende do assunto pode ser uma tarefa bem difícil. Comprar de um particular é, muitas vezes, um verdadeiro problema.

Geralmente, as pessoas que possuem por acaso um livro antigo pensam, porque está datado de cem ou duzentos anos atrás, que possuem um tesouro. Imaginem um livro impresso há duzentos anos! Qualquer preço que se lhes ofereça parece-lhes pouco. Pensam sempre eu o comprador as quer enganar. É inútil explicar-lhes que há livros antiquíssimos que nada valem, que há outros, recentes, que valem muito, que isto e aquilo, enfim, todas as regras do mercado de obras antigas. (MORAES, 1998, p. 35).

Os colecionadores, muitas vezes, divergem sobre o conceito de livro raro, o que existe de consenso é o valor histórico das obras e os cuidados prestados, quanto à conservação e à guarda dos exemplares.

A importância maior de uma obra recai, para estes colecionadores, no objeto livro, que deve ser único ou existir em pequeno número e precisa estar em perfeitas condições de conservação. Isto significa manter, mesmo quando encadernado, a capa da brochura original, com o texto íntegro, sem falhas, e com as páginas limpas, sem manchas e furos devido à ação de insetos ou do tempo. Marcas de propriedade (*ex-libris*, carimbos, anotações e autógrafos do autor e/ou possuidor da obra) ou outras indicações que individualizem o exemplar, quando realizadas por pessoas de renome, podem até aumentar o valor de uma obra, mesmo se a cópia estiver em mau estado de conservação. (SANT'ANA, 2001, p. 3)

Alguns precedentes podem dificultar a elaboração exata do conceito de livro raro:

Que é livro raro?

Esta é uma questão que atormenta bibliófilos, curadores de acervos e eventuais proprietários de itens avulsos. Trata-se de uma pergunta de difícil resposta, por causa de dois precedentes:

1. é impossível pré-determinar as características de um livro raro, porque cada livro é um universo restrito de manifestações culturais – originais e acrescentadas; e
2. é difícil discernir sobre características postas em evidência, quando se tenta provar a raridade de um livro – os argumentos são frágeis, baseados no “inquestionável” pressuposto da antiguidade. (PINHEIRO, 2009, p. 31).

Para a autora, não existe uma forma sistemática de avaliar um livro raro, os fatores são relativos e essencialmente, subjetivos:

Partindo-se, pois das condições sociais, econômicas e culturais da formação de acervos, associados aos critérios de enfoques adotados por bibliófilos e bibliógrafos renomados e de opinião considerada, esses critérios poderão ser sistematizados – de forma flexível, claro – e ordenados de forma suscetível à aplicação nas mais diversas circunstâncias. (PINHEIRO, 1989, p. 22-23)

Alguns critérios são indicados para uma melhor avaliação do livro raro: “[...] limite histórico, aspectos bibliológicos, valor cultural, pesquisa bibliográfica e características do exemplar.” (PINHEIRO, 1989, p. 29-32)

Os acervos demandam o estabelecimento de critérios de raridade para uma melhor organização da informação. A escolha do tipo de organização depende unicamente de quem utiliza os recursos bibliográficos. O mesmo acontece com o

comércio de livros, cada sebista impõe regras próprias, tanto de organização quanto de preço.

2.2 Catálogos, leilões e sebos.

O primeiro instrumento criado para fins biblioteconômicos, no Brasil, foi um catálogo organizado pelo membro da Companhia de Jesus, Antônio da Costa.

Antônio da Costa (1647-1722) [...] conhecia quase todos os ofícios ligados ao livro, como os de tipógrafo, impressor, encadernador e bibliotecário. Como tal, chegou a dirigir a biblioteca do Colégio da Bahia, cujo catálogo organizou. [...] tratava-se de um catálogo sistemático, com índice onomástico. (FONSECA, 1979, p. 15)

Catálogos, bibliografias, repertórios, listas ou relação de itens disponíveis para compra, disponibilizado pelos livreiros, foram durante muito tempo a fonte de pesquisa principal dos bibliófilos. Os sebos, as livrarias e os leilões são lugares onde eles se encontravam. Para comprar livros estrangeiros, as alternativas eram os catálogos.

Os livros estrangeiros nos primeiros anos eram para mim criaturas mitológicas, que publicavam excelentes catálogos, mas anunciando livros que me eram inatingíveis. Nesse período, tive com eles uma relação unilateral, pois escrevia pedindo seus catálogos que eles me mandavam provavelmente pensando que fosse um bibliófilo de país exótico, e certamente não imaginando que os catálogos iam parar nas mãos de um menino de calças curtas e, depois, de um adolescente ansioso por satisfazer uma intensa curiosidade, mas sem ser comprador. (MINDLIN, 2004b, p. 77)

Os catálogos não estavam restritos à venda de livros, estavam também, disponíveis nas bibliotecas. No tempo em que morou e estudou em Genebra, Moraes (2011, p. 77), fez bom uso deles: “[...] aprendi à minha custa a consultar um catálogo, a usar os livros de referência colocados ao redor da sala de leitura, a utilizar todos os recursos de uma biblioteca”:

A aquisição de livros a partir dos catálogos requer alguns cuidados.

Quem compra a partir de catálogos deve possuir, [...] um faro apurado. Datas, nomes de lugares, formatos, donos anteriores, encadernações, etc.: todas essas coisas devem ter um significado para ele [o bibliófilo], não só como fatos isolados e áridos, mas devem se harmonizar, e, pela qualidade e intensidade dessa

harmonia, o comprador deve ser capaz de reconhecer se um livro lhe convém ou não. (BENJAMIN, 1995, p. 231, grifo nosso)

Os catálogos tinham a função de informar os livros disponíveis nas bibliotecas e nos sebos. Atualizados com frequência era uma justaposição, a reunião de títulos e características, que interessava veementemente aos bibliófilos. Com esse formato, era possível saber quais os títulos mais procurados pelos leitores, além de ser um facilitador da comunicação entre vendedores e clientes. Mindlin (1997, p. 54) confirma que: “[...] nos bons catálogos se aprende muita coisa”.

Na busca de informações é preciso saber diferenciar bibliografias e catálogos. Uma bibliografia relaciona títulos para consulta sobre determinado assunto a ser pesquisado. O catálogo é também uma bibliografia mas para fins comerciais, sendo assim, um catálogo pode ser considerado uma bibliografia, mas uma bibliografia nem sempre é um catálogo.

[...] para qualquer um que os consulte, as bibliografias e os catálogos históricos são fonte de saber e ao mesmo tempo caminhos de perdição. De fato, há uma diferença radical entre uma bibliografia como repertório de textos a consultar e uma bibliografia como descrição de objetos a possuir. (ECO, 2014, p. 60-61).

A ordenação bibliográfica e/ou de autores, ou qualquer outra que facilite a busca dos títulos, além de apresentar um significativo número de exemplares, cuidava de informar aos colecionadores interessados a existência de cada título, que devia culminar, provavelmente, em um aumento nas vendas.

Como em qualquer comércio, é necessário saber qual o produto do concorrente, por isso, muitos livreiros liam os catálogos das demais livrarias para saber o que estava disponível no mercado editorial. Os catálogos não deixaram de existir, apenas mudaram de *layout*, a informática e a *internet* tornaram a proposta de apresentação das listas diferente, mais condizente com os recursos eletrônicos disponíveis no mercado, bem como, com perfil do usuário do universo *online*.

Além dos catálogos, os leilões fazem parte do mundo bibliófilo, pois regem a economia do comércio de livros raros:

O livro antigo, como toda mercadoria, está sujeito à velha lei da oferta e da procura. Os seus preços são regulados pelos leilões de

Londres, de Paris, de Nova Iorque, de Genebra e de outros grandes centros. O livro antigo é uma mercadoria internacional, seu preço é regulado em moeda forte. (MORAES, 1998, p. 29).

Participar de um leilão de livros raros requer foco e disciplina, além de conhecimento sobre o assunto:

Um leilão de colecionadores requer capacidades totalmente distintas. Para o leitor de catálogos o que deve contar é o livro em si ou então seu proprietário anterior, se a procedência da cópia estiver determinada. Quem pretende tomar parte de um leilão deve concentrar a atenção equitativamente no livro e nos concorrentes e, acima de tudo, manter a cabeça fria o bastante – o que, no entanto, raramente ocorre – para não ser arrastado pela disputa e assim não se ver, por fim, enforcado por um preço alto num ponto em que ofereceu mais, antes para fazer frente ao adversário do que para adquirir o livro em si. (BENJAMIM, 1995, p. 231-232)

No Brasil, os leilões de livros raros podem ser encontrados na *internet*, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia são alguns dos estados onde é possível a compra de livros em leilões. Sites como “Babel Leilões”, “Leilões BR” disponibilizam em lotes os livros raros. Agora, o catálogo tornou-se *online*, não mais impresso, possibilitando entrar em contato com o leiloeiro, indicar o item a um amigo, adicionar o endereço a uma lista de itens favoritos e acompanhar as condições do leilão.

Para avaliar o produto, as descrições encontram-se ao lado da foto, na qual o interessado no produto pode ver mais detalhes; colocando o cursor do *mouse* sobre a foto a imagem é ampliada. Tanto o catálogo *online* como o impresso, precisam apresentar um *layout* agradável aos olhos do cliente. É uma das opções de busca de produtos, por isso, não pode ser negligenciado quanto: a forma de apresentação, diagramação, grafia correta e muita criatividade.

Entre catálogos e leilões estão também as livrarias ou sebos; os livreiros ou sebitas:

A importância dos sebos está no fato de serem espaços que, além de possibilitarem um preço mais acessível para o livro, permitem que se encontrem ali edições esgotadas, já fora de circulação do mercado, bem como livros raros e coleções valiosas. Os sebos permitem, ainda, outras formas de negociação que as livrarias de livros novos não utilizam como troca e compra de livros. (DELGADO, 1999, p. 53).

A dinâmica do mercado editorial desde a chegada da imprensa no Brasil não possibilitou o registro preciso do surgimento do comércio de livros usados. É sabido apenas que nas primeiras décadas de 1800 existiam os leilões e o comércio de livros usados, sem precisar a quantidade exata de livrarias.

No Rio de Janeiro os leilões eram frequentes como não podia deixar de ser numa praça comercial de importância. [...] Não resta dúvida que o comércio de livros novos e usados importados e impressos no Brasil, estava bastante desenvolvido na capital depois da corte portuguesa. (MORAES, 2006, p. 51)

Em 1879, no Rio de Janeiro, Pedro da Silva Quaresma fundou a Livraria Quaresma, que conservou este nome até 1960. O intuito era a publicação de livros de baixo custo. Hallewell (2005, p. 275) registra que “a Quaresma exercia especial atração como ponto de encontro dos escritores mais jovens (e, por isso, mais pobres), em grande parte, parece, porque seu negócio como livraria estava quase todo baseado em livros usados!”. No século XX a livraria São José, de propriedade de Carlos Ribeiro, promovia a venda de livros usados: “No entanto, desde 1947, a loja de Ribeiro dedicou-se principalmente aos alfarrábios: parece que, por não ter de conceder tanto desconto ao comprador, o livro usado dá mais lucro.” (HALLEWELL, 2005, p. 276).

Apartados os registros formais de surgimento dos sebos, pode-se afirmar que as experiências nessas livrarias foram plurais e únicas. Um expressivo exemplo foi a maneira como Mindlin conseguiu a façanha de fazer consignação de livros e passou meses sem gastar um centavo.

Na Praça João Mendes funcionou a Livraria do Povo, de dois irmãos muito simpáticos, e dobrando a esquina, já no Largo da Sé, a Livraria Odeon, onde descobri o mapa da mina de livros baratos. Aproveitando a diferença de preços existente no mercado, que era bem grande, comecei a pegar livros que estivessem por baixo preço em um sebo e deixar em consignação em outros que cobrassem bem mais caro, para posteriormente receber o saldo em livros, sem querer ver dinheiro. O processo se generalizou, e depois de uns meses com crédito em todos eles, passei a poder comprar livros sem qualquer desembolso. (MINDLIN, 2004b, p. 73).

Além do bom faro de bibliófilo, a amizade com os livreiros faz uma grande diferença na aquisição de livros raros. A raridade do produto reforça a necessidade de encontrar o que o cliente procura, afinal, o livro, teoricamente, não existe mais no

mercado (pelo menos nas grandes livrarias). Ao encontrar o objeto desejado, o livreiro entra em contato com o cliente e além da negociação, uma boa amizade pode surgir, facilitando, assim, futuras negociações.

No ano de 1946, havia uma livraria centenária em Londres, a *Maggs Brothers*, onde os clientes eram recebidos em uma sala reservada, sem acesso ao acervo. Em algumas raras exceções era permitido o acesso às estantes:

[...] eles foram buscar uns duzentos livros para ver se algum me interessava. Naquela época, os clientes eram recebidos na sala, [...] pois não era facultado o acesso ao acervo. Examinei os livros e disse que nenhum deles era de meu interesse. Vieram mais duzentos e escolhi uns dois ou três. Na terceira vez, aconteceu a mesma coisa com outros duzentos. E aí fui surpreendido com a declaração de um dos diretores, John Maggs, que achava melhor eu mesmo percorrer as estantes. A inspeção de livros na sala de recepção, pelo jeito, era um teste, e foi nessa ocasião que a nossa amizade se formou. (MINDLIN, 2009, p. 58)

A troca de informações entre livreiro e colecionador serve para ambos descobrirem peculiaridades sobre os livros raros. Um exemplar pode estar superfaturado quando não vale muito, muitas vezes, o colecionador está disposto a pagar muito e acaba encontrando o livro por uma pechincha. Pelos relatos de experiência dos bibliófilos, pechinchar pode não ser uma boa ideia, por isso, a relação de amizade e confiança entre ambos deve existir.

O *modus operandi* de cada sebo é diferente, tudo é muito subjetivo e as variações são ilimitadas. O bom sebista sabe conquistar o cliente, os produtos tem um preço justo; o mau, preocupa-se apenas em ganhar dinheiro, independente da satisfação do cliente. Assim é o mundo dos negócios. Os bibliófilos não costumam se arrepender do que compraram, apenas do que deixaram de comprar.

O possibilidade de escolha da informação, por parte do leitor, faz parte do processo de seleção e aquisição de materiais informacionais, McGarry (1990, p. 7) diz que: “[...] a palavra-chave é relevância e a medida de nosso discernimento é a rejeição do irrelevante”. E dessa relevância que o bibliófilo faz uso na compra dos livros, no processo de aquisição que para Andrade e Vergueiro (1996, p. 1): “[...] tem-se mostrado sempre como um fascinante desafio intelectual”. A busca por títulos

raros, chamado de garimpagem no mundo da bibliofilia, é tão rigorosa quanto à aquisição de livros para uma biblioteca pública ou particular.

À aquisição caberá um trabalho minucioso de identificação, localização dos itens e sua posterior obtenção para o acervo, qualquer que seja a maneira de tornar isso possível. E não é uma tarefa assim tão automática, pois, infelizmente [...] os títulos selecionados não se encontram acenando para eles ao dobrar a esquina, a gritar 'olha eu aqui, olha eu aqui' e quase que implorando para serem adquiridos. Muitas vezes, realizar o trabalho de aquisição assemelha-se a procurar uma agulha em um palheiro, tantas são as possibilidades existentes. É uma atividade que exige perseverança e atenção aos detalhes, de maneira a evitar um descompasso entre o que foi escolhido primordialmente para aquisição e aquilo que afinal chega às mãos do usuário. (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996, p. 6, grifos do autor).

A compra de livros demanda tempo, observação e muita paciência. “O mercado de edição e comércio de livros [...] tem características próprias que o diferenciam dos outros mercados. É absolutamente uma falácia pensar, por exemplo, que adquirir livros é a mesma coisa que adquirir cadeiras para a biblioteca” (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996, p. 10). A seleção desses materiais na bibliofilia tem critérios inerentes ao gosto dos bibliófilos, e os mais observados seriam relevância, aspectos especiais e custo. A relevância trata do interesse do usuário; do que é de fato útil para compor o acervo e não ser apenas mais um título para aumentar o número de livros já existentes. Os aspectos especiais são os itens que tornam o livro um objeto único, como encadernações, ilustrações, erros do autor, assinaturas, etc. Isso porque os bibliófilos não estão em busca só do autor, do título ou do assunto, mas de um conjunto de elementos que agregam valor ao livro. Por fim, o custo. Como se tratam de obras raras, os preços podem chegar à cifras absurdas. Para isso, o bibliófilo precisa avaliar com bastante atenção se é compensatório ou não adquirir determinado exemplar.

Mesmo com a existência de uma lista de critérios para a seleção de materiais, Vergueiro (2010, p. 10) é congruente ao reconhecer que: “[...] uma biblioteca que só armazena livros já tem um grande critério de seleção estabelecido, bastando apenas refiná-lo.” No caso das bibliotecas especializadas, como as de obras raras dos bibliófilos, Vergueiro (2010, p. 12) afirma que: “[...] a primeira questão a ser respondida estará ligada à definição temática do acervo.” Após a seleção e

aquisição dos exemplares, automaticamente está iniciado o processo de desenvolvimento da coleção.

2.3 Colecionismo e bibliotecas particulares.

Não se ergue uma biblioteca apenas pelo desejo, mas pelo esforço contínuo e harmonia nos detalhes. Não basta formar uma coleção de livros e afirmar que existe uma biblioteca. Com o mercado editorial extraordinariamente dinâmico desde a invenção da tipografia por Gutemberg, é imprescindível que o desenvolvimento da coleção esteja em sintonia com as inovações.

Mas como seria desenvolver uma coleção?

Desenvolver uma coleção é como organizar um guarda-roupa pessoal: cada um tem critérios próprios para definir as vestimentas que dele farão parte e esses critérios variarão segundo características individuais, como altura, peso, etc. Os critérios sugeridos não são uma fórmula passível de generalização, mas apenas algumas das muitas possibilidades existentes. Assim devem ser encarados. (VERGUEIRO, 2010, p. 18).

A finalidade da coleção é oferecer uma variedade de títulos, não apenas em números, mas visando a utilidade, bem como causar entusiasmo tanto para quem faz a coleção quanto para quem busca a informação. Na bibliofilia, são os colecionadores quem buscam os títulos que lhe serão úteis. É um tipo de controle bibliográfico pessoal, especializado e restrito.

Mas algo primordial é indicado por Figueiredo (1991, p. 31): “[...] uma das questões de maior importância é a seleção dos recursos informacionais com maior potencial de uso para ser incorporado à coleção.” Diante dessa afirmação pode surgir uma dúvida: se o uso é o foco, como fica a situação dos bibliófilos que nem sempre leem tudo o que compram?

A explicação seria que os bibliófilos podem não ler tudo o que compram, mas sabem exatamente o conteúdo de cada um dos títulos que possuem, pois não o compraram apenas para aumentar a coleção, mas com o propósito claro de ter para

si a informação escrita ou a informação em forma de arte, como no caso dos livros encadernados com bastante requinte e riqueza de detalhes. É o que Figueiredo (1991, p. 32) chama de: “[...] atingir mais às necessidades da comunidade do que para atingir um padrão abstrato de qualidade.” A partir da prática de anos de busca por títulos específicos as necessidades do bibliófilo tornam-se objetivas, conseqüentemente, o acervo contém uma qualidade notável.

O ato de colecionar objetos tem, inicialmente, a finalidade de satisfazer uma necessidade ou um prazer de quem os coleciona. É, exclusivamente, uma questão de gosto pessoal. A busca e a guarda dos objetos apontam uma ideia de posse, de propriedade. Seja lá o que se deseja colecionar, guardar ou possuir o objeto perde o sentido prático e passa a ser um objeto pessoal, abstraído da função inicial, como menciona Salcedo (2010, p.96) “parece que o objeto é des-historicizado, unicamente válido numa loja sincrônica da coleção.”

Todo objeto tem desta forma duas funções: uma que é a de ser utilizado, a outra de ser possuído. A primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo, a outra um empreendimento de totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo. Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra. Em última instância, o objeto estritamente prático toma um estatuto social: a máquina. Ao contrário, o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se um objeto de coleção. (BAUDRILLARD, 2012, p. 94).

A relação entre o colecionador e os objetos é única, hedonista e intransitável por outrem, a não ser com permissão. A coleção é algo a ser visto e apreciado; não está disponível para ser utilizado e não está à venda. Os primeiros humanos colecionavam objetos, mesmo com a finalidade do uso. A coleção para contemplação nada mais é que um aperfeiçoamento das atitudes humanas. Salcedo (2010) ao dissertar sobre a filatelia faz alusão às mudanças que podem ocorrer com o passar dos anos, nos objetos colecionados e no próprio colecionador.

O selo postal oferece a oportunidade para que possamos, se olharmos atentamente, perceber as transformações pelas quais temos passado, como conduzimos o desenvolvimento tecnológico, como nos distanciamos ou aproximamos do outro, como lidamos como as diferenças e semelhanças, como continuamos contanto a nossa própria história e a da Natureza [...] (SALCEDO, 2010, p. 73)

Relacionado às pessoas de posse, reis e imperadores, o ato de colecionar, possivelmente, teve início a partir da coleta e guarda de oferendas e objetos funerários, como defende Pomian (1984). A definição de coleção para o autor trata-se de: “[...] qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado, preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.” (POMIAN, 1984, p. 53).

As coleções religiosas da Idade Média eram uma forma de salvaguarda do patrimônio das igrejas; os museus⁷, espaços de suporte do saber, quando garante às gerações futuras a memória de fatos históricos importantes, são, em muitos casos, compostos de coleções que antes tinham caráter privado. Por meio desses objetos o conhecimento do passado é rememorado para além da cultura escrita. Se não fosse o início das coleções particulares, que atualmente servem de exposição para milhares de pessoas em todo o mundo, como seria possível desvendar certos aspectos da história humana?

Existem algumas semelhanças na organização do acervo entre os museus e as coleções particulares. A primeira é que antes dos objetos serem coleção eles tinham uma vida anterior, provavelmente, uma vida “ativa”; em um segundo momento passam a fazer parte da decoração dos objetos de coleção e preencher as paredes vazias dos museus:

Não se pode, com efeito, sem cometer um abuso de linguagem, alargar a noção de utilidade a ponto de atribuir a objectos cuja única função é a de se oferecerem ao olhar: às fechaduras e às chaves que não fecham nem abrem porta alguma; às máquinas que não produzem nada; aos relógios de que ninguém espera a hora exacta. Ainda que na sua vida anterior tivessem um uso determinado, as peças de museu ou de coleção já não têm. Assimilam-se assim a obras de arte que não têm uma finalidade utilitária, enquanto produtos para ornamentar as pessoas, os palácios, os templos, os apartamentos, os jardins, as ruas, às praças e os cemitérios. Todavia não se pode dizer que as peças de colecção ou de museu estejam lá

⁷ Outros formatos de museus estão sendo criados, a exemplo do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo, criado em 2006 “Dedicado à valorização e difusão do nosso idioma (patrimônio imaterial), o Museu da Língua Portuguesa apresenta um formato expositivo diferenciado das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos”. O *design* diferenciado da exposição foi crucial para que o acervo do museu, acometido de um incêndio de grandes proporções em dezembro de 2015, não tenha sido extinto. (SÃO PAULO (ESTADO), 2016)

para decorar. Porque decorar, dispendo quadros e esculturas, significa quebrar a monotonia das paredes vazias que já existem para torna-las agradáveis. Pelo contrário, nos museus e nas grandes coleções particulares levantam-se ou arranjam-se paredes para aí dispor as obras. (POMIAN, 1994, p. 51-52).

Além de informar sobre alguém, ou alguma época, as relações entre pessoas e objetos pode ocorrer em quatro níveis:

As pessoas se relacionam com os objetos e as coisas de formas diferentes. Num primeiro nível de forma direta, fazendo prevalecer o valor utilitário desses objetos. Num segundo nível, quando alguns objetos são feitos para agirem produzindo ou modificando outros objetos como é o caso dos instrumentos e das ferramentas. Um terceiro nível é possível quando vínculos com objetos são estabelecidos por caminhos indiretos, por mediações simbólicas, seja pela linguagem ou por imagens. E, por último, num quarto nível, o caso da acumulação, ou seja, o ato de colecionar objetos com a finalidade de sua simples posse ou exibição. (MURGUIA, 2009, p. 89-90).

Independente dos níveis das relações ser humano-objeto, o ato de colecionar remete a uma completude, ao desejo de guardar coisas, algo oposto à utilidade do objeto colecionado. Benjamim (2007, p. 239) explica o que seria esta completude: “[...] é uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção.”

Dentro de toda complexidade envolvendo o ser humano, existem afirmações de um condicionamento do ato de colecionar com a compensação das fases sexuais:

A fase ativa de colecionamento parece situar-se entre sete e doze anos, no período de latência entre a pré-puberdade e a puberdade. O gosto pela coleção tende a desaparecer com a eclosão pubertária pra ressurgir algumas vezes logo depois. Mais tarde, são os homens de mais de quarenta anos que frequentemente são tomados por esta paixão. Enfim, uma relação com a conjuntura sexual é visível por toda a parte; a coleção aparece como uma compensação poderosa por ocasião das fases críticas da evolução sexual. (BAUDRILLARD, 2012, p. 95).

Para alguns colecionadores como Moraes (1998, p. 17): “[...] o dom de colecionar é uma compensação para algum complexo. Em muitos casos é

simplesmente um complexo de fuga, uma ‘Pasárgada’ que ajuda a suportar guerras, inflações, desejos frustrados ou simplesmente uma mulher tagarela.”

Essa visão masculina de complexos e compensações sexuais, por sinal bem reducionista, talvez ocorra pelo fato de serem poucas as mulheres na história da bibliofilia, sendo uma das exceções Guita Mindlin, esposa de José Mindlin. As conversas e trocas tanto de livros quanto de ideias aconteciam entre homens, que na maioria dos casos eram alvos de reclamações das esposas, tanto pelo volume de livros acumulados em casa, quanto pelos altos preços que algumas vezes era preciso pagar por um livro raro. Tudo isso contribuiu para tornar a bibliofilia um *hobby*, exercido na maioria das vezes por homens.

Ao especular sobre o ato de colecionar, juntar e organizar objetos é possível identificar o que é importante para o indivíduo, como o gosto pessoal, evitando que coisas julgadas serem importantes se percam. Assim acontece com a formação das coleções bibliográficas particulares, um patrimônio constituído, preservado e possível de ser transmitido às gerações futuras.

As bibliotecas particulares surgiram, muitas vezes, de modo desprezioso. Mindlin (2013 p. 6) faz questão de afirmar que: “[...] a Biblioteca não foi planejada. Ela foi crescendo [...] ao sabor dos nossos interesses, e tendo como principal objetivo a leitura, e não o desejo de colecionar.” O início da formação de uma biblioteca pode-se dizer que seja fácil, mas, difícil é parar quando o leitor percebe que se tornou um colecionador e busca incessantemente, completar o acervo. Se isso é possível, só a história de cada um, e o tempo, poderá dizer.

Uma das características do colecionador de livros, ou bibliófilo, é que o consumo de livros não é um consumo banal, um consumo pelo consumo, mas algo cultural, intelectual, erudito, que se sobrepõe ao simples ato de comprar, ao ato de adquirir algo para dele ter a posse. A percepção sobre a diferença entre a aquisição de livros comuns e livros de coleção ocorre quando:

[...] os livros são tratados enquanto objectos, isto é, que se colecionam as belas encadernações, as obras ilustradas, etc. [...] Existem todavia bibliotecas que recolhem unicamente livros de onde se extraem as informações necessárias ao exercício das atividades

económicas; estas bibliotecas não podem então ser assimiladas às colecções. (POMIAN, 1984, p. 53).

O autor ainda faz referência a um paradoxo no conceito do que seria “coleção”, a respeito do valor de uso.

O paradoxo é o seguinte: por um lado, as peças de coleção são mantidas temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades económicas, mas, por outro lado, são submetidas a uma protecção especial, sendo por isso consideradas objectos preciosos. E, com efeito, são-no, visto que cada uma delas corresponde a uma soma de dinheiro. Numa palavra, e é este o paradoxo, têm um valor de troca sem terem valor de uso. Como se poderia atribuir-lhes um valor de uso, visto que se compram não para serem usados, mas para serem exposto ao olhar? (POMIAN, 1984, p. 53-54).

Em torno de toda grande coleção de livros existe uma curiosidade eminente, a de saber se o colecionador conseguiu a façanha de ler tudo o que comprou. A resposta é sempre a mesma: não! Apesar do gosto pela leitura, que todo bibliófilo deve ter, o ato de colecionar nem sempre possibilita a leitura de tudo o que é adquirido, Mindlin (1997, p. 192) atribui essa dificuldade ao tempo: “[...] o principal desses obstáculos é o tempo. Por mais que se leia, não se consegue ler tudo o que se deseja, e, por isso mesmo, a seletividade se impõe.”

O fato do colecionador não ler todos os livros que possui cabe comparação com o uso de objetos aos quais se atribui um valor especial, utilizados apenas em seletas ocasiões:

[...] tudo o que se diz do ponto de vista de um colecionador autêntico é esquisito. [...] vocês não de perguntar – uma característica do colecionador não ler livros? Dir-se-ia que é a maior das novidades. Mas não, pois especialistas podem confirmar que é a coisa mais velha do mundo, e menciono aqui a resposta que Anatole France tinha na ponta da língua para dar ao filisteu que, após ter admirado sua biblioteca, terminou com a pergunta obrigatória: - E o senhor leu tudo isso, *Monsieur* France? – Nem se quer a décima parte. Ou, por acaso, o senhor usa diariamente sua porcelana de Sèvres? (BENJAMIN, 1995, p. 229-230).

As críticas sobre a não leitura de todos os livros adquiridos pelos bibliófilos é algo constante, no entanto, o prazer de tê-los e, em alguns casos, poder disponibilizá-los para outros leitores é o que satisfaz o colecionador de livros:

Me dou conta de que pessoas críticas podem me perguntar por que comprei tantos livros que não li, nem vou conseguir ler. A resposta é muito simples: pelo prazer que a compra de livros me proporcionou

no curso de minha vida. [...] Li muito durante minha vida inteira. Isso foi, e continua sendo, um importante fator de consciência tranquila por ter formado uma biblioteca da qual só li uma pequena parte, diria que sete a oito mil volumes. Sei que daqui por diante não poderão ser muitos mais, mas não perco o sono por isso, outros lerão os livros que não li. (MINDLIN, 2004, p. 97-99).

Deixando de lado as excentricidades, o fato é que os bibliófilos além de lidar com as curiosidades alheias precisam ter paciência e dedicação com o acervo para manter as coleções livres dos males como fungos, alteração de temperatura, poeira e tudo o mais que venham a destruir os livros considerados verdadeiros tesouros. Os grandes acervos precisam estar catalogados, muitas vezes alguns exemplares, para uma conservação mais prolongada, precisam ser restaurados e a manipulação pode vir a ser restrita. A falta de espaço é um dos problemas mais comuns. Acontece que, o espaço onde as obras são armazenadas não foram projetados para receber um grande acervo, com isso mudanças são sempre necessárias.

Começando pelos males que circundam os livros, além da ação do tempo, a umidade e os fungos são problemas que requerem combates frequentes. Em países como o Brasil, devido ao clima, a deterioração dos livros é algo muito comum.

O clima brasileiro é, em geral, nefasto aos livros. Não há ambiente melhor para a proliferação de insetos, que atacam os livros, e para a formação do mofo, que danifica o papel e a encadernação. Nada pior para os livros. Infelizmente, em muito poucas partes do Brasil, o livro envelhece sem moléstias. (MORAES, 1998, p. 91).

Quanto aos cuidados, Moraes (1991) faz advertências, criticando os diversos tratamentos alternativos usados para matar os insetos, tais como o uso de querosene, que para o autor em vez de afugentar as pragas, afugenta o bibliófilo. A qualidade do papel também é alvo de críticas do autor, alegando que os papéis antigos de linho eram menos propícios à umidade, uma vez que este recebia no processo de fabricação um banho de cola, tornando-o mais resistente. Já os livros fabricados em papéis de madeira ou *bouffant*, não possuíam uma boa qualidade.

Dos livros fabricados com papel de má qualidade são destaque os impressos na Semana de Arte Moderna:

Os livros de Mário de Andrade e de quase todos os escritores da Semana de Arte Moderna foram impressos em papéis péssimos. Já, hoje em dia, essas primeiras edições, verdadeiros marcos da

literatura brasileira, encontram-se todas manchadas de fungo e não durarão muitos anos mais.

Como se vê, proteger os livros contra a umidade é tão importante quanto protegê-los dos bichos. (MORAES, 1998, p. 93).

Cada vez que um livro é manuseado, a vida útil diminui. É a alteração do estado de repouso para aquilo a que o livro se destina: informar. Outros fatores influenciam na deterioração: o sol, a luz elétrica, a temperatura, o clima, a forma como é manuseado, objetos como *clips*, marcadores de texto, fitas adesivas, uso de caneta, dobraduras na orelha e as mãos sujas.

A preservação da memória escrita exigiu a invenção e adequação em outros formatos: *tablets*, *smartphones*, *sites* de livros *online* e a digitalização. Ignorando todas essas configurações, o livro continua a resistir ao formato clássico e imbatível. Não que os outros formatos sejam ruins, muito pelo contrário, são tão importantes quanto, mas, definitivamente, não são livros. São formas exteriores diferentes de se apresentar um texto.

Essas formas servem para tentar preservar o conteúdo informacional, o que há na memória de papel, tornou-se digital. Mas é falho e tem um tempo de vida útil assim como o livro de papel. O que é lançado na internet não se sabe de fato o rumo que irá tomar, é um ambiente em constante mutação, mas tudo o que depende de *softwares* ou *hardwares* não é confiável. Quem nunca perdeu dados em um computador? Desde a criação dos disquetes a informação sofre de desaparecimento súbito. CD's, DVD's, *pendrives* e tudo o mais que surgiu e irá surgir, são de fácil deterioração, seja por armazenamento e uso inadequados, ou por um vírus, que poucos conhecem a vacina. Recuperar um documento perdido, muitas vezes, é quase um milagre.

Para mim, quando leio hoje as anotações que faço durante a leitura são mantidas na memória vicária do meu computador. Tal como o estudioso renascentista que podia perambular à vontade pelas câmaras de seu palácio da memória para recuperar uma citação ou um nome, eu entro cegamente no labirinto eletrônico que zumba atrás do monitor. Auxiliado pela memória dele, posso lembrar mais exatamente (se a exatidão é importante) e mais copiosamente (se a quantidade parece valiosa) do que meus ilustres antepassados, mas ainda preciso ser aquele que encontra uma ordem nas notas e tira conclusões. Trabalho também com medo de perder um texto 'memorizado' – medo que para meus ancestrais só vinha com as dilapidações da idade, mas que para mim está sempre presente:

medo de uma falta de energia, de tocar na tecla errada, de uma falha no sistema, de um vírus, de um disco defeituoso, coisas que podem apagar tudo da minha memória, e para sempre. (MANGUEL, 2001, p. 80).

Manguel (2001) abriu mão da mnemotécnica⁸ mencionada por Le Goff (2003), para evitar que a memória auxiliar se apague para sempre. Já as personagens do mundo digital não perdem a esperança, inventam e se reinventam o tempo todo. “Um império se monta sobre o que desmonta da memória anterior” (HOLANDA, 2013, p. 7), seria esse o objetivo do mundo digital? Possivelmente, sim.

[...] o *Google* começou a digitalizar livros de bibliotecas de pesquisa, permitindo buscas em textos integrais e tornando obras em domínio público disponíveis na internet sem custo algum para o usuário. [...] A empresa também digitalizou um número cada vez maior de obras de bibliotecas que estavam protegidas por *copyright*, de modo a fornecer serviços de busca que exibiam pequenos trechos do texto. Em setembro e outubro de 2005, um grupo de autores e editores moveu uma ação popular coletiva contra o Google, alegando violações de *copyright*. Em 28 de outubro de 2008, após negociações demoradas e secretas, os litigantes anunciaram ter chegado a um acordo, que está sujeito à aprovação do Tribunal Distrital dos Estados Unidos pelo Distrito Sul de Nova York. O acordo cria um empreendimento chamado *Book Rights Registry*, um registro de direitos autorais para representar os interesses dos detentores de *copyright*. O Google venderá acesso a um gigantesco banco de dados composto essencialmente por livros fora de catálogo, mas ainda protegidos por *copyright*, digitalizados dos acervos de bibliotecas de pesquisa. (DARNTON, 2010, p. 31).

Lucros à parte, o projeto é ousado e o controle da Google é de proporções inimagináveis. Darnton (2010, p. 37) ainda afirma que: o “*Google Book Search*, promete criar a maior biblioteca e o maior negócio livreiro que já existiu.” O autor, intrigado com essa ideia monopolizadora, alerta para a necessidade da digitalização, mas com ressalvas:

Dizem as bibliotecas: ‘Digitalizar é preciso’. Mas não de qualquer jeito. Precisamos fazer isso tendo em mente o interesse do público, e isso significa fazer com que os digitalizadores prestem contas aos cidadãos. [...] Sim, é preciso digitalizar. Mas democratizar é ainda mais importante. Precisamos garantir livre acesso à nossa herança cultural. Como fazer isso? Reescrevendo as regras do jogo, subordinando interesses privados ao bem público e nos inspirando nos primórdios da República pra criar uma República Digital do Saber. (DARNTON, 2010, p. 30-31)

⁸ Processo de memorização palavra por palavra.

O interesse maior deve ser a preservação da memória informacional, o livro passou por algumas transições e o ciberespaço disputa espaço com o documento impresso. Holanda (2013, p. 4-5) relembra que: “[...] antes da avalanche digital o modelo de memória era o monumento, a ruína, o códice, o texto.” De alguma forma essa memória era tangível. Nesse momento, elas coexistem com o intangível, de algoritmos, inegavelmente, com uma abrangência superior ao documento impresso.

O mundo *online*, digital ou virtual dispensa restaurações, encadernações, cuidado com brocas, fungos e outros inimigos do documento impresso. Mas há quem não dispense o livro. O cheiro, a textura, o formato e a mobilidade, são indispensáveis ainda para muitos.

O bom uso do livro preserva-o. O que a prática da bibliofilia propõe é conservá-lo ainda por mais tempo, principalmente, os que trazem consigo algo relevante para a história do país e até da humanidade. O livro que traz a descoberta da penicilina, por exemplo, possui a informação que mudou a medicina no mundo. Por quanto tempo os exemplares desse livro resistirão à ação do tempo? A resposta dependerá de como foi realizada a preservação ao longo dos anos. Encontrá-lo digitalizado na internet é uma boa alternativa, é a informação que circula sem controle; contudo, ter o exemplar em mãos é como ter algo único, quase impossível de ser tocado: a sensação de algo raro. É o que Holanda (2013, p. 10) chama de: “[...] arbítrio da valoração.”

Mesmo que as editoras atualmente transformem as primeiras edições em reimpressões, ou edições subsequentes, a história do livro mostra que, a depender de quem imprime e o valor comercial atribuído, o texto vai perdendo conteúdo seja por erros, interpretações, traduções, adaptações ou anacronias. Por isso, a primeira edição, principalmente, se for um manuscrito, tem tanto valor para o bibliófilo. Ali, encontra-se a alma do escritor.

Digital ou impresso, ambos têm um modo de preservação particular. Espera-se dessa coexistência que a informação circule independente da forma em que seja apresentada. Tanto o livro quanto o suporte para textos *online* são meros intermediadores da ligação informação – indivíduo, ou vice-versa. O que dá sentido

a tudo é a formação de leitores através do acesso à memória informacional, preservada, disponível e utilizada.

Os bibliófilos estudados, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes podem ser identificados como atores da produção do conhecimento; produtores e usuários da informação. Não se interessaram apenas por acúmulo e recuperação de documentos, mas pelo papel social da informação. Como se vê, o colecionador que deseja manter o bom estado dos livros deve atender às demandas específicas, pois livros envelhecem, e os comprados velhos demandam ainda mais cuidados, para que possam cumprir o objetivo de informar as gerações futuras.

2.4 Organização, disponibilização e recuperação da informação.

Após certo tempo, a quantidade de livros adquiridos pelo colecionador cobra planejamento na organização do acervo, tão particular quanto o acervo é a ordem com que os livros são disponibilizados na estante. A escolha da estrutura organizacional segue a vontade de cada um. A única coisa obrigatória é atender às necessidades do colecionador, que além de fazê-lo encontrar com rapidez o título desejado possibilita que o livro não se perca entre a infinidade de títulos. A ordem dos livros nas estantes é a ordem da informação. De acordo com Benjamin (1995, p. 232): “[...] para o colecionador a verdadeira liberdade de todo livro é estar nalguma parte de suas estantes.” Cavedon (2007, p. 347), afirma que: “[...] o bibliófilo não é um colecionador qualquer, ele tem uma lógica que norteia sua coleção.” Tomando como princípio essa lógica, o bibliófilo organiza o acervo.

A organização do conhecimento é uma área nuclear da Ciência da Informação e encontra um pragmatismo, fundamentado na Biblioteconomia, na Arquivologia e na Museologia.

Organização do Conhecimento é a disciplina específica que se dedica dentro da Ciência da Informação Documental ao estudo dos fundamentos teóricos do tratamento e da recuperação da informação e a construção, manutenção, uso e avaliação dos instrumentos lógico-linguísticos mais adequados para controlar os processos de representação, classificação, ordenação e armazenamento do conteúdo informativo dos documentos com o fim de permitir sua

recuperação e comunicação. Ocupa-se, portanto, dos princípios e ferramentas postas em ação para a gestão do conhecimento humano desde uma tripla perspectiva: sua representação, sua organização e sua comunicação documental. (ESTEBAN NAVARRO, 1996, p. 97-98, tradução nossa).

Organizar é categorizar a informação. No processo da análise documental, a seleção, a síntese e a representação da informação formam o processo onde línguas, símbolos, teorias e conceitos se unem para criar uma rede de assuntos que sejam acessíveis para quem busca a informação.

Os estudos sobre a organização do conhecimento têm ligação com as pesquisas sobre a história do livro e da escrita, uma vez que os meios utilizados pra comunicar as ideias, representam um componente importante na relação leitor-texto, pelo fato de condicionarem os próprios modos de pensar. Dessa forma, a relação que se estabelece entre esses componentes influenciará a produção do conhecimento e, logo, a sua organização. (PINHO, 2009, p.21)

A organização do conhecimento registrado não é apenas uma forma de findá-lo em si mesmo, algo que não possibilite ser tocado para não desarrumar o que foi arrumado, mas de estar acessível e pronto para que as informações possam ser utilizadas com a finalidade de que sejam desenvolvidos novos conhecimentos. Na perspectiva de Rabello e Guimarães (2006, p. 3): “[...] o livro deixa de ser visto como uno por passar a ser desmembrado (do seu conjunto) o seu conteúdo, interessando não mais o livro em si, mas os assuntos nele contido”.

A Organização do Conhecimento envolve dois tipos de organização: a intelectual ou cognitiva. Isto é basicamente, a Organização do Conhecimento em conceitos, sistemas conceituais e teorias; e a segunda seria a Organização Social do Conhecimento, essa seria basicamente, a organização em profissões, negócios e disciplinas. (HJØRLAND, 2003, p. 93, tradução nossa).

No segundo tipo de organização é onde se encontra a aplicabilidade do pragmatismo na Ciência da Informação; onde são construídas as ferramentas necessárias, como por exemplo, sistemas como a Classificação Decimal de Dewey (CDD) ou Classificação Decimal Universal (CDU), que irão ordenar as demandas informacionais.

Na bibliofilia a classificação é uma prática. Ora, para saber onde está determinado livro nas grandes bibliotecas dos colecionadores é preciso usar um sistema de classificação. Não necessariamente, um sistema pré-existente, como a

CDD ou CDU, mas algo pessoal que possa simplesmente dividir e agrupar ao mesmo tempo, ou seja, dividir por título, autor, tamanho, assunto ou qualquer ordem que determine a prioridade para quem está ordenando e que após essa escolha o grande agrupamento, a biblioteca, mantenha em harmonia as diferenças e semelhanças do conjunto do acervo.

Na verdade, o ser humano classifica o tempo inteiro objetos e pessoas, uma classificação natural reproduzida a partir das relações sociais.

Encontramos inúmeros exemplos de classificações inscritas e actantes nos mais variados domínios das relações sociais, tal como se nos apresentam no quotidiano. Basta pensar na maneira como as pessoas tratam umas às outras, ou se referem a terceiros, atribuindo estatutos de superioridade ou inferioridade social, considerando umas distintas e outras vulgares, umas sérias e outras desonestas, umas competentes e outras incapazes, umas merecedoras de mais respeito e outras de menos, e por aí afora. (COSTA, 1997/98, p. 66).

A “[...] formação metódica e sistemática de grupos”, trazida por Araújo (2006, p. 117), são as classificações constantes da vida social. O que pesa é o binômio igual/diferente, é uma forma de expressar aquilo que o indivíduo pensa como verdade.

Assim funciona a Organização do Conhecimento: encontra a melhor maneira de armazenar a informação e no momento da consulta, recupera o conjunto de documentos que compartilhem da mesma informação.

2.5 Bibliofilia: definições.

Em sentido bem restrito, bibliofilia seria: o amor aos livros. Mas não é só isso. Originalmente, está relacionada ao gosto pela leitura, especialmente em livros impressos. Gutenberg mal sabia o que tipos móveis seriam capazes de provocar. Para colecionar, o colecionador precisa ter objetos disponíveis, e o mercado editorial possibilitou a bibliofilia.

Com a invenção da imprensa toma incremento a bibliofilia. Na época de Aldo Manúcio⁹ principia a voga das encadernações de luxo, que passaram a ser daí em diante a marca distintiva dos verdadeiros bibliófilos. [...] A época de ouro da bibliofilia será porém o século XIX. Cresce na França, na Inglaterra, na Alemanha e em outros países a paixão colecionadora de volumes impressos no passado. (FRIEIRO, 2007, p. 63)

No Brasil, José Mindlin destaca-se com um dos grandes bibliófilos que trata a bibliofilia como uma “loucura mansa”, porém prazerosa: “Há o prazer intelectual da leitura, e o prazer físico do contato com o livro. Falo sempre de loucura mansa, e posso assegurar que não é só mansa: é também prazerosa. Sugiro a quem ainda não a tenha que a procure contraí-la”. (MINDLIN, 2004a, p. 15).

Quando se fala em amor aos livros, outros nomes justificam esse apego, bibliomania¹⁰, é um deles:

O amor pelos livros só deve ser apreciado em dois casos: 1º - quando sabemos estimar os livros pelo que eles valem, quando os lemos em filosofia, para aproveitar do que neles pode haver de valor e rir do que eles contêm de ruim; 2º - quando possuímos os livros tanto para nós quanto para os outros e quando os compartilhamos com prazer e sem reservas. (D’ALEMBERT, 2004, p. 22).

E qual seria a diferença entre o bibliófilo e o bibliômano?

Há os autênticos bibliófilos, os que amam o livro em razão do seu valor intrínseco, medular. O bibliômano junta livros pelo prazer de juntar, preocupado unicamente com a qualidade ou a raridade dos exemplares que adquire. [...] A bibliomania na sua manifestação mais aguda é a que impede a colecionar unicamente livros raros, ou caros, singulares ou extravagantes, que dificilmente se encontram à venda. (FRIEIRO, 2007, p. 60).

Acumular objetos é diferente de colecionar, não pressupõe qualidade e sim quantidade, algo que pode se transformar em um distúrbio psicológico, uma das causas da bibliomania. O acúmulo de objetos não prevê uma linha coerente de raciocínio como na coleção, no entanto, esta retrata bem o gosto, o motivo, a opinião e o sentido da junção dos objetos.

⁹ “Aldo Manúcio, o Antigo, chefe de uma importante família de tipógrafos. [...] sua oficina foi, ao mesmo tempo, uma Academia de eruditos humanistas que trabalhavam, senão sob as suas ordens, pelo menos sob a sua orientação, colaborando na imensa tarefa de restituir à literatura mundial os seus grandes clássicos” (MARTINS, 2002, p. 203).

¹⁰ O próprio autor destaca no início do texto o significado do verbete: furor de possuir os livros e de os coletar.

A bibliofilia – e aqui recorro, com todas as licenças necessárias, à terminologia dos psicólogos – às vezes torna-se um aso *borderline*¹¹. Ou seja, fica ali entre a razão e a loucura. Ser bibliófilo ou bibliômano, eis a questão. Em casos extremos pode virar uma variante de acumulação compulsiva, ou síndrome de Diógenes, em que o colecionador perde-se na obsessão de atrair para sua esfera de vida, para seu controle, seus objetos de desejo. É o possuir pelo possuir. Como disse alguém que li na internet, mas não anotei o nome, o bibliófilo é o senhor de seus livros; o bibliômano é escravo deles. (LEMOS, 2015, p. 379)

Quanto à prática da bibliofilia, a autenticidade está no hábito da leitura e no amor aos livros, a exibição do acervo por pura vaidade está fora de questão:

A bibliofilia tem mito de esporte, praticado diversamente por pobres e ricos. Uma é a bibliofilia dos esnobes endinheirados que compram livros raros ou luxuosos, não para os ler, mas pela vã glória os possuir. Outra é a bibliofilia dos que realmente lêem com apetite e curiosidade insaciáveis e cuja ânsia de leitura se estende por bem dizer a todos os livros. (FRIEIRO, 2007, p. 70).

A arte de buquinar¹² é que dá base à bibliofilia. A procura por obras raras em sebos pode transformar simples compradores em bibliófilos, ávidos por encontrar um título em especial, ou ser surpreendido por algo novo. A bibliofilia é coisa séria.

No Brasil então, onde a administração pública, além de ignorante é desmazelada e demagógica, se não fosse o colecionador particular, o bicho, a sujeira e o clima destruiriam tudo que o nosso passado nos legou.

A bibliofilia não é somente um passatempo de homens cultos, um *hobby* inocente, um emprego de capital pra alguns espertos, um negócio para milhares de pessoas no mundo. É uma obra de benemerência. (MORAES, 1998, p. 16).

A lista da bibliofilia brasileira apresenta não apenas nomes representativos da História do Brasil, mas o destino dado à primeira coleção a uma instituição pública:

[...] D. Pedro II (1825-1891), Francisco Ramos Paes (1838-1919), Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça (1841-1913) e José Carlos Rodrigues (1844-1923). A primeira dessas coleções a ter por destino uma instituição pública foi a de Salvador Mendonça [...]. (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 84).

Além dos bibliófilos mais antigos, Reifschneider (2011) faz referência a outros nomes importantes, conhecidos, como José Mindlin, Rubens Borba de Moraes e

¹¹ Transtorno de personalidade que provoca alterações de humor, medo de ser abandonado e comportamentos compulsivos.

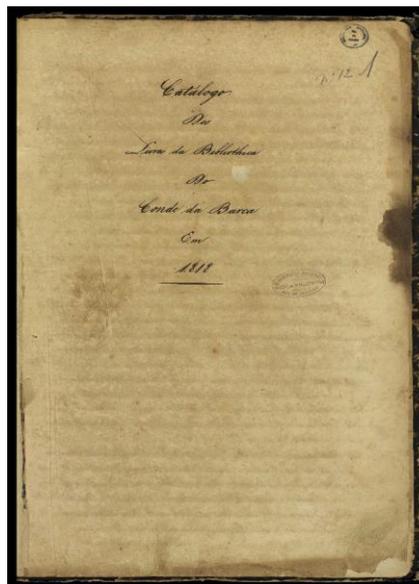
¹² “Buscar e comprar livros usados em livrarias, bancas, sebos, alfarrabistas. ETIM. fr. *bouquiner*.” (HOUAISS, 2004, p. 529)

Mário de Andrade, e outros, que fazem parte da História do Brasil, mas pouco se fala deles como bibliófilos: Barão de Studart, Eduardo Prado, Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho, Castro Maya, Plínio Doyle e Carlos Lacerda.

Em solo brasileiro, considera-se que a bibliofilia teve início em 1808 com Antônio Araújo de Azevedo, o Conde da Barca, que veio acompanhando a Família Real para o Rio de Janeiro. Faleceu exercendo o cargo de Ministro de Estado.

A biblioteca do ministro começara a ser organizada e adquirida em 1787, quando Araújo de Azevedo ocupou o posto de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal em Haia. Desde então o conde da Barca dedicara-se a ela, organizando um acervo composto de mais de 74 mil volumes em 2419 coleções [...]. Araújo de Azevedo morreria insolvente, e não havia o que fazer senão retalhar seus bens e, entre eles, a biblioteca. (SCHWARCZ, 2002, p.357).

Figura 4 - Catálogo de livros do Conde da Barca (1818).



Fonte: BN Digital, 2016

Se tudo está bem, quando acaba bem, após vários acontecimentos, o que se sabe é que a Coleção Araujense, atualmente, encontra-se na Biblioteca Nacional. De acordo com informações do site da Biblioteca, a coleção conta com temáticas desde Botânica à Teologia, uma biblioteca própria do final do século XVIII.

2.6 Bibliófilos: o amor pelo livro e pela leitura.

O que são bibliófilos? Inicialmente, leitores vorazes. Todo bibliófilo é um leitor, mas nem todo leitor é um bibliófilo. O bibliófilo tem por hábito natural manter em casa uma biblioteca, na qual ele abriga os livros que leu, os que ainda lerá, e os que nunca serão lidos. Os primeiros poderão ser aqueles que o fizeram adquirir o gosto pela leitura; os segundos são aqueles que estão na lista de espera, pois a leitura demanda tempo; e os terceiros são os adquiridos por diversos motivos que não a leitura, mas sim, pela obra de arte ou pelo valor histórico-cultural que possuem. O leitor comum, por mais voraz que seja, busca livros em bibliotecas e compra os que realmente deseja ter e não se importa com a estrutura física do livro, apenas com o conteúdo, além de conseguir se desfazer do livro com facilidade.

A fonte da bibliofilia é o hábito da leitura. A partir dos primeiros livros, surge a curiosidade por títulos do mesmo autor ou da mesma temática, de modo que o leque de opções tende a aumentar e os investimentos em novas leituras também. Porém, para além do investimento financeiro, há o afetivo e o intelectual.

[...] todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. Vemos portanto que, de um lado, há um processo de desmaterialização que cria uma categoria abstrata de valor e validade transcendentais, e que, de outro, há múltiplas experiências que são diretamente ligadas à situação do leitor e ao objeto no qual o texto é lido. (CHARTIER, 1998, p. 70).

O hábito da leitura pode surgir a partir da prática familiar, escolar ou individual. Na bibliofilia esse é um hábito incessante e excessivo, que, devido a frequência de leituras, permite atingir um universo literário mais amplo.

Portanto temos, de um lado, os ensinamentos da escola e, de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já dominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social e, ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente. (CHARTIER, 1998, p. 105).

Chartier (2009) entende a história do livro impresso como uma prática cultural, e nesse contexto defende a liberdade de interpretação individual de cada leitor, na

medida em que a leitura não é estática e sim dinâmica, a partir dela manifesta-se o senso crítico que provoca a criação de novos textos para novas leituras.

Os textos que se prestam em escrever a história são tomados como portadores de um sentido que é indiferente à materialidade do objeto do manuscrito ou impresso através do qual ele se dá, constituído de uma vez por todas e identificável graças ao trabalho crítico. Uma história do ler afirmará, contra esse postulado, que as significações dos textos, quaisquer que sejam, são constituídas, diferencialmente, pelas leituras que se apoderam deles. Daí uma dupla consequência. Antes de mais nada, dar à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva, produtora, e não anula-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se com toda a imediatez e transparência, sem resistência nem desvio, no espírito de seus leitores. Em seguida, pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis, situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo. (CHARTIER, 2009, p. 78).

O senso crítico, não deve ser o único objetivo da leitura e sim o que os bibliófilos tanto recomendam: o prazer de ler: “[...] seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido [...]. Importa-me aqui menos o discurso crítico sobre as obras do que a prática de uma leitura cultural, lugar de produção de sentido, de compreensão e de gozo”. (GOULEMOT, 2009, p. 107).

A seleção de títulos diante de um leque informacional e a liberdade de escolha é o que garante a individualidade do leitor, respeitada as escolhas, identifica-se a segunda lei de Ranganathan¹³ (2009): a cada leitor seu livro.

É pelo exercício da leitura que se constrói o exercício de individualidade, ou seja, o leitor pode ser um entre vários, pode especular sobre si mesmo a partir do que leu, pode conhecer-se um pouco mais; nesse sentido, a leitura individualiza, humaniza e deixa o singular aparecer. (CASTRO FILHO, 2012, p. 27)

¹³ Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) nasceu em Shiyali, no estado de Madras, hoje Tamil Nadu, na Índia. Bibliotecário e pensador, sua produção intelectual e seus feitos profissionais tornaram-no conhecido como o ‘pai da biblioteconomia indiana’.” (LEMOS, 2009, p. xiv).

As cinco leis da biblioteconomia de Ranganathan são:

Os livros são para usar

A cada leitor seu livro

A cada livro seu leitor

Poupe o tempo do leitor

A biblioteca é um organismo em crescimento.

A busca pelos estoques informacionais é na prática a utilização da informação como coisa externa, a ser selecionada por quem vai utilizá-la, é o que McGarry (1990, p. 2) chama de: “[...] realidade externa a nós que é a origem daquilo que resolvemos chamar ‘informação’ [...] somos seres humanos obstinados e caprichosos que decidem por conta própria qual informação será utilizada ou rejeitada [...].”

Para se tornar um bibliófilo é preciso ter além do vírus da leitura, a paixão pelo livro como objeto de arte, passível de ser colecionado e admirado pelo proprietário, porém sem abrir mão do uso. Além disso, o bibliófilo estuda a trajetória de cada exemplar, sabe a origem, a época, a quem pertenceu e a importância das informações nele contida. É literalmente, um estudioso do livro, a partir da publicação e todas as atividades que a circundam, é o que Borges (1985, p. 5) chama de valoração do livro: “Os livros não me interessam fisicamente – sobretudo os livros dos bibliófilos, que costumam ser volumosos – mas, sim as diversas valorações que deles se têm feito.”

O conceito de bibliófilo é atribuído pelos próprios bibliófilos. Eco (2014, p. 19) diz que: “[...] um bibliófilo é alguém que coleciona livros também pela beleza da composição tipográfica, do papel e da encadernação”. Frieiro (2007, p. 60) conceitua os verdadeiros bibliófilos como aqueles que: “[...] amam o livro em razão do seu valor intrínseco, medular.”

Os bibliófilos tem na biblioteca a formação de um acervo e de uma identidade. Sem ela, são apenas homens comuns, no entanto para construí-la, eles precisam de algo que está intrínseco na busca dos exemplares, o olho clínico. Com interesses específicos e como leitores que são, a escolha dos títulos propõem, em si; saber da importância que cada obra adquirida terá, não para uma mera composição do acervo, mas para ampliação do conhecimento.

Mindlin (2009, p.51) define a formação de uma biblioteca como: “[...] uma história em si mesma. Depende em primeiro lugar, de se saber o que se quer. Exige estudo e perseverança”. Essa exigência do estudo sobre o assunto ou os assuntos que farão parte da biblioteca, é o que dá sentido ao acervo e a quem coleciona de

ser chamado de bibliófilo. Ora, o colecionismo em si, não é tão exigente, pode-se colecionar rolhas de vinho apenas para saber a quantidade consumida, mas quem coleciona livros, se não souber a essência histórica de cada exemplar, não será um bibliófilo, apenas um comprador de livros comum. O bibliófilo, de acordo com Eco (2014, p. 54) tem uma função: “[...] para além da satisfação pessoal do seu objeto privado, de testemunhar sobre o passado e o futuro do livro.”

O bibliófilo torna o livro um objeto sagrado, que transcende aos acontecimentos mais inesperados. Borges¹⁴, mesmo acometido de uma cegueira, consegue expressar a felicidade de tocar um livro novo.

Continuo imaginando não ser cego; continuo comprando livros; continuo enchendo minha casa de livros. [...] fui apresentado com uma edição de 1966 da *Enciclopedia Brokhaus*. Senti sua presença em minha casa – eu a senti como uma espécie de felicidade. Ali estavam os vinte e tantos volumes com uma letra gótica que não posso ler, com mapas e gravuras que não posso ver. E, no entanto, o livro estava ali. Eu sentia como que uma gravitação amistosa partindo do livro. Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade de que dispomos, nós, os homens. (BORGES, 1985, p. 10).

É quase improvável que alguém pense que será um bibliófilo, tampouco sentir algo tão especial por um objeto como o livro. A bibliofilia não está prevista como um projeto de vida, simplesmente acontece, com o decorrer do tempo, o gosto pela leitura e a aquisição de novos títulos. É algo à parte da vida cotidiana, do trabalho, da família e dos amigos, mas não menos importante. O fato de ser um bibliófilo talvez contribua para uma melhor atuação social, como aconteceu com José Mindlin e Rubens Borba de Moraes, ambos com uma atuação sociocultural relevante para o Brasil.

¹⁴ O escritor argentino Jorge Luis Borges sofria de uma cegueira progressiva e perdeu definitivamente a visão aos 55 anos. Em uma palestra Borges descreveu a sua opinião sobre a cegueira. “Um escritor, um artista ou qualquer pessoa deveria ver nas coisas que lhe sucedem como uma ferramenta, deveria pensar que tudo lhe é dado com alguma finalidade. O que lhe acontece, inclusive as humilhações, fracassos, desgraças, é-lhe dado como uma argila, como matéria para sua arte. É preciso tentar beneficiar-se disso. Tais coisas nos foram destinadas para as transformarmos, afim de eu, a partir das circunstâncias dolorosas de nossas vidas, possamos fazer algo de eterno ou que aspire a sê-lo. Se um cego pensar dessa maneira, estará salvo. A cegueira é uma dádiva. [...] Pense no crepúsculo. Ao cair da noite, as coisas mais próximas desaparecem, exatamente como o mundo visível se afastou de mim, talvez para sempre. A cegueira não é uma desgraça total. É mais um instrumento que o destino ou a sorte colocou em nosso caminho” (Escritos do Gabriel, 2010)

3 RUBENS BORBA DE MORAES: O BIBLIÓFILO APRENDIZ

Figura 5 - Rubens Borba Alves de Moraes



Fonte: SÃO PAULO (Estado). Biblioteca Rubens Borba de Moraes, 2016.

Bibliógrafo, bibliotecário, editor e bibliófilo, Rubens Borba Alves de Moraes nasceu em Araraquara, estado de São Paulo, em 22 de janeiro de 1899. Órfão de mãe aos quatro anos viveu com os avós maternos até os sete, quando foi morar em Santos com o pai, um engenheiro militar. Aos nove anos foi para a Europa.

Naquela época era mais barato estudar na Europa do que no Brasil. Mas não era mais fácil, uma vez que a língua e os costumes exigiam adaptação:

Em setembro de 1909 matriculou-se no *Collège Saint Stanislas*, na Rua de Rennes, em Paris, no *huitième* – último ano do curso primário. A propósito dessa escola, conta que o pai havia solicitado ao diretor que, ao contrário dos demais colegas, lhe fosse facultada a concessão de um banho de corpo inteiro pelo menos de dois em dois dias. O diretor entendeu como se ele tivesse alguma lesão na pele e negou-lhe a matrícula.

Desfeito o mal-entendido e explicado o costume brasileiro, o hábito tornou-se um pesadelo. No meio do horário de estudos vinham chamá-lo para o banho, o que era recebido com grandes galhofas e brincadeiras pelos colegas. As piadas e chacotas eram tantas que o pai, a seu pedido, concordou com a suspensão da ‘regalia’ e ele, como todos, passou a tomar um banho por semana e a lavar-se diariamente com uma esponja.

Ao término do curso em Paris, seguiu para o *Collège de Genève*, na Suíça, para fazer o curso secundário. Esse colégio fora fundado por Calvino. Era considerado como uma das tradições da cidade. Por genebrinos e estrangeiros. A tradição estava no alto nível dos estudos. Estudava-se das 8 horas da manhã às 5 da tarde. Latim, gramática, literatura, com leituras e análises críticas; história, língua e literatura francesa; matemática, física, química e história natural. (BANDEIRA, 2007, p. 6).

Apesar do constrangimento inicial causado pelo ‘excesso’ de banho, a excelente formação intelectual de Rubens Borba de Moraes ficou marcada por toda a vida:

[...] me ensinaram e marcaram meu espírito de tal maneira que estava para sempre moldado, de uma certa forma estava formado. Durante dez anos consecutivos vivi num meio intelectual, numa cidade saturada de intelectualidade, por onde passaram e viveram (porque ali encontraram ambiente) os artistas, os escritores e os exilados políticos de todos os tempos. De tanto respirar aquele ambiente, acabei intoxicado o resto da vida. (MORAES, *apud* BANDEIRA, 2007, p. 6).

A temporada na Europa transformou Rubens Borba de Moraes em um homem ativo, de um pragmatismo e intelecto incomuns, contribuindo fortemente para o desenvolvimento político-cultural do Brasil. Ao falar dos costumes genebrinos que adquiriu, ressalta: “[...] Ao contrário da generalidade dos brasileiros que vivem despreocupados de suas obrigações, adquiri, para sempre um senso agudo do dever, do cumprimento das tarefas que me cabem.” (MORAES, 2011, p. 93).

Retornando ao Brasil, preocupou-se em saber quais os escritos que tratavam sobre o país, depois de tantos anos no exterior fez um esforço para atualizar-se, queria tornar-se brasileiro novamente.

Em 1921, cerca de dois anos depois do seu regresso, e em decorrência do esforço para se abasileirar, passa a se dedicar ao estudo da história do Brasil. Tendo ido ainda criança para a Europa, queria agora, adulto, conhecer seu país e sua história. Na realidade, a partir de então, todos os seus estudos e interesses, inclusive bibliofílicos e bibliográficos, se concentrarão num único tema: o Brasil. Num dos vários depoimentos que prestou é enfático ao dizer que não se sentia tão brasileiro quanto, por exemplo, Mário de Andrade, e que “queria ficar brasileiro”. (LEMOS, 2015, p. 373).

As contribuições de Rubens Borba de Moraes como bibliógrafo foram importantes para destacar obras que tratavam sobre a História do Brasil.

Rubens Borba de Moraes contribuiu para o avanço bibliográfico nacional com a inventariação de estudos brasileiros no *Manual bibliográficos de estudos brasileiros*, publicado em 1949, e na *Bibliografia brasileira do período colonial; catálogo anotado das obras de autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808*, publicado em 1969. Na área de brasiliana, escreveu a *Bibliographia brasiliana; a bibliographical enssay on rare books about Brazil published from 1504 to 1900, and works of Brazilian authors published abroad before the Independence of Brazil in 1822* [...] (BANDEIRA, 2007, p. 85).

A preocupação de Rubens Borba de Moraes ao publicar essas bibliografias, era saber mais sobre o Brasil e de alguma forma apresentar livros que pudessem servir de indicação de referências, para que outras pessoas interessadas pudessem, assim como ele, estudar sobre o assunto.

[...] é um trabalho difícil e colossal de se fazer para o Brasil. Mas é preciso fazer, desbravar a bibliografia brasileira. Não é possível continuar nesta situação. Não existe um guia, uma bibliografia, uma obra neste gênero no Brasil. Chegamos ao ponto de nossos estudiosos serem obrigados a utilizar catálogos de bibliófilos, como o de José Carlos Rodrigues¹⁵, para a história do Brasil. A maior dificuldade para o estudioso no Brasil é a falta de obras de referência. O estudioso brasileiro precisa ser detetive. (MORAES, 1939, *apud* BANDEIRA, 2007 p. 87).

O senso de responsabilidade adquirido na Europa e a dificuldade em encontrar uma bibliografia satisfatória, suscitou o pesquisador especializado em assuntos sobre o Brasil.

No fundo o que faço redigindo laboriosamente e com imenso prazer uma bibliografia é procurar repetir a sensação agradável que sentia na mocidade.

Estou convencido que minha verdadeira vocação é fornecer dados, forjar ferramentas para os outros que têm a tendência e o talento de tirar conclusões ou interpretações. Sou um produtor de matéria-prima. (MORAES, 2011, p. 80-81).

Satisfazia-o ser útil, a si mesmo, aos amigos e ao país. Leitor dos mais variados assuntos, Rubens Borba de Moraes adquiriu o hábito de frequentar bibliotecas ainda em Genebra. Retornando ao Brasil, o choque de em São Paulo praticamente não haver bibliotecas, o fez tomar a decisão de por conta própria tornar-se bibliotecário.

¹⁵ Jornalista e bibliófilo brasileiro. JUNQUEIRA (2011)

Foi com esta vasta carga de leitura e trazendo na bagagem uma biblioteca que amalhara nas leituras, embrião de sua futura coleção de livros raros, que ele retornou ao Brasil, em setembro de 1919.

Chegando a São Paulo, deparou duas realidades que lhe modificaram a vida. A primeira é que a cidade não possuía bibliotecas. Existia uma, a estadual, que não atendia a qualquer requisito básico: estava desatualizada, não havia catálogos a que se pudesse recorrer e o local não proporcionava o recolhimento necessário ao estudo e ao lazer da leitura.

Ao mesmo tempo, seu diploma obtido na *Faculté des Lettres* da *Université de Genève* de nada valia no Brasil. Por não haver no país curso equivalente não havia como revalidá-lo ou equipará-lo. Ao invés de fazer novo curso e por causa do seu interesse por bibliotecas, e ainda movido pela já conhecida curiosidade, resolveu estudar a fundo o assunto. Para isso leu, estudou, aprofundou-se em livros especializados.

Das leituras que empreendeu, a que lhe causou maior impressão foi a de um livro escrito pelo educador argentino Ernesto Nelson, *Las bibliotecas en los Estados Unidos*. Obra encomendada pela Fundação Carnegie para a Paz Internacional, tinha o objetivo de levar o conhecimento da América Latina as novidades norte-americanas na área biblioteconômica. Tendo a biblioteca pública como assunto principal, subdividia, nos seus 13 capítulos, os vários serviços que uma biblioteca poderia desenvolver, de forma bem didática e minuciosa. Entusiasmou-se tanto com o teor do livro que, além de fazê-lo seu mais importante manual, resolveu 'virar bibliotecário'. (BANDEIRA, 2007, p. 24).

Assim o fez. Nas memórias, Rubens Borba de Moraes descreve a empolgação que o tomou conta, e desabafa sobre idealizações e sobre o livro de Ernesto Nelson.

[...] Estou entusiasmado com a organização das bibliotecas americanas. Quando realizarei o sonho de ter coisa semelhante em São Paulo! Mais que nunca estou decidido a lutar, a matar gente se for preciso, mas hei de fazer em São Paulo uma biblioteca de verdade! Primeiro passo: dar autonomia à biblioteca. Enquanto nossas bibliotecas forem repartições públicas não teremos bibliotecas. Só peço a Deus que me dê um prefeito amigo (no Brasil tudo se faz por camaradagem) para eu poder emancipar a biblioteca. O resto é fácil. Eu acredito no meu entusiasmo, na minha capacidade realizadora e na minha têmpera de Borba Gato¹⁶! Eu morro na luta, mas São Paulo há de ter biblioteca! (MORAES, 2011, p. 262).

Mesmo com todo o entusiasmo, Rubens Borba de Moraes sabia que não seria um sonho fácil de realizar. A história da biblioteconomia brasileira talvez não lhe seja muito grata. Rubens Borba de Moraes é ignorado, com o nome sempre ligado à bibliofilia, à leitura, mas não à Biblioteconomia. Na verdade, ele não cursou

¹⁶ Família paulistana da qual Rubens Borba de Moraes é descendente.

Biblioteconomia, mas trajetória político-cultural por ele percorrida está ligada diretamente a fundação do curso no Brasil.

Quando fundou a escola de biblioteconomia, Rubens Borba de Moraes tinha em mente preencher uma lacuna existente, pois não havia bibliotecários e as bibliotecas eram gerenciadas por pessoas, geralmente intelectuais, que gostavam de livros. (BANDEIRA, 2007, p. 40).

Após a criação da escola, vieram os desdobramentos:

O desenvolvimento da escola fundada por Rubens Borba proporcionou a instalação de novas escolas, criadas pelos alunos de outros estados que lá se formaram. Com o tempo essas escolas foram se incorporando às universidades que iam sendo criadas. (BANDEIRA, 2007, p. 43).

A primeira bibliotecária diplomada no Brasil foi Adelpha Rodrigues de Figueiredo, graduada pela Columbia University, através de um programa de concessão de bolsas.

Na área de biblioteconomia, repassou à American Library Association (ALA) um auxílio de trinta mil dólares, por um período de três anos, a fim de ser usado pelo Committee on Library Cooperation of Latin America, da ALA, para desenvolver um programa bibliotecário na América Latina (BANDEIRA, 2007, p. 40).

Rubens Borba de Moraes foi beneficiado pelo auxílio da ALA, e “se especializou em biblioteconomia no curso de organização e administração de bibliotecas e posterior estágio, realizado em várias cidades norte-americanas, mas, principalmente, em Indianápolis”. (BANDEIRA, 2007, p. 41).

O curso de Biblioteconomia partiu do entusiasmo de Rubens Borba de Moraes, a legislação do Conselho de Biblioteconomia também. Em seguida, fundou a Associação Paulista de Bibliotecários. “A Associação paulista serviu de modelo para a criação de outras associações nos vários estados, a maioria delas com os mesmos objetivos da precursora.” (BANDEIRA, 2007, p. 49).

O modelo seguido foi o dos Estados Unidos, com a intenção de fortalecer a classe bibliotecária no Brasil.

Quando voltei dos Estados Unidos voltei muito impressionado com a força que tinha a associação dos bibliotecários de lá. Eles eram uma força organizada, que faziam pressão junto aos governos municipais,

estaduais e federal para o desenvolvimento das bibliotecas. (MORAES, 1982, *apud* BANDEIRA, 2007, p. 49).

Rubens Borba de Moraes foi trabalhar na Biblioteca Nacional. O “Decreto-lei de julho de 1944 tratou da reforma administrativa da Biblioteca Nacional. [...] Para a Divisão de Consulta foi nomeado o sociólogo e historiador Sérgio Buarque de Holanda e para a outra (Preparação), Rubens Borba de Moraes.” (BANDEIRA, 2007, p. 55). A situação não era das melhores, “Rubens Borba dizia que, nos seus primeiros momentos na Biblioteca Nacional, sentia-se não como diretor de uma instituição, mas como uma dona de casa, dando faxina”. (BANDEIRA, 2007, p. 59).

Pragmático como era, fez um relatório, levou o caso à imprensa e tomou para si a causa da Biblioteca Nacional. Além de restaurar a Biblioteca, queria facilitar a vida dos estudantes que tinham que se deslocar em busca de um local para estudar.

Acreditava que somente com a criação de bibliotecas populares, localizadas em bairros estratégicos, é que se poderia dar opção de local aos estudantes para seus estudos e deixando que a Nacional pudesse exercer a sua função de instituição de estudo e pesquisa e tomar parte ativa e não passiva na cultura do país. (BANDEIRA, 2007, p. 69).

Passada a estadia na Biblioteca Nacional, Rubens Borba de Moraes não teve a gestão registrada nos anais da instituição, que de acordo com Viana (2011, p. 99) perdurou de “1945 a 1947”, e Fonseca (1979, p. 36) constata a presença do bibliotecário ao afirmar que: “[...] em 1946 é a própria Biblioteca nacional que passa pela terceira reforma, sob a orientação de Rubens Borba de Moraes”. A repercussão tanto da saída da Biblioteca Nacional quanto da gestão atingiu a biblioteconomia americana e reconhecendo a sua competência como bibliotecário, a Organização das Nações Unidas (ONU) lhe ofereceu emprego. “Ali trabalhou com Carl Milam, diretor dos serviços bibliotecário da instituição, e considerado, um expoente da biblioteconomia norte-americana.” (BANDEIRA, 2007, p. 72). Trabalhou por seis anos na ONU e em 1967, Edson Nery da Fonseca o convidou para dar um curso de três meses na Universidade de Brasília (UNB).

Quando o convidaram para ser professor regular não hesitou em aceitar. Como professor, tinha a preocupação de desmistificar o livro antigo para os alunos, que diante de um exemplar demonstravam ou respeito exagerado ou absoluto desprezo. Acreditava que a falta de conhecimento era consequência direta da falta de cultura, de conhecimento da história do livro.

Seu curso, na UNB, tanto de história do livro como de referência, era dividido em duas partes. Uma técnica e outra cultural. Alertava para que a técnica não fosse confundida com a cultura. O bibliotecário, além de técnico deveria ser um lastro de cultura geral mas, sobretudo, deter um conhecimento vasto e profundo da história do livro. [...]

Sua experiência como professor, no Departamento de Biblioteconomia da UNB, foi dual. De um lado espantava-se com a ignorância dos alunos – não conseguiam acompanhar o curso, os trabalhos apresentados eram fracos, o nível cultural quase que inexistente. [...] As exceções eram raríssimas. (BANDEIRA, 2007, p. 75-76)

Em 1972 a UNB outorgou-lhe o título de professor emérito, o primeiro da UNB. Aos 72 anos voltou para São Paulo e foi morar em Bragança Paulista, em uma casa construída junto à natureza.

Em 1965 é lançada a primeira edição das memórias, intituladas: “O bibliófilo aprendiz ou prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas”. O livro conta um pouco da trajetória do bibliófilo e serve de manual para quem deseja começar uma coleção bibliográfica.

No mesmo ano, Rubens Borba de Moraes percebeu que estava de posse de uma excelente biblioteca brasileira, recebeu algumas propostas para vendê-la, e afirma que “[...] ficava tentado, mas o que seria de mim sem meus livros raros?” (MORAES, 2011, p. 231). Conversando com um amigo americano, preocupou-se com o que aconteceria ao acervo após a sua morte, diante do seguinte comentário:

Você, como eu, está no fim da vida. É uma realidade que devemos enfrentar. Precisamos pensar serenamente no que acontecerá quando não pagarmos mais impostos. Você formou uma bela coleção de livros raros. Vale muitas dezenas de milhares de dólares. Ou você a deixa para seus sobrinhos, que não se interessam por livros e a venderão imediatamente, ou você a vende agora e goza o dinheiro. Pode também deixá-la para uma biblioteca do Brasil ou do estrangeiro. O fato é que você chegou numa idade onde é preciso tomar uma decisão. Pense bem e resolva. (MORAES, 2011, p. 231-232).

Diante do argumento, a primeira hipótese foi doar a coleção à Biblioteca Municipal de São Paulo, mas, logo se lembrou do estado lamentável em que se encontrava a biblioteca e desistiu. Devido a experiência em bibliotecas americanas,

pensou em vendê-la para uma universidade nos Estados Unidos, mas questionou o tempo que levaria o processo por causa da burocracia. Resolveu então oferecer parte dela a um livreiro antiquário, Sr. Stefan Geyerhahn da Livraria Kosmos em São Paulo. Os mil e setecentos volumes foram avaliados em 80 mil dólares.

A livraria achou o preço alto e o negócio arriscado, sugeriu a compra da coleção em bloco que seria oferecido a um livreiro americano, e a livraria receberia uma comissão sobre a venda. A contraproposta de Rubens Borba de Moraes foi não ter nada a ver com a revenda e receberia o valor da avaliação em duas prestações anuais, na moeda brasileira da época ao câmbio do dia. A livraria então tinha o prazo de trinta dias para fechar o negócio. Nesse ínterim, em um almoço com José Mindlin, este mostrou interesse em comprar a coleção. Rubens Borba de Moraes gostou da ideia, pois poderia rever os livros que lhe pertenceram de vez em quando, mas como havia dado a preferência da compra para a Livraria Kosmos, não podia voltar atrás.

Com habilidades de negociante, José Mindlin pagou uma comissão à livraria e ficou com os livros. Com o dinheiro, Rubens Borba de Moraes fez uma viagem à Europa por aproximadamente seis meses. O bibliófilo permaneceu em atividade:

Mas não estava encerrada minha carreira de bibliófilo, apenas mudara de orientação. De agora em diante só comprava livros de autores brasileiros e primeiras impressões feitas no Brasil. Graças a amizades feitas em Portugal comprava constantemente livros e manuscritos de brasileiros dos tempos coloniais. Fiz aquisições esplêndidas que, em poucos anos tornaram minha coleção única pelo conjunto e pela beleza dos exemplares. (MORAES, 2011, p. 234).

No início da década de 1970, Rubens Borba de Moraes resolve mudar-se de Brasília para a casa de campo em Bragança Paulista, ao arrumar os livros antes da mudança, colocou-os em fila dupla, o que totalizou mil e duzentos volumes, resolveu vender as filas duplas.

Vendi mil e duzentos volumes, em bloco, ao José Mindlin, por cem mil cruzeiros. E comprara os mil volumes por trinta milhões, ao câmbio de 1 700 o dólar. Vendi-os, com mais duzentos volumes, por cem mil cruzeiros, o dólar a 7 800. Ganhei? Perdi? Não sei. É preciso ser um economista brasileiro para responder a essas perguntas. O problema, aliás, não me interessa. Não sou negociante. O fato é que fiquei satisfeito e não me arrependo do negócio que fiz. (MORAES, 2011, p. 238).

Restava ainda a terceira parte do acervo. Rubens Borba de Moraes seguiu o conselho do amigo americano, vendeu parte da coleção, gastou o dinheiro em viagens, construiu uma casa e comprou mais livros para completar a parte da coleção que ainda restava. O que fazer?

E agora, José? Estou, depois da segunda venda de parte de minha biblioteca, bem mais perto do fim da vida, mas não resolvi ainda o que fazer com meus livros. Vendê-los? Fazer o que com o dinheiro? Há muitos e muitos anos que aprendi que dinheiro mais do que é necessário para viver como se gosta, só serve para atrapalhar. Os milionários, os ganhadores de dinheiro são uns pobres diabos que vivem atormentados e morrem de enfarte. Continuo pensando o que devo fazer com minha coleção... Continuo comprando. Colecionar livros não é vício que se cura e o prazer que dá só acaba com a morte. Faço força para que venha bem tarde, quando não houver mais livros que ambiciono possuir. (MORAES, 2011, p. 238).

Rubens Borba de Moraes, faleceu em 2 de setembro de 1986, aos 87 anos. Em testamento, doou o restante da biblioteca para o amigo e bibliófilo José Mindlin, cerca de mil e setecentas obras. Parte do acervo foi utilizado para escrever a “Bibliografia brasileira do período colonial” e a “Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro”.

4 JOSÉ MINDLIN: UMA VIDA ENTRE LIVROS

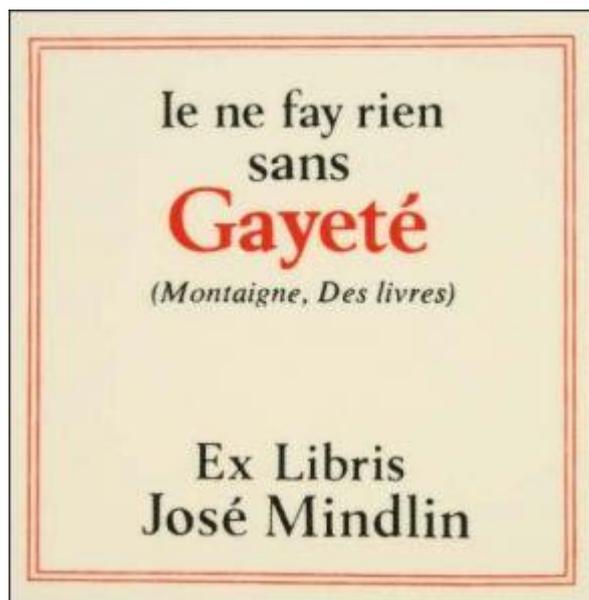
Figura 6 - José Mindlin e Guita Mindlin



Fonte: UNIVERSIDADE de São Paulo. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2016.

“Não faço nada sem alegria”, traduzida do francês *“Je ne fais rien sans gayeté”*, a frase do filósofo francês Voltaire, tornou-se o lema da vida de José Ephim Mindlin, advogado, empresário e bibliófilo. Filho de judeus ucranianos, José Mindlin nasceu em 8 de setembro de 1914 na cidade de São Paulo.

Figura 7 - *Ex-libris* de José Mindlin



Fonte: REVISTA Philomatica, 2016.

No ano de 1927, aos 13 anos, despretensiosamente, comprou o primeiro livro antigo, pois nessa época ainda não tinha interesse de formar uma biblioteca:

[...] nesse ano que comprei, de um livreiro da Rua Riachuelo, José de Freitas, o primeiro livro antigo – uma edição portuguesa do *Discurso sobre a História Universal*, de Bossuet, impresso em Coimbra, em 1740. É uma edição sem importância, mas que fascinou o menino de treze anos que eu era e ficou sendo, na realidade, o primeiro livro antigo da Biblioteca, que na ocasião se compunha de poucos livros modernos comprados nos sebos que eu vinha começando a frequentar. (MINDLIN, 2004b, p.32-33).

Aos 15 anos disse ao pai que queria trabalhar, pediu ajuda para encontrar um trabalho, e questionado pelo pai em que gostaria de trabalhar, respondeu-lhe simplesmente: qualquer coisa.

[...] eu só tinha uma matéria para estudar e todo o meu tempo ficou praticamente livre. Disse então a papai que queria trabalhar e, quando ele me perguntou em quê, disse que em qualquer coisa, pedindo que me ajudasse a encontrar trabalho. Dias depois meu pai chegou com a novidade de que um amigo dele, importador de frutas, precisava de alguém que ficasse numa entrada do Mercado Central, controlando a chegada dos caminhões que lhe traziam a mercadoria. Aí estava, pois um emprego possível. A oportunidade não era nada sedutora, mas como eu tinha falado de qualquer trabalho, engoli em seco e aceitei. Aí papai disse que estava brincando, pois o que ele tinha conseguido com o seu amigo Nestor Rangel Pestana, diretor de *O Estado de S. Paulo*, era a minha entrada pra a redação. (MINDLIN, 2004b, p. 34).

Um bom começo para um rapaz jovem e com vontade de trabalhar. Os anos na redação do jornal, o fizeram aprender a escrever com simplicidade e clareza, além de conhecer de perto os bastidores da sociedade paulistana. Deixou o jornal em 1934, ano de fundação da Universidade de São Paulo (USP), onde cursou Direito. No quinto ano da faculdade conheceu a esposa, Guita Mindlin, em uma situação bem peculiar.

[...] chegando um dia à Faculdade, vi uma caloura (por sinal loura), que depois vim a saber que se chamava Guita Kauffmann. Estava cercada por um grupo de rapazes, que insistiam para que ela se inscrevesse num dos vários partidos acadêmicos – Libertador, Liberal, e outros de que não me lembro. Olhei para a moça, e na mesma hora resolvi entrar na conversa, dizendo-lhe que tudo isso era bobagem, porque um bom partido seria eu. Pois ela também topou na hora, e a consequência foi que durante o curso nos casamos. (MINDLIN, 1997, p. 73).

Mindlin advogou por quase quinze anos antes de assumir a administração da Metal Leve¹⁷. O que o bibliófilo faz questão de destacar, é que as atividades advocatícias e empresariais nunca foram empecilhos para fazer o que mais gostava.

No final do período de advocacia, e nos primeiros anos de Metal Leve, minhas leituras continuaram intensas. Eu levava os filhos para a escola bem cedo, lá chegando em regra às sete e quinze, encostava o carro à sombra de uma árvore (o que naquele tempo era possível sem risco de assalto), e lia até às oito e três quartos, só então indo para o escritório. Uma hora e meia sem interrupções, bem aproveitada. (MINDLIN, 1997, p. 80).

Como empresário Mindlin também se preocupava com questões sociais. Ele entendia a empresa como um instrumento de progresso coletivo.

No campo da responsabilidade social da empresa, e no meio dos livros, sinto-me como um peixe dentro d'água. Sempre encontrei tempo para a biblioteca, mas isso nunca me impediu de participar, desde os anos 50, da Fiesp e, mais tarde, da Fundação Getúlio Vargas, assim como de muitas outras organizações de importância social, como museus, bibliotecas públicas, e, [...] da Vitae, uma associação de apoio à cultura, educação e programas sociais. (MINDLIN, 1997, p. 81).

Quisera o Brasil, que boa parte dos empresários tivessem a mesma preocupação. Além disso, Mindlin foi atuante em diversos Conselhos, eram tantos que uma das filhas lhe fez um apelo:

Em paralelo ao meu trabalho na Metal Leve, fiz [...] parte de numerosos e variados Conselhos. Inicialmente apenas alguns poucos, seu número foi depois aumentando, e as solicitações continuam, às vezes difíceis de recusar. Ocorreu até, há alguns anos, um episódio engraçado: minha filha Diana mandou-me uma lembrança de Natal, com um cartão desejando felicidades e menos conselhos. Esses conselhos em letra minúscula me deixaram preocupado, e perguntei a ela se estava dando palpites demais em sua vida. A resposta não só me tranquilizou, pois o que ela estava me desejando era que participasse de menos Conselhos, como fez com que me dessem conta (mas sem grande resultado...) de que o número daqueles dos quais participara era realmente excessivo. (MINDLIN, 1997, p. 82).

A variedade de Conselhos era notável, entre entidades empresariais e culturais Mindlin atuou como membro do Conselho Superior da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Conselho de Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Conselho Nacional de

¹⁷ Empresa que fabricava pistões e bronzinas.

Ciência e Tecnologia (CNPq), Conselho Internacional do Museu de Arte Moderna de Nova York, da Aliança Francesa de São Paulo, do Conselho Diretor da John Carter Brown Library¹⁸ (EUA) e do Conselho Editorial da Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP).

Como figura atuante na vida cultural brasileira, foi Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, membro da Comissão Nacional de Tecnologia da Presidência da República e da Associação Internacional de Bibliófilos (Paris). Tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, bem como, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* de algumas universidades: Universidade de Brasília, Universidade da Bahia, Universidade de São Paulo e da *Brown University* (EUA).

A experiência na Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia durou menos de um ano. E, a desconfiança das pessoas do setor, não tornaram muito fácil a vida do mais novo secretário:

O começo não foi fácil, pois fui recebido, pelas pessoas das duas áreas que não me conheciam, com muita desconfiança: o que um empresário podia entender de cultura (sempre o velho preconceito)? E o que podia um advogado entender de ciência e tecnologia? (MINDLIN, 1997, p. 85).

Diante do impasse, buscou estabelecer o diálogo, e logo veio o entendimento. Mindlin (1997, p. 85) descreve a experiência como “fascinante” pois percebeu: “[...] o que se pode fazer quando se pensa só no trabalho, com vontade política de agir, e sem quaisquer ambições pessoais.” Como não poderia deixar de ser, na passagem pela Secretaria, Mindlin (1997, p. 90) não esqueceu dos livros: “[...] foram feitas cerca de vinte coedições de obras várias, com diversas editoras. O programa envolveu a aquisição de milhares de volumes para serem distribuídos pelas bibliotecas do Estado, ou vendidos ao público por baixo preço”.

Nas memórias, Mindlin escreve sobre a convivência com escritores, muitos deles tornaram-se amigos com destaque para Carlos Drummond de Andrade, de quem recebeu diversos livros devidamente dedicados.

¹⁸ Uma das principais bibliotecas de livros raros do mundo.

Recebi muitos livros dele com dedicatórias amistosas, mas houve um muito especial. Antigamente, eu recebia de Gastão de Holanda¹⁹ como presente de aniversário uma edição caprichada, feita em prensa manual especialmente para mim, às vezes de alguns, mas sempre muito poucos. Em 1977 tive a surpresa de receber o *Amor Natural*, seleção de poemas eróticos inéditos, com a indicação expressa de ser um exemplar único. Tratando-se de poemas de circulação muito restrita, Gastão pediu ao Drummond permissão para ditá-los em livro, com o que, segundo ele, o poeta concordou por ser para mim. Nessa ocasião, Gastão teria proposto fazer dois exemplares, um para o Drummond e outro para mim, dizendo que não era colecionador, achou que somente um deveria ser feito. E ainda escreveu um verso, dedicando-me o exemplar. (MINDLIN, 1997, p. 101-102).

Mindlin afirma ter conhecido o escritor um pouco tarde, mesmo assim, conseguiram manter um vínculo amistoso: “Creio poder dizer que fomos muito amigos, mesmo não sendo íntimos”. (MINDLIN, 1997, p. 94).

Guimarães Rosa também fez parte da lista de Mindlin. Curiosamente, o irmão de Mindlin era amigo de Guimarães Rosa, porém só se conheceram em Paris no ano de 1946. Mindlin (1997) narra que em nenhum momento, durante um mês em Paris, em que andaram juntos por diversas livrarias, Guimarães Rosa deixou escapar que era escritor. Só quando retornou ao Brasil, Mindlin tomou conhecimento do fato.

Foi, pois, com o maior ceticismo que tomei conhecimento, ao voltar o Brasil, da publicação de *Sagarana*. Com minha prevenção pelos livros de sucesso, não me despertou maior interesse, e foi uma surpresa ficar sabendo que o Rosa fosse escritor, mas ficou nisso. Não li o livro. Passaram-se dez anos sem eu pensar no assunto, quando saiu *Corpo de Baile* e, logo depois, *Grande Sertão: Veredas*. Ai a coisa começou a mudar de figura, pois lembrei de *Sagarana*, que foi reeditado pouco antes, e achei que um intervalo de dez anos entre um livro e outro era indicação de um trabalho sério. [...] Decidi, afinal, e tive uma dessas grandes surpresas e encantamentos que a vida sabe proporcionar. Li os três livros de uma arrancada, e nunca mais me separei de Guimarães Rosa. (MINDLIN, 1997, p. 105).

Dentre as personalidades, Mindlin também destaca Rubens Borba de Moraes, mesmo sabendo que alguns críticos podem não reconhecer o trabalho do bibliófilo também como escritor, por ter escrito apenas obras de referências e, “O bibliófilo

¹⁹ Advogado, jornalista, professor, poeta, contista, editor e designer gráfico brasileiro
http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/gastao_de_holanda.html

aprendiz”. Mindlin o tinha como um irmão mais velho, com quem conviveu muitos anos:

[...] mesmo que não tivesse escrito esses livros, Rubens seria o que eu descreveria como ‘escritor oral’, por sua rara capacidade e competência de discorrer sobre qualquer assunto, com simplicidade e erudição, e de escrever como falava. [...] Meu convívio com ele, durante várias décadas, foi sempre de muita amizade e entendimento. Era um grande leitor, de ficção, ensaios, e História (nos últimos anos de vida chegando a ler até mais de seis horas por dia), e meu contato com ele foi de tal natureza, que eu falo de Rubens como o interlocutor que me falta. (MINDLIN, 1997, p. 113).

Como livreiro José Mindlin não teve muito sucesso. Um amigo, Claude Blum, sugeriu a formação de uma livraria de livros raros, e para isso, José Mindlin ficou três meses na Europa para comprar entre dois e três mil volumes. Abriu o comércio, a livraria Parthenon, e ambos viveram entre tristezas e alegrias por cinco anos, no período de 1946 a 1951.

A casa onde se instalou a Parthenon mais parecia uma biblioteca, e se tornou um ponto de atração de amadores de livros, embora nunca tivesse chegado a ser um bom negócio. A explicação não é difícil: comprei na Europa coisa de dois ou três mil volumes, de literatura geral, arte, e viagens, principalmente sobre o Brasil com muitas edições importantes, e, quando chegavam os pacotes, Blum, eu e uma mocinha que trabalhava conosco, Marlyse Meyer, sentíamos a maior alegria. Mas quando se vendia um bom livro, era uma tristeza....! porque nós não podíamos ficar com os livros – tínhamos a obrigação moral de vendê-los [...]. Felizmente, tive o cuidado de pedir aos compradores que, se tivessem no futuro ideia de vender algum, não deixassem de falar comigo. Pois passado algum tempo. Vários deles me procuraram, e assim, nos dez ou quinze anos seguintes, consegui recomprar quase todos os bons livros que tinham passado pela livraria. (MINDLIN, 1997, p. 123-124).

Além de livreiro, José Mindlin foi editor. Não buscava o óbvio, as grandes tiragens, mas as singularidades:

Publicar livros sempre foi uma ideia que me seduziu. Não o livro de leitura corrente, em escala comercial, e sim edições de arte, de tiragens limitadas, ou então reprodução de obras raras, de real valor cultural, mas que não tenham atraído o interesse de empresas editoras. Minha primeira experiência editorial foi a publicação, em 1950, das *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke, traduzidas por Dora Ferreira da Silva. (MINDLIN, 1997, p. 126).

Com amigos editou mais alguns livros, tais como: *Constelação*, poemas de Octavio Paz e *O Rio* de João Cabral de Melo Neto. Ainda na Metal Leve, patrocinou

algumas edições, como, por exemplo, a *Revista de Antropofagia*, importante documento do Movimento Modernista²⁰.

José Mindlin, naturalmente um mecenas, tinha uma relação com a empresa Metal Leve diferenciada, se comparado com a grande maioria dos empresários.

Por mais chocante que possa parecer, não fui um empresário apaixonado pela vida empresarial, embora não deixasse de lhe dar a devida importância. Sei o que a empresa representa como fator de desenvolvimento, e sempre a encarei como um instrumento de progresso coletivo, não apenas individual, o que significa que a empresa, além de cumprir suas tarefas específicas (que não são poucas, nem fáceis), tem obrigações sociais que não podem ser ignoradas, inclusive com a cultura. (MINDLIN, 1997, p. 81).

A biblioteca é definida por José Mindlin, como sendo o melhor lugar do mundo, não é de se estranhar que tenha formado uma. Além disso, sabia que a disseminação da informação era tão importante quanto preservar a memória escrita, por isso, costumava abrir as portas de sua casa para quem quisesse pesquisar na biblioteca.

Muitas vezes ouvi dele que o conhecimento existe para ser compartilhado, e – coisa rara entre bibliófilos – ele era generoso a ponto de abrir seu acervo e permitir que eu recebesse em sua casa-biblioteca, praticamente todos os dias, inúmeros estudiosos e pesquisadores vindos de todos os lugares. (ANTUNES, 2014, p. 52).

A generosidade de José Mindlin e a importância que dava à socialização do conhecimento merecem destaque:

Como ninguém, ele aliava o prazer do conhecimento à consciência da necessidade de sua socialização. O patrimônio cultural, na sua visão, ganhava dimensão política, e existia na medida em que poderia ser preservado, compartilhado e usufruído. (ARAÚJO, 2014, p. 80)

José Mindlin nasceu em um ambiente cultural, onde o pai era dentista, mas gostava de artes plásticas, a mãe acompanhava o pai na busca das obras de arte. Em casa havia uma biblioteca e a leitura era um hábito generalizado. Tinha sempre um livro consigo, e aproveitava sempre espaços de tempo curtos para leituras. Não enxergava os livros como *hobby*, mas como ponto central, algo necessário à vida.

²⁰ Revista que circulou de maio de 1928 a agosto de 1929. Foram dez números publicados na capital paulista, teve por objetivo divulgar as ideias dos modernistas lançadas na Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 1997 publica o primeiro livro intitulado “*Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*”, escrito à mão em cinco finais de semana, motivado por uma entrevista concedida três anos antes da publicação do livro.

Bem, eu me preocupei com que fosse uma coisa interessante. E hesitei muito para fazer esse livro, porque eu tinha dado uma entrevista a um grupo de jornalistas jovens que publicavam a revista *Bric a Brac* sobre a biblioteca e a minha relação com os livros. Eles chegaram aqui às 11h de um sábado e saíram às 6h (18h). No começo fizeram a mesma pergunta que você fez, se eu me incomodava de gravar. E eu disse que não, e às 6h, quando eles foram testar, não tinha gravado nada. Espero que isso não aconteça com você. Eu disse: “Vocês estão desapontados, mas não foi mal, porque agora vocês conhecem a biblioteca, então vocês me façam as perguntas que quiserem e eu responderei na medida do possível, coisa do meu próprio punho”. Eu recebi perguntas que deram 15 páginas de resposta. Aí eles me fizeram mais perguntas, e no fim saiu uma publicação bastante boa. Dois amigos – o Plínio Martins, da Edusp, e a Marisa Lajolo, uma professora muito amiga nossa – disseram: “Olha, a entrevista está muito boa, mas você tem mais coisas para contar”. Eu disse: “Bom, mas no fundo isso é uma coisa íntima, não sei se tem interesse para o grande público”. E eu levei três anos resistindo à ideia de escrever o livro, mas no final a insistência foi grande, dizendo que o livro poderia servir de apoio para despertar o interesse pela leitura. Então, aquela entrevista serviu de base, e escrevi o livro com a preocupação de ser uma coisa interessante para o leitor. Eu aprendi a escrever com simplicidade, com clareza, no Estadão (o jornal O Estado de S. Paulo), e isso me valeu para o resto da vida. (INSTITUTO CEA, 2006).

O acervo da biblioteca de José Mindlin chegou a possuir quase 40.000 títulos, composto por manuscritos, incunábulo²¹, livros sobre o Brasil, livros de viagem e revistas. Na biblioteca existiam algumas obras de arte. Para cuidar do acervo e administrar a biblioteca, José Mindlin teve a companhia das “três graças” como ele mesmo afirma: Cristina Antunes (bibliotecária), Elisa Nazarian e Rosana Gonçalves. Além de Sérgio Pizoli e Mari que cuidavam da curadoria do acervo iconográfico e bibliográfico. Cristina Antunes permanece na Biblioteca da USP.

Acometido de um problema na retina, que dizia ser uma “injustiça da sorte”, tanto Cristina quanto as demais liam para ele todos os dias, livros, reportagens ou

²¹ “Momento inicial; começo, origem, berço. Diz-se de ou livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500)”. (HOUAISS, 2004, p. 1601)

correspondências. Perdeu a esposa Guita no ano de 2006, por isso contava com a ajuda das fiéis funcionárias.

Em 28 de fevereiro de 2010, aos 95 anos faleceu José Mindlin, eternizado pelo título da Academia Brasileira de Letras, quinto ocupante da cadeira 29 em 2006, e pela herança cultural que deixou ao Brasil, o acervo que compõe a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, localizada na USP.

4.1 Guita Mindlin

No Brasil, a única mulher a aparecer na história da bibliofilia. Guita e José Mindlin compartilharam, por quase 70 anos a formação de uma das mais importantes bibliotecas privadas do Brasil. Acompanhou e apoiou o marido nas aventuras em busca de livros raros. Guita Kauffman Mindlin, formou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão. Não era bibliófila, pelo menos não há registros de que fosse, mas apreciava os livros e a leitura, motivo que a fez estudar técnicas para preservá-los por mais tempo. Em casa, montou um laboratório particular para realizar reparos nos livros da biblioteca e assim prolongar a vida útil dos exemplares. O interesse pelo restauro de livros foi fundamental para a criação da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER).

A ABER foi fundada em 1988, em São Paulo, por um grupo de encadernadores e restauradores, entre eles Thereza Brandão Teixeira, Guita Mindlin, Marisa Garcia de Souza, Luís Otávio Louro Gomes e Márcia Toledo para formar profissionais qualificados para atuarem na encadernação, conservação e restauro de livros, e para promover no Brasil a prática da encadernação artística de nível internacional. (ABER, 2016)

Atualmente, a ABER está localizada no térreo da Biblioteca Mário de Andrade no centro da cidade de São Paulo. O trabalho pioneiro de Guita Mindlin continua a oferecer cursos de acondicionamento, conservação preventiva, técnicas de higienização e reparos. Possui também alguns grupos de estudos que tratam de livros com costuras aparentes, sem o uso de cola, e também o grupo de estudos ARS&LIBER que promove encontros para discutir processos artísticos de poéticas subjetivas e produção de livros.

Além do site oficial www.aber.org.br, uma página do *Facebook* é uma alternativa para quem deseja atualizar-se com os eventos que são realizados. Entre os parceiros da ABER estão a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Como um dos membros do conselho consultivo, encontra-se Cristina Antunes, bibliotecária que trabalhou muitos anos com José Mindlin.

4.2 O que Mindlin e Borba têm em comum?

A ousada metafísica do conto “A biblioteca de Babel” de Borges (2001) onde há abrigo para uma quantidade infindável de livros, compõe o que seria o universo mais perfeito do conhecimento. Só um apaixonado pelo livro e pela leitura é capaz que compor tal metáfora, uma biblioteca com medidas simétricas e intermináveis.

O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, em cinco longas estantes de cada lado, cobrem todos os lados [...]. (BORGES, 2001, p. 91).

Visualizar a biblioteca de Babel não é uma tarefa fácil, a matemática arquitetônica e a quantidade de livros sem fim são reduzidas na compreensão de que a busca pelo conhecimento é infinita, a informação é incontável, mas o tempo limita tudo e todos. Os homens se vão, as bibliotecas ficam.

Talvez me enganem a velhice e o temor, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta. (BORGES, 2001, p. 100).

A perspectiva da continuidade, bem como do espaço praticamente intangível da biblioteca, aparece em outro ponto de vista.

A biblioteca não se ergue como o palácio dos ventos, isolado numa paisagem real, excessivamente real, que lhe serviria de moldura. Ela curva o espaço e o tempo ao redor de si, e serve de receptáculo provisório, de *dispatcher*, de transformador e de agulha a fluxos bem concretos que ela movimenta continuamente. (LATOURE, 2008, p. 21)

Manusear os livros, correr os olhos de uma lombada a outra é como tentar encontrar o elo perdido, uma conexão perfeita, escondida atrás das capas, nas entrelinhas de cada expressão evocada por cada autor. O compartilhamento de ideias, entre o leitor e alguém presente fisicamente em forma de livro.

O leitor vai tocando os livros dispostos nas estantes, levanta-os, sente-lhes o peso, aprecia as letras inclinadas, dispostas numa página de rosto, examina marcas deixadas por outros leitores e, quanto mais o toca, mais fugidio lhe parece o saber ali contido. Todas as coisas que desconhece parecem estar lhe acenando por detrás das capas, nas entrelinhas. Na biblioteca, o leitor é obrigado a despertar daquele sonho de comunhão íntima provocado pela leitura. [...] É claro que essa experiência da dimensão puramente física do livro é mais forte nas grandes bibliotecas, onde a massa de palavras escritas é tão grande que parece criar um centro de gravidade em torno de si. (BATTLES, 2003, p. 10)

Com a infinidade do universo de título e autores, vale a pena passar a vida procurando um livro? Rubens Borba de Moraes e José Mindlin mostram que sim. Não para criar a biblioteca universal, mas para compor um ambiente satisfatório para si mesmo.

Colecionadores podem ser julgados por serem pessoas ricas e que a coleção é um passa tempo, em alguns casos essa pode ser a mais pura verdade, mas em outros, não. O fato de ter dinheiro para colecionar algo caro, como livros raros, não fez de Rubens Borba de Moraes e José Mindlin seres pedantes, exibicionistas e egoístas. Ambos reconheciam o valor histórico-cultural que o livro carrega.

Quinze anos de idade separavam esses dois grande bibliófilos. Divergências mínimas e irrelevantes não foram empecilhos para que se tornassem grandes amigos. Rubens Borba de Moraes estudou na Suíça, achava o português uma língua morta e não gostava de Machado de Assis. José Mindlin saiu do Brasil apenas a trabalho ou passeio e era fascinado por Machado de Assis. Mas, e daí? Várias outras coisas os uniam. Ambos amavam livros raros, a Brasileira, a leitura, as bibliotecas e nos espaços públicos nos quais trabalharam, atuaram para tentar mudar um pouco a falta de bibliotecas e trazer um pouco mais de cultura para o Brasil.

Após dez anos vivendo no meio intelectual genebrino composto por artistas, exilados políticos e escritores, Rubens Borba de Moraes retorna ao Brasil em setembro de 1919 e encontra um cenário pouco hospitaleiro.

O período compreendido entre a ida para a Europa e o retorno, dez anos depois, foi marcado por profundas transformações no país e no mundo. No campo político internacional a explosão da guerra mundial em 1914 provocou a morte de milhões de pessoas. Resultante o choque de interesses entre grupos dominantes de países rivais, que disputavam entre si a supremacia sobre nações menos desenvolvidas, alterou a rotina do comércio internacional e trouxe consequências catastróficas para o panorama econômico mundial. [...]

No Brasil, o período foi marcado por grandes descontentamentos, traduzindo-se em revoltas, motins e manifestações de protesto. Numa eleição fraudulenta, o marechal Hermes da Fonseca se sobrepõe à candidatura civilista de Rui Barbosa, que tentava interromper a política do 'café-com-leite', onde se alternavam no poder, desde a Proclamação da República, representantes de São Paulo e Minas Gerais. [...]

No campo das artes o mundo assistiu ao surgimento de movimentos que rompiam com os padrões estéticos até então vigentes. Surgia o expressionismo, o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo e a arte abstrata. [...]

A cultura encontrava seu canal de comunicação com a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e o de São Paulo. (BANDEIRA, 2007, p. 10-11).

Rubens Borba de Moraes trouxe consigo além dos livros a necessidade de atualizar-se, imediatamente procurou Mário de Andrade com quem tinha laços praticamente familiares.

Diz minha avó que, no fundo, o Moraes²² dele é o mesmo Moraes que o meu... As famílias eram muito amigas, de maneira que as minhas relações com o Mário de Andrade são relações que vêm do avô dele e do meu avô. E as famílias se visitavam muito, eles iam passar temporadas na fazenda, de sorte que, quando cheguei em São Paulo, onde eu não conhecia ninguém – eu tinha saído de São Paulo com nove anos e voltava com quase 21 – procurei Mário. A família me disse: “Vá procurar o Mário. Ele também gosta de literatura e entende de livros.” Procurei o Mário e aí reatamos a nossa amizade, que durou a té a morte dele, coitado”. (MORAES, *apud* BANDEIRA, 2007, p. 11)

Retomaram a amizade e atualizaram as leituras, Mário de Andrade lia a coleção de livros “modernos” que Rubens Borba de Moraes trouxera enquanto este atualizava-se em literatura brasileira.

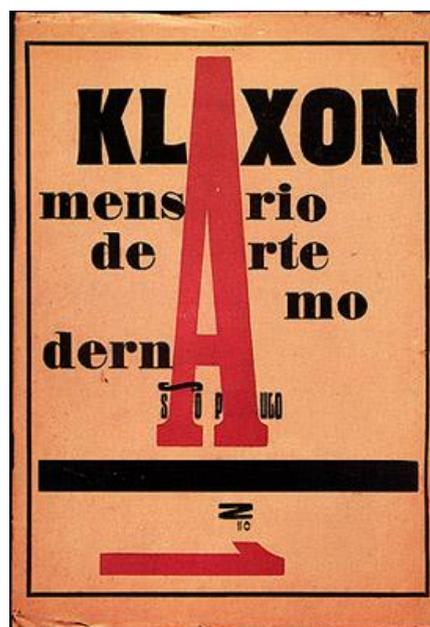
²² O nome completo de Mário de Andrade era Mário Raul de Moraes Andrade.

Após o reencontro, Rubens Borba de Moraes começou a participar das reuniões que Mário de Andrade organizava às terças-feiras, entre os anos de 1921 e 1923, de onde nasceu o movimento modernista de São Paulo. O movimento tinha por ideologia trazer arte nova e de qualidade para o Brasil. Rubens Borba de Moraes participou ativamente da organização da Semana de Arte Moderna de 1922, mas não foi ao evento, acometido de febre tifoide, precisou repousar na fazenda da família por aproximadamente dois meses.

Após o sucesso da Semana de Arte Moderna, o grupo de intelectuais aumentou e em meados de 1922 criaram a revista *Klaxon*, que em francês é um termo usado para buzinas externas dos automóveis, nada mais apropriado para um grupo que desejava fazer barulho.

Klaxon, que em francês designa buzina, foi uma revista que se manteve sem venda nem assinatura. Viveu da contribuição financeira de seus criadores. Sobreviveu por nove meses e teve nove números, sendo que o último, 8/9, duplo e dedicado a Graça Aranha. Deixou de ser publicada em janeiro de 1923. Foi considerada um marco nas artes gráficas no Brasil, e Rubens Borba dava-lhe importância maior que à própria Semana. (BANDEIRA, 2007, p. 13).

Figura 8 - Capa da *Klaxon*, n. 1, 1922



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural, 2016.

No Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo, criado em 1935, Rubens Borba de Moraes tinha um plano bibliotecário, além de montar uma rede de

bibliotecas, um sistema municipal. Priorizou a organização dos serviços técnicos, aquisição de livros raros para enriquecer a Brasileira e a construção de um prédio significativo para a cidade. Infelizmente, o plano ideal de uma rede de bibliotecas não se realizou, apenas o prédio ficou pronto. Enquanto Fábio Prado estava no comando da Prefeitura, tudo caminhava bem, mas quando Prestes Maia assumiu a Prefeitura da Cidade de São Paulo, Rubens Borba de Moraes teve de relutar contra as excentricidades do atual prefeito, conseguindo apenas abrir a biblioteca.

A cultura que pretendíamos incentivar e oferecer ao povo não era demagógica ou luxuosa, teria base estatística e social. Era naquela época um conceito absolutamente novo e revolucionário em matéria de administração. Nunca se tinha pensando administrar dessa maneira no Brasil. A administração brasileira dependia naquele tempo exclusivamente da iniciativa pessoal dos presidentes e prefeitos. As realizações feitas eram devidas a inspiração ou conveniência dos políticos. (MORAES, 2011, p. 217)

José Mindlin amargou os efeitos do Estado Novo (1937-1945), entre o autoritarismo e a censura de Getúlio Vargas, Mindlin visitou Monteiro Lobato e Caio Prado Junior na prisão. Atuou como jurado no Tribunal do Júri e em um dos processos conheceu Sérgio Buarque de Holanda, de quem se tornou amigo. Entre os governos dos generais Emílio Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979), Mindlin atuou como conselheiro na FAPESP (1973-1974) e FIESP (1975-1976). Em 1975 era também Secretário de Cultura da Cidade de São Paulo, convite inicialmente recusado pois Mindlin era contra regime militar.

Mindlin conta que um ano antes, quando foi convidado pelo governador Paulo Egydio para ser Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia, não quis aceitar, "porque eu era contra o regime militar, era a favor da abertura desde o momento em que houve o fechamento, e não podia fazer parte de um governo nomeado". Na época, Mindlin estava tocando seu trabalho na sua empresa, a "Metal Leve, era contra o regime de força, mas como se falava em transitoriedade e que o restabelecimento da democracia viria logo, foi mais fácil aceitar, inclusive porque Ernesto Geisel tinha assumido o poder com a promessa de abertura política". (FILGUEIRAS, 2004)

Mindlin deixa a Secretaria após a morte do jornalista Vladimir Herzog²³.

²³ "Vladimir Herzog, o Vlado, foi jornalista, professor e cineasta brasileiro. Nasceu em 27 de junho de 1937 na cidade de Osijek, na Croácia (na época, parte da Iugoslávia), morou na Itália e emigrou para o Brasil com os pais em 1942. Foi criado em São Paulo e naturalizou-se brasileiro. Estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e iniciou a carreira de jornalista em 1959, no jornal O Estado de S. Paulo. Nessa época, achou que seu nome de batismo, Vlado, não soava bem no Brasil e decidiu passar a assinar como Vladimir.

Quando Herzog foi morto nos porões da ditadura, em 1975, Mindlin era secretário de Cultura de São Paulo. Fora ele que nomeara o jornalista para a direção da TV Cultura. Mindlin logo se opôs à tese de suicídio e defendeu o profissional publicamente. Como consequência do episódio, abandonou a secretaria. (MEIRELES, 2014).

Sobre o posicionamento político, no que diz respeito à ditadura e da decisão de deixar a Secretaria de Cultura, Mindlin recorda em detalhes:

[...] tive de enfrentar muitas pressões, tanto ideológicas como fisiológicas, às quais sempre resisti. De um modo geral, eu era considerado, pelos elementos mais radicais de direita, um comunista notório, e pelos radicais um pouco mais moderados, um criptocomunista, mas o problema somente se tornou sério após a nomeação de Vladimir Herzog como Diretor de Jornalismo da fundação Padre Anchieta.

Eu não o conhecia pessoalmente, e a indicação de seu nome foi feita apenas na base de seu excelente currículo, de longe melhor que o dos outros candidatos. As complicações surgiram na época e seu trágico desfecho acabaram por tornar impossível minha permanência no cargo, que se revelou incompatível com a posição do próprio Governador Paulo Egydio, quando este declarou publicamente que acreditava no suicídio de Herzog. O episódio teve dois tempos: o primeiro foi a própria morte de Vladimir Herzog, de que tive notícias quanto estava em um seminário na Universidade do Texas. Voltei logo ao Brasil, para apresentar meu pedido de demissão, mas naquela ocasião o Governador Paulo Egydio me disse ao receber o pedido: *‘Você está liberado, de acordo com nossa combinação; mas devo dizer que, saindo, você enfraquece a resistência a uma tentativa de golpe radical. Prenderam Herzog para pegar você; pegariam você para me pegar, e me pegariam para derrubar o Presidente. Mas se você ficar, não posso garantir nada – amanhã podemos estar todos na rua, ou presos’*. Diante disso, senti-me obrigado a permanecer, mas decidido a deixar o cargo na primeira oportunidade.

O segundo tempo veio depois, com a morte de Manoel Fiel Filho²⁴ e a declaração do Governador de que, por pressão militar, irresistível, iria transferir a Fundação Padre Anchieta da Secretaria de Cultura

Em 24 de outubro do mesmo ano, foi chamado para prestar esclarecimentos na sede do DOI-Codi sobre ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sofreu torturas e, no dia seguinte, foi morto. A versão oficial da época, apresentada pelos militares, foi a de que Vladimir Herzog teria se enforcado com um cinto, e divulgaram a foto do suposto enforcamento. Testemunhos de jornalistas presos no local apontaram que ele foi assassinado sob tortura. Além disso, em 1978, o legista Harry Shibata confirmou ter assinado o laudo necroscópico sem examinar ou sequer ver o corpo.” (Memórias da ditadura, 2016).

²⁴ “Operário metalúrgico morto em 1976 pela ditadura militar. Vivia na capital paulista desde os anos 1950. Tinha trabalhado como padeiro e cobrador de ônibus antes de se tornar operário metalúrgico, quando passou a exercer a função de prensista na Metal Arte, no bairro da Mooca, aos 19 anos. Em janeiro de 1976 foi preso por dois agentes do DOI-Codi, na fábrica, sob a acusação de pertencer ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). No dia seguinte à sua prisão, os órgãos de segurança emitiram nota oficial afirmando que Manuel havia se enforcado em sua cela com as próprias meias. Porém, de acordo com colegas, quando preso, usava chinélos sem meias.” (Memórias da Ditadura, 2016).

para a Secretaria do Governo, coisa que eu não podia aceitar, e que me levou a renovar, dessa vez sem volta, meu pedido de demissão. (MINDLIN, 1997, p. 91-92).

A lista de atuação de Mindlin é um pouco maior como visto anteriormente. Mas por que destacar fatos de uma época tão difícil no cenário político brasileiro? Justamente, por ser difícil, inesquecível e tanto José Mindlin quanto Rubens Borba de Moraes terem sido protagonistas na construção de um país socialmente mais justo. A censura e a ditadura militar não foram empecilhos para que ambos atuassem de forma ética e crítica no que se propuseram a fazer.

Atitude, bravura, compromisso nacional e tantos outros motivos poderiam descrever o sentimento que ambos tiveram no desempenho de todos os cargos que ocuparam. Mas, como discutir sobre os fatos sem que estejam registrados? Só a história oral não atenderia a fixação do registro da memória. Estariam essas histórias em alguma das prateleiras da Biblioteca de Babel? Seja nos contos de Borges ou na nova Bibliotheca Alexandrina, é isso o que encontramos lá, histórias. Contos, ficções, histórias da vida real, pesquisas científicas, dados estatísticos, biografias... Infinitas possibilidades para infinitas necessidades informacionais.

5 A COLEÇÃO BRASILIANA

Composta por livros, gravuras, fotos, vídeos, estudos, ensaios, artigos, relatos etnográficos etc. a Brasileira é uma coleção de inúmeros documentos que discorre sobre a temática do Brasil. Moraes (1998, p. 176) define a Brasileira como sendo: “[...] todos os livros que tratam do Brasil, todos os livros escritos por brasileiros e todos os livros impressos no Brasil.”

Nesse caso, haveria um limite de data de publicação para se dizer que alguém ou alguma instituição possui uma Coleção Brasileira? Se não houver, com a grande proporção do mercado editorial, tudo seria Brasileira?

De fato, há uma data limite para se considerar uma Coleção Brasileira. A proposta de Moraes (1998, p. 177) é que sejam classificados como Brasileira: “[...] todos os livros sobre o Brasil, impressos desde o século XVI até fins do século XIX, e os livros de autores brasileiros, impressos nos estrangeiros até 1808”. Essa mesma definição consta na Instrução Normativa nº 01 de 11 de junho de 2007, do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que dispõe sobre o *Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros*. A justificativa para o ano de 1808, é o início da impressão de documentos, nesse mesmo ano, em território brasileiro.

Fundada em 1808,^a Imprensa Régia parece ser o primeiro indicativo de que a situação bibliográfica brasileira poderia ter um cenário menos nebuloso no alvorecer do século XIX, se antes, com a censura, a existência de casas editoriais ou de maquinário de impressão representava a prisão de seu(s) dono(s) e a destruição desta, com a chegada da Corte o panorama se torna favorável e o Príncipe Regente, D. João VI, permite que sejam realizadas as primeiras impressões em solo brasileiro com autorização de Portugal. (JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2016, p. 171).

Colecionar livros pode provocar alguns sentimentos, como a alegria de encontrar um item da coleção, a ansiedade de encontrar o próximo e frustração de nunca conseguir completá-la. Isto posto, diante das inúmeras temáticas, autores,

documentos e idiomas seria impossível alguém dizer que possui uma Coleção Brasileira completa.

Um bibliófilo deve, portanto, logo de início, saber que nunca poderá possuir uma coleção completa seja lá o que for. Sempre lhe faltará um ou outro livro que ele conhece, que já viu, mas que não consegue adquirir. É nisso que está, justamente, o interesse de colecionador. Os que desanimam não tem o fogo sagrado, essa ânsia de perfeição, sempre procurada mas nunca atingida. É por isso que aos bibliófilos, cujas almas não anseiam pelas grandes alegrias místicas, eu aconselharia humildade. Não ambicionar livros que não possam ter, restringir sua coleção de acordo com suas possibilidades, são os únicos meios de se poder formar uma biblioteca.

Se esses conselhos valem para qualquer assunto, muito mais valem eles, quando se quer hoje em dia colecionar Brasileira.

[...] o assunto é vasto, abrange quatro séculos e contém livros nos mais variados idiomas. (MORAES, 1998, p. 178).

Os bibliófilos que iniciam uma coleção Brasileira, além de saber desde o início da formação do acervo que a coleção estará sempre incompleta, devem saber também que afora tempo gasto na busca do exemplar desejado, o custo financeiro pode ser bastante dispendioso.

Brasileira é um assunto caro. É por isso que muitos colecionadores [...] colecionam somente uma parte dos livros de Brasileira. Procuram os livros de viagens, ou os livros ilustrados, ou os livros alemães sobre o Brasil. Qualquer desses assuntos contém muita obra, o suficiente para formar uma coleção valiosa. Talvez a parte mais extensa e mais cara seja a de livros de viagens ao Brasil. [...] No século XIX, quando os países europeus, a França principalmente, mandaram grandes expedições científicas dar a volta ao globo, para estudar a flora, a fauna, e fazer toda sorte de investigações, essas expedições reuniram coleções consideráveis de espécimes de história natural e publicaram os resultados de suas investigações em séries de volumes, que marcaram época, não só no mundo científico, mas no mundo dos livreiros e colecionadores, tal a beleza dessas obras repletas de gravuras. Quase todas foram impressas em muitos volumes com diversos álbuns de pranchas. Apareciam em fascículos durante anos. Como toda obra de gênero, a venda era feita por subscrição. Levava anos para sair completa. Eram principalmente as bibliotecas que as subscreviam. [...]

Todos esses fatores fizeram com que as obras completas de expedições científicas sejam hoje muito raras e caras. Creio não me enganar pensando que são das obras mais caras de uma coleção de viagens. Em compensação, muitas delas são obras-primas de arte e nunca se fez ou se fará coisa igual ou parecida. (MORAES, 1998, p. 179-180).

A Brasileira foi reconhecida como a mais completa coleção que contém informações sobre o Brasil. De acordo com Hallewell (2005) o jornal *O Estado de*

São Paulo reconheceu a coleção como sendo o maior repositório de informação sobre o Brasil:

Com efeito, a 'Brasiliana' pode ser considerada uma das primeiras manifestações do novo interesse pelo Brasil e por sua herança, despertado com a Revolução de 1930. Posteriormente, sentiu-se lisonjeada quando foi imitada por várias outras coleções de diversas editoras. (HALLEWELL, 2005, p. 378).

A Coleção Brasiliana, em alguns casos, é chamada de Coleção Brasiliense, não muito usual e também não seria o mais correto. Na prática, ambas evidenciam a história do Brasil, todavia a linha tênue que separa os dois conceitos é o período pós 1808, prelúdio da imprensa no Brasil.

[...] O nome pouco importa, aliás, e se lhe quiserem dar outro título qualquer, não vejo nisso o menor inconveniente. A imaginação do brasileiro não se revela nos romances, mas nos nomes de batismo que dá aos filhos e nos apelidos que põe em toda gente. Chamem ou apelidem, portanto, como quiserem a coleção de livros publicados no Brasil. Qualquer nome serve, até o de Maria José, mas, o que importa, é não misturar Brasiliana com Brasiliense.

Ao primeiro grupo pertencem os livros sobre o Brasil, impressos entre 1504 (data do primeiro livro sobre o Brasil) e 1900. Pertencem à Brasiliana, igualmente, os livros escritos por brasileiros durante o período colonial [...].

Ao segundo grupo pertencem os livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias. É vasto o período e largo o campo [...].

Numa Brasiliense entram os primeiros livros impressos no Brasil pela Imprensa Régia, as obras célebres ou raras de literatura, os primeiros livros de Medicina, de Direito, de História Natural, as obras sobre escravidão, sobre Política, sobre História, etc., etc. É muita coisa e não creio que nenhuma biblioteca pública tenha a ambição de reunir todos esses assuntos os colecionadores bem o sabem e escolhem, sabiamente, um ou outro assunto nesse campo, para formar suas coleções. (MORAES, 1998, p. 182-183).

A Biblioteca Nacional possui um acervo chamado de Coleção Brasiliense, trata-se da coleção de Julio Benedicto Ottoni organizada por José Carlos Rodrigues, contém 12.187 obras em 15.161 volumes. A coleção foi incorporada ao acervo da Coleção Brasiliana da Biblioteca Nacional no ano de 1911. É considerada uma das coleções mais importantes da BN. Julio Benedicto Ottoni era um industrialista que comprou a coleção e a doou ao bibliófilo José Carlos Rodrigues:

Um "donativo régio". Assim o Jornal do Commercio de 8 de Julho do ano de 1911 qualificou a doação de um fantástico conjunto de livros à Biblioteca Nacional. Tratava-se de uma coleção que havia ficado conhecida dentre certos círculos intelectuais como a Bibliotheca Brasiliensi do Dr. José Carlos Rodrigues (1844-1923), nome do responsável pela reunião das obras. A partir desse dia, no entanto,

esse mesmo ajuntamento passaria a se chamar Coleção Benedito Ottoni. (SILVA, 2010).

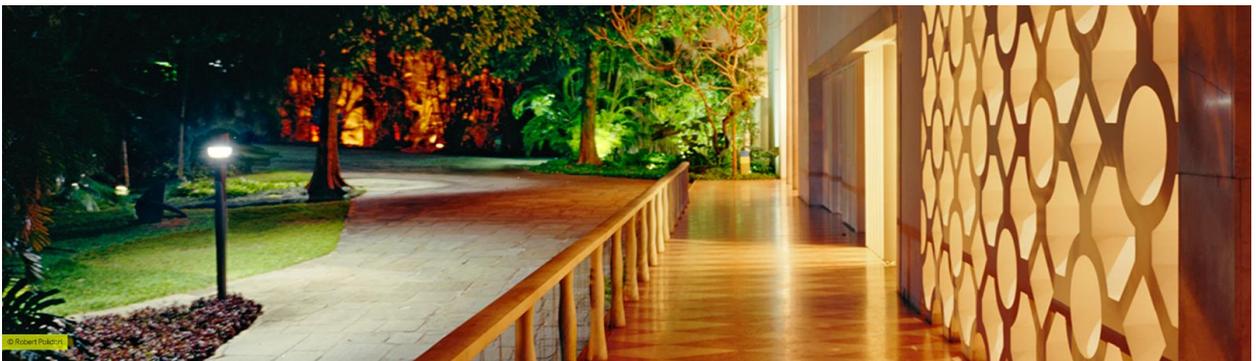
Figura 9 - Sala de obras raras – Fundação Biblioteca Nacional (RJ)



Fonte - Fundação Biblioteca Nacional, 2016

Em parceria com o Instituto Moreira Salles²⁵ (IMS). A BN possui também um acervo fotográfico da Coleção Brasileira, chama-se Brasileira Fotográfica. Não há informações no portal da BN de quantos itens estão digitalizados. O IMS estima o quantitativo do acervo em 800 mil imagens, mas não faz referência à BN, o que não explica se o número divulgado inclui os dois acervos ou não.

Figura 10 - Instituto Moreira Salles – Rio de Janeiro



Fonte: Instituto Moreira Salles, 2016

²⁵ O Instituto Moreira Salles possui um vasto acervo fotográfico além de música, iconografia e literatura. O Instituto iniciou as atividades no ano de 1992 nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, posteriormente foi inaugurada uma sede em Poços de Caldas. As atividades são subsidiadas pela parceria com o UNIBANCO e a família Moreira Salles.

A busca no portal da Brasileira Fotográfica, exceto por data, está organizada em ordem alfabética, e o *design* chama atenção pelo cuidado na escolha e disposição das imagens. O usuário pode escolher pesquisar por data, autor, assunto ou local. Todas as fotos estão bem catalogadas, incluindo data da fotografia, descrição e assunto, além da boa resolução em que foram digitalizadas. Um acervo com uma excelente apresentação para quem busca informações sobre a história do Brasil através das imagens.

Figura 11 - Links de pesquisa da Brasileira Fotográfica



Fonte: Biblioteca Nacional, 2016.

Além da BN e do IMS, em dezembro de 2014 o Itaú Cultural instaurou o Espaço Olavo Setúbal, localizado na Avenida Paulista em São Paulo, ocupando dois andares em um total de 514 metros quadrados. A entrada é uma Brasileira retratada, com figuras da fauna e flora brasileiras.

O acervo é composto de 969 itens. “Da *Brasileira Itaú*, o público poderá ver 969 itens, entre pinturas (12), tridimensionais (16), desenhos, aquarelas e têmperas (30), gravuras (693), mapas/cartografia (16), manuscritos de literatura (7), documentos (76), periódicos (5), livros (98) e caricaturas (96)”. (ITAÚ CULTURAL, 2016).

Figura 12 - Entrada do Espaço Olavo Setúbal



Fonte: Itaú Cultural, 2016

O acervo de obras de arte do Itaú Unibanco, mantido e gerido pelo Itaú Cultural, começou a ser criado na década de 1960, quando Setubal adquiriu a obra: *Povoado numa Planície Arborizada*, do pintor holandês Frans Post – agora exposta no módulo 2, O Brasil Holandês, no Espaço Olavo Setubal. (ITAÚ CULTURAL, 2016).

Brasileira ou Brasiliense o importante é que a coleção revele aquilo que existe de mais precioso na História do Brasil, independente do período que retratam. Que mais órgãos públicos e privados reconheçam a importância da preservação da história em diversos formatos, e tomem a iniciativa de cuidar para que a história e cultura brasileiras sejam preservadas e ao mesmo tempo acessíveis.

6 A BRASILIANA USP

Figura 13 - Vista frontal da Biblioteca Brasileira USP.



Fonte: Archdaily, 2016.

Na entrada, um dos maiores empreendimentos de acesso à informação no Brasil exibe a frase, em português, do *ex-libris* de José Mindlin: “Não faço nada sem alegria”. Um prédio grandioso projetado pelos arquitetos Eduardo de Almeida, renomado arquiteto paulista além de amigo de José Mindlin, e Rodrigo Mindlin Loeb, neto de José Mindlin, que receberam, em 1999 do bibliófilo a missão de elaborar o projeto da biblioteca que abrigaria a maior coleção de obras raras do Brasil, com aproximadamente 17 mil títulos e 40 mil volumes.

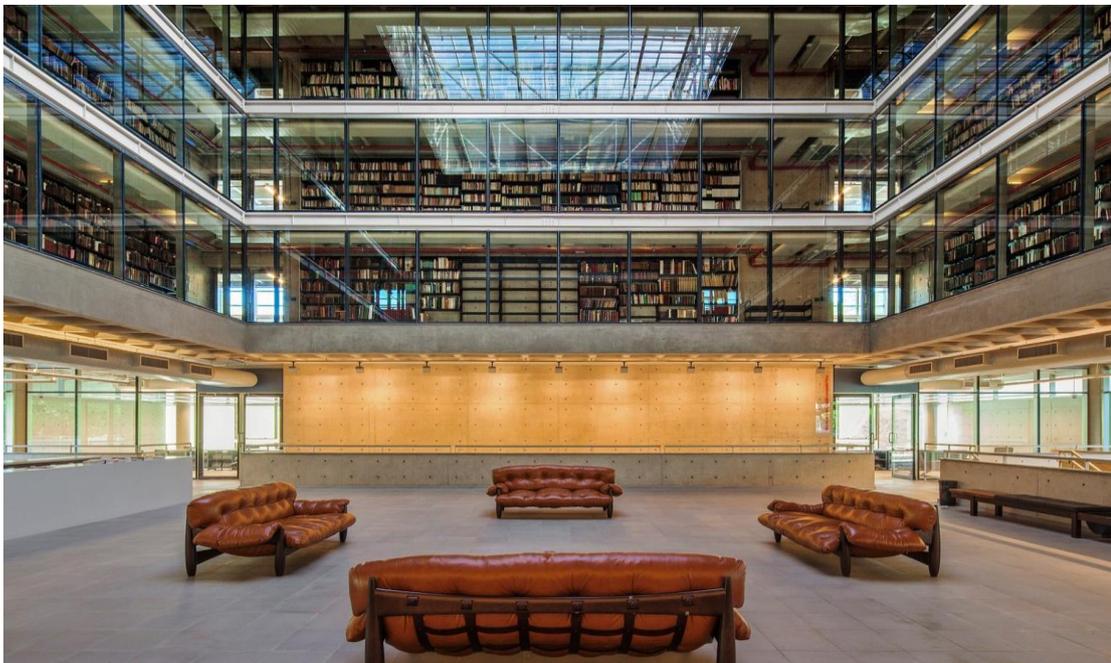
A inspiração para o projeto de 21.950 m² foram as bibliotecas *Beinecke Rare Book & Manuscript Library* (Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros), da Universidade de Yale; a *Morgan Library*, a *New York Public Library* nos Estados Unidos, e a Biblioteca *Saint Geneviève*, de Paris, na França. O projeto de conservação das obras teve a contribuição da *Library of Congress* (Biblioteca do Congresso), de Washington. “Queríamos construir uma obra pública que fosse referência de qualidade e tínhamos a preocupação da perenidade. Há livros de mais de 500 anos que devem permanecer lá por outros 500, então o prédio também precisava ser durável” (LOEB, 2016).

Em um espaço amplo e bem distribuído o prédio possui livraria, cafeteria, sala de exposições e auditório para 300 pessoas. Existe também, salas para consulta, sala para exposição permanente, mas apenas o térreo é aberto ao público.

A sustentabilidade está presente em todas as instalações do prédio. A iluminação natural foi priorizada, há implantação de placas de sistemas fotovoltaicos para captação de energia solar, produzindo além de economia, energia limpa e de qualidade. Há também filtros de luminosidade nos vidros, uma estabilidade térmica criada a partir de um forro ultravioleta que permite apenas 10% de entrada de luz. “A transparência está presente para criar uma relação interior e exterior, mas sempre com os filtros de luminosidade [...]” (LOEB, 2016).

A área de 4.000 metros de acervo possui controle de temperatura e umidade, câmeras e sensores. O acervo pode ser visto de qualquer lugar do prédio graças a um anel central de quatro lados. A acessibilidade também merece destaque, o prédio oferece rampas para acesso a todos os blocos da Biblioteca.

Figura 15 - Vista a partir do anel central onde está localizado o acervo da BBM.



Fonte: Archdaily, 2016.

Para ter acesso ao acervo da BBM na parte superior do prédio, são necessários seguir algumas normas. É preciso preencher um formulário para agendar a consulta ao exemplar desejado, que será realizada na sala Rubens Borba de Moraes. A consulta será supervisionada em tempo integral por um membro da equipe da biblioteca. As normas para uso do acervo são muitas, 17 no total e estão disponíveis no site da BBM.

Para quem não faz questão de tocar o exemplar original, muitos exemplares estão disponíveis na biblioteca digital. A busca é realizada a partir do sistema DEDALUS, através do site: www.dedalus.usp.br, ou no portal de busca integrada: www.buscaintegrada.usp.br, ambos interligados ao SIBi da USP.

A estrutura física da biblioteca foi inaugurada em 23 de março de 2013, mas virtualmente começou a existir desde 2009. Na casa de José Mindlin, um *scanner* batizado por “Maria Bonita” digitalizava 2.400 páginas por hora.

Figura 16 - Scanner Maria Bonita.



Fonte: Instituto de Engenharia, 2016.

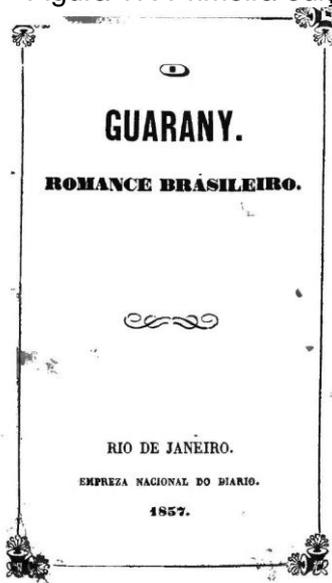
Equipado com câmeras de 21 megapixels o equipamento possui duas câmeras em X, cada uma direcionada para uma página do livro. No caso de mapas e materiais de tamanho maior há apenas uma câmera que se desloca em dois eixos

para fazer a varredura do documento. Apesar de muito bem elaborado, pois a máquina tem uma espécie de aspirador que suga as páginas e as vira sem o contato manual, todo o processo deve ser supervisionado por um funcionário, pela possibilidade de defeito da máquina e para corrigir possíveis erros de digitalização imediatamente;

A proposta de formação de uma Biblioteca Brasileira Digital parte de alguns princípios fundamentais. Uma biblioteca digital deve se nortear pelo seu uso esperado: a pesquisa científica e a investigação interessada; a educação formal e informal; o desejo de conhecimento de formação dos cidadãos. Sendo assim, não se trata de propor aqui uma biblioteca de obras-raras, e tampouco uma biblioteca ancorada numa realidade patrimonial. Afastando-se de um paradigma custodial, o projeto procura construir uma biblioteca-referência, que se torne rapidamente um instrumento de trabalho e de investigação. [...] Sendo assim, a Biblioteca Brasileira Digital se oferece como um instrumento de multiplicação, de universalização de acesso, de democratização de meios que permitem uma formulação mais sólida da memória nacional e uma reflexão ampliada sobre a cultura brasileira. (PUNTONI, 2007, p. 54).

Dentre as milhares de obras importantes que compõe o acervo da Biblioteca Brasileira Digital estão: a primeira edição do Guarany, de José de Alencar (1857), a primeira edição brasileira de Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga (1810) e a edição original publicada em Lisboa (1792). Atualmente, 3.000 títulos estão disponíveis para consulta e/ou download.

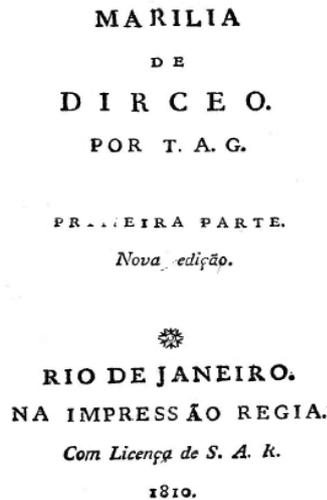
Figura 17: Primeira edição do Guarany de José de Alencar.



Persegui essa primeira edição do *Guarany* durante quase quinze anos, porque é o terceiro exemplar conhecido, apesar de o *Guarany* e *A Moreninha* terem sido, provavelmente, os livros mais lidos no Brasil no século XIX. Os outros dois exemplares se encontram um na Biblioteca Nacional e outros no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da Universidade de São Paulo [...] (MINDLIN, 2013, p. 17)

Fonte: Brasileira USP, 2016

Figura 18: Primeira edição brasileira de *Marília de Dirceo* de Tomás Antônio Gonzaga.



A primeira edição brasileira de *Marília de Dirceo*, publicada no Rio de Janeiro em 1810, é a mais rara de todas. Apesar de ter sido feita uma tiragem excepcionalmente grande para a época (dois mil exemplares), hoje apenas se conhecem seis ou sete, todos em mau estado. Tanto eu quanto Rubens Borba de Moraes procuramos essa edição a vida inteira, e eu dizia a ele que, se a encontrasse, não lhe contaria porque ele poderia ter um enfarte. Naturalmente, quando consegui um exemplar, ele compartilhou do meu prazer. Quando o recebi, bastante avariado, presente de um professor mineiro, Wilton Cardoso, a condição que ele me impôs foi a de minha mulher conseguisse restaurar o exemplar, o que ela fez de maneira admirável. (MINDLIN, 2013, p. 16)

Fonte: Brasileira USP, 2016

Figura 19: Edição original de *Marília de Dirceo* de Tomás Antônio Gonzaga.



A edição original de *Marília de Dirceo*, publicada em Lisboa em 1792, tem em alguns exemplares a página 20 impressa erroneamente, com os algarismos invertidos: 02. A biblioteca tem um exemplar com esse erro e um exemplar corrigido, além de um terceiro que faz parte da biblioteca de Rubens Borba de Moraes. (MINDLIN, 2013, p. 16).

Fonte: Brasileira USP, 2016

O resultado de anos na prática da bibliofilia e na preservação dos livros desenvolveu uma dilatada preocupação nos dois bibliófilos de qual seria o destino de tão cara e estimada coleção de livros raros sobre o Brasil. Dotados de uma grande sensibilidade em comum, ambos sabiam que de posse de um ou de outro a coleção teria um destino feliz. Rubens Borba de Moraes, sendo o mais velho escolheu deixar para o amigo José Mindlin a coleção Brasileira. Este idealizou, embora falecera antes de ver o projeto acabado, que todo esse acervo fosse útil à humanidade. É o efeito da “Bibliofilia como Patrimônio Informacional”, ou seja, é a praticidade da circulação da informação; a preocupação em dar um sentido objetivo

à coleção em vez de deixá-la inerte enfeitando estantes como uma simples herança de família.

Mensurar a importância da Brasileira USP, bem como das demais coleções anteriormente apresentadas, seria uma tarefa impossível. A grande estrutura que abriga os acervos de Rubens Borba de Moraes e José Mindlin é mais que um simples desejo realizado, é a projeção da história do Brasil disponível, pelo menos online, para todos. É a transmissão estratégica da informação a partir de tecnologias especializadas, uma referência em digitalização de acervo e preservação da memória.

A digitalização prolonga essa longa história dos centros de cálculo²⁶, oferecendo a cada inscrição²⁷ o poder de todas as outras. Mas este poder não vem de sua entrada no universos dos signos, e sim de as compatibilidade, de sua coerência ótica, de sua padronização com outras inscrições, cada uma das quais se encontra sempre lateralmente ligada ao mundo através de uma rede. (LATOURE, 2008, p.30)

José Mindlin conseguiu deixar uma estrutura pública digna para o Brasil, tanto na estrutura física do prédio quanto no conteúdo informacional, um exemplo a ser seguido em um país onde as grandes bibliotecas públicas que deveriam preservar o patrimônio histórico e cultural sofrem com o descaso e a deterioração. Ao livro é oferecida a oportunidade de uma vida mais longa, armazenado no local e temperatura adequados. Quanto ao conteúdo, a busca é pela eternidade, nos moldes digitais, se é que isso é possível, se for levado em consideração que todo suporte é passível de destruição.

²⁶ Latour chama o acervo das bibliotecas de centro de cálculos, que para o autor são informações construídas a partir da realidade de outras pessoas, com o intermédio de um pesquisador que transforma os dados em documento. Esse conjunto de documentos é um banco de dados, onde o usuário faz uma triagem e produz outras informações, sem precisar se dirigir ao local da pesquisa original. “O conjunto dessa galáxia descabelada – redes e centro – funciona como um verdadeiro laboratório, deslocando as propriedades dos fenômenos redistribuindo o espaço-tempo, proporcionando aos ‘capitalizadores’ uma vantagem considerável, uma vez que eles estão ao mesmo tempo afastados dos lugares, ligados aos fenômenos por um série reversível de transformações, e aproveitam o suplemento de informações oferecido por toda e qualquer inscrição a todas as outras.” (LATOURE, 2008, p. 37).

²⁷ A inscrição a qual o autor se refere é o veículo, a forma material em que a informação está armazenada. “A informação não é um signo, e sim uma *relação* estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um *centro*, sob a condição de que entre os dois circule um *veículo* que denominamos muitas vezes de forma, mas eu, para insistir em seus aspecto material, eu chamo de *inscrição*.” (LATOURE, 2008, p. 22)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mistérios por trás da capa de um livro quebram a passividade do candidato a leitor, que tem a autonomia para decidir pela não continuidade da leitura; ler só mais um pouco ou seguir até o final. É possível escolher outro livro do mesmo tema para um maior aprofundamento, ou simplesmente migrar para outro assunto. Ler um livro impresso ou deslizar os dedos nas telas do *e-book*. Tudo isso faz parte da liberdade de escolha.

A informação transita em meio a suportes, sentimentos e locais. Qualquer um pode ter uma biblioteca, ou ainda, tentar localizar um livro nos acervos intermináveis de imensas bibliotecas além de utilizar o explorável mundo da internet. A busca é pela leitura prazerosa ou por respostas precisas. Bibliotheca Alexandrina, Brasileira USP ou Google todos são movidos à informação. O trabalho de selecionar, adquirir, catalogar e disponibilizar a informação, independentemente do suporte, é o eixo entre lugares, informação e usuários. São os centros de cálculo, como qualifica Latour (2008).

A história do livro e da leitura engloba livreiros, editores, bibliotecas e coleções particulares, bibliófilos e usuários comuns que comungam do apreço pela importância da circulação da informação. Desde o incêndio na Biblioteca de Alexandria até a Real Mesa Censória, passando pelo desespero das viúvas e dos herdeiros contemplados nos inventários dos pais colecionadores de livros tornaram esse objeto algo totalmente isento de indiferença.

Escrever sobre a bibliofilia é prazeroso, mas não é fácil. A escassez de material não contribui para o desenvolvimento do tema. Para solucionar o problema, resta recorrer ao que está escrito pelos próprios bibliófilos, pelos amantes do livro e da leitura. As memórias servem como base para identificar as razões da paixão pelo livro raro. Conceituar o livro raro requer ajuda dos bibliófilos e das teorias elaboradas por quem lida com eles diariamente, partindo do princípio de que tudo é muito subjetivo.

A importância dos catálogos como material bibliográfico, o acesso aos leilões como parte do controle bibliográfico na aquisição de livros pelos bibliófilos para firmar a qualidade do acervo, atrelam Bibliofilia e colecionismo, mais precisamente ao colecionismo da Brasileira. Não negligenciando a pequena elite que um dia pôde vangloriar-se do livro como objeto de *status*, mas graças a essa elite bibliotecas inteiras foram formadas e algumas incorporadas às instituições públicas.

A Brasileira USP culminou em um marco bibliográfico no Brasil. Existem outros lugares de preservação como foram apresentados, mas a Brasileira USP é o que há de mais moderno em juntar o novo e velho. A memória informacional impressa, até pouco tempo era preservada apenas com tecnologias manuais, atualmente através da digitalização se mostra para o mundo, bastando para isso, alguns *clicks*. Agrupado a tudo isso, a arquitetura agregou inovações que contribuem para a manutenção de luz, umidade, temperatura e controle de pragas, tudo para que o livro raro não pereça tão depressa.

Darnton (2010) defende a tese de que democratizar é mais importante que digitalizar. Que a digitalização seja apenas uma maneira de organizar a informação para que esta possa ser amplamente utilizada oferecendo subsídios para a criação de outras informações. O desprendimento de José Mindlin de construir um espaço de consulta à biblioteca, é tão importante quanto a iniciativa de Rubens Borba de Moraes em escrever uma bibliografia sobre os livros que tratavam sobre o Brasil, ambos instrumentos em falta para os pesquisadores brasileiros.

Além dos bibliófilos Rubens Borba de Moraes e José Mindlin, outros nomes foram destacados. Qualquer umas das instituições e das pessoas apresentadas poderiam ser o foco desta pesquisa. São peças de um grande quebra-cabeças, que propõe a compreensão das ações humanas a partir das vontades, das estruturas políticas e econômicas, dos aspectos culturais e de tudo que envolve as características sociais vigentes.

A tecnologia facilita a vida dos pesquisadores, como esta pesquisa é bibliográfica, lançar mão dos recursos disponíveis atualmente é imprescindível. Esse emaranhado digital que conta com fotos, áudios e descrições, oferece à pesquisa

uma riqueza de detalhes que não seria possível, ou pouco possível só com a disponibilidade do documento físico. Mas é preciso atenção e cuidado com as fontes consultadas, *sites* tem muitos, informações precisas, nem tanto.

Relacionar os cenários e atores da circulação do livro raro, a saber os sebos, leilões, catálogos, sebistas e bibliófilos; identificar quais as contribuições que Mindlin e Rubens Borba de Moraes trouxeram à preservação da memória escrita através do grande número de livros que compõe a coleção brasileira e da qualidade de conteúdo que essa coleção possui e que hoje faz parte da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo, ponto de partida primordial para quem deseja saber mais sobre a coleção brasileira e sobre a História do Brasil, são objetivos propostos e alcançados nesta pesquisa. No entanto, como pesquisa exploratória o conteúdo apresentado é apenas o *start*, a Brasileira USP é uma instituição a ser pesquisada com mais afinco, de maneira a conhecer o acervo, o espaço físico, os usuários e todo o trabalho realizado pela equipe técnica. Além disso, perguntas permanecem: existirão mulheres no futuro da história da bibliofilia? Serão pesquisadas bibliófilas?

Os tópicos acima relacionados vislumbram propor algumas reflexões, promovendo uma análise de quão incipiente ainda é esse tipo de pesquisa, que a partir de discussões seja possível avaliar o quão pouco o Brasil avançou na função de guardião da memória escrita, dependendo na maioria das vezes, de ações particulares para que o acesso à informação a determinados documentos torne-se possível. Agregar isso à Ciência da Informação é uma forma de disponibilizar mais assuntos possíveis de serem pesquisados e ampliar a discussão sobre tudo o que envolve a bibliofilia, o livro raro, a formação de coleções, os modos de preservação e o acesso à memória informacional.

REFERÊNCIAS

ADVOCACIA GERAL DA UNIÃO. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/files/Instrucao_Normativa_Negociantes_012007.pdf>.

Acesso em: 30 set. 2016.

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 118 p.

ANTONIO MIRANDA. Gastão de Holanda, 2004. Disponível em:

<http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/gastao_de_holanda.html>. Acesso em: 25 jun. 2016.

ANTUNES, Cristina. O que realmente me emociona... In: MARTINS FILHO, Plínio; GUINSBURG, J. (Org.). **A loucura mansa de José Mindlin**. São Paulo: EDUSP, 2014. p. 51-56.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A Ciência da Informação como ciência social.

Ciência da Informação, Brasília, v.32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

_____. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli**: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 11, n. 22, p. 117-140, 2006.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11n22p117/368>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

ARAÚJO, Marcelo. Dr. José, a lição da alegria. In: MARTINS FILHO, Plínio; GUINSBURG, J. (Org.). **A loucura mansa de José Mindlin**. São Paulo: EDUSP, 2014. p. 77-80.

ARCHDAILY. **Biblioteca Brasileira**. Disponível em:

<<http://www.archdaily.com.br/br/01-107652/biblioteca-brasiliana-slash-rodrigo-mindlin-loeb-plus-eduardo-de-almeida>>. Acesso em: 20 set. 2016.

_____. **Mapa da localização do prédio da Brasileira**. Disponível em:

<<http://www.archdaily.com.br/br/01-107652/biblioteca-brasiliana-slash-rodrigo-mindlin-loeb-plus-eduardo-de-almeida>>. Acesso em: 20 set. 2016.

_____. **Vista a partir do anel central onde está localizado o acervo da BBM.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-107652/biblioteca-brasiliana-slash-rodriogo-mindlin-loeb-plus-eduardo-de-almeida>>. Acesso em: 20 set. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENCADERNAÇÃO E RESTAURO. Disponível em: <<http://www.aber.org.br/historico>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BABEL leilões. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.babelleiloes.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf>. Acesso em: 22 jun 2016.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 230 p.

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O mestre dos livros**: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. 129 p.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: obras escolhidas volume II. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 277 p.

_____. O colecionador. In: **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 237-246.

BESSONE, Tânia Maria. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2014. 298p.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1298806/mss1298806.pdf>. Acesso em: 21 set. 2016.

_____. **Brasiliana Fotográfica**. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In: _____. **Ficções**. São Paulo: Globo, 2001. p. 91–100.

_____. **Cinco visões pessoais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. 53 p.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. Disponível em: <<http://cdigital.uv.mx/bitstream/123456789/6699/2/Borko.pdf>>. Acesso em 24 jun. 2016.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, Jun. 1991. Disponível em: <<http://inls151f14.web.unc.edu/files/2014/08/buckland1991-informationasthing.pdf>>. Acesso em 24 jun. 2016.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 241 p.

CAMARGO, Angélica Ricci. Censores régios. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=3808>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CANFORA, Luciano. As bibliotecas antigas e a história dos textos. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**: o poder dos livros no ocidente. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 234-245.

CATÁLOGO de livros do Conde da Barca (1818). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1298806/mss1298806.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p.148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. Roger Chartier e práticas de uma leitura: uma abordagem para o campo da informação. In: SANTAREM SEGUNDO, José Eduardo; SILVA, Márcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel (Org.). **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. p. 25-35.

CAVEDON, Neusa Rolita. *et al.* Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 13, n. 28, p. 345-371, jul./dez. 2007. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27236/000646402.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

CHARTIER, Roger (Org.). Do livro à leitura. In: _____. **Práticas da leitura**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-105.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 1998. 159p.

COSTA, Antonio Firmino. Classificações sociais. **Leitura**. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 65-75, out. 1997 / abr. 1998. Disponível em: <http://www.academia.edu/1797083/Costa_AF_1998_Classifica%C3%A7%C3%B5es_sociais>. Acesso em: 04 jul. 2016.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 231p.

DEDALUS. Banco de dados bibliográficos da Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.dedalus.usp.br>. Acesso em: 18 set. 2016.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 167 p.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Formação e desenvolvimento de coleções de serviços de informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2003. 71p.

D'ALEMBERT. Bibliomania. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (Org.). **A paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. p. 21-23.

ECO, Umberto. **A memória vegetal**: e outros escritos sobre bibliofilia. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 271p.

_____; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269 p.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Revista Klaxon**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5116/revista-klaxon>> Acesso em: 16 out. 2016.

ESCRITOS DO GABRIEL. A cegueira segundo Borges. Disponível em: <<http://escritosdogabriel.blogspot.com.br/2010/01/cegueira-segundo-borges.html>>. Acesso em: 01 out. 2016.

ESTEBAN NAVARRO, M. A. El marco disciplinar de los lenguajes documentales: la Organización del Conocimiento y las ciencias sociales. **Scire**, v. 2, n. 1, 1996, p. 93-107.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Metodologias para a promoção do uso da informação**: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas. São Paulo: Nobel, 1991. 144 p.

FILGUEIRAS, Otto. O dia em que mataram Wladimir Herzog. **Gazeta Mercantil**, 2004, p. A-9. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/492504/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

FLAUBERT, Gustave. **Bibliomania**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 75p.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. 112 p.

FRIEIRO, Eduardo. **Os livros, nossos amigos**. Brasília: Senado Federal, 2007. 198p.

FUNDAÇÃO Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). **Sala de obras raras**. Disponível em: <<https://www.bn.br/visite/espacos/sala-obras-raras>>. Acesso em: 21 set. 2016.

GALERIA DA ARQUITETURA. Disponível em: <<http://www.galeriadaarquitetura.com.br/escritorio-de-arquitetura/a-p/eduardo-de-almeida-arquitetos/112304/>>. Acesso em 20 set. 2016

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 107-116.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2009. 222p.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005. 809 p.

HJØRLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HOLANDA, Lourival. Memória: multiplicidade e permanência. In: VERRI, Gilda Maria Whitaker. (Org.). **Memorart: tecnologia, memória e cultura urbana na formação brasileira**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013. p. 3-17.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 2922 p.

INSTITUTO CEA. Entrevista José Mindlin – concedida ao boletim Ação e Participação. 2006. Disponível em:
<<http://www.institutocea.org.br/busca/default.aspx>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

INSTITUTO DE ENGENHARIA. Disponível em:
<http://www.iengenharia.org.br/site/noticias/print/id_sessao/4/id_noticia/7664>.
Acesso em 20 set. 2016.

_____. **Scanner Maria Bonita**. Disponível em:
<http://www.institutodeengenharia.org.br/site/noticias/exibe/id_sessao/4/id_noticia/7664/Por-dentro-da-Brasileira-USP:-como-funciona-a-digitaliza%C3%A7%C3%A3o-de-uma-biblioteca-de-raridades>. Acesso em: 23 set. 2016.

INSTITUTO Moreira Salles (Rio de Janeiro). Disponível em:
<<http://www.ims.com.br/ims/instituto/unidades/rio-de-janeiro>>. Acesso em: 20 set. 2016.

ITAÚ Cultural. **Espaço Olavo Setúbal**. Disponível em:
<<http://www.itaucultural.org.br/explore/espaco-olavo-setubal/espaco/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923): breves apontamentos teórico-metodológicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26. 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307022756_ARQUIVO_TEXTOATUALIZADOANPUH2011-JULIARIBEIROJUNQUEIRA.pdf>. Acesso em: 23 maio 2016.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. A bibliografia nacional brasileira: histórico, reflexões e inflexões. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 165-182, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118769/116240>>. Acesso em: 01 set. 2016.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas e coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: o poder dos livros no ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 21-44.

LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 119p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003. 541 p.

LEILÕES BR. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.leiloesbr.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. In: RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009. p. xiv.

_____. **De bibliotecas e biblioteconomias: percursos**. Brasília: Briquet de Lemos, 2015. 392 p.

LOEB, Rodrigo Mindlin. **Galeria da arquitetura**. Disponível em: <http://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/eduardo-de-almeida-arquitetos_mindlin-loebdotto-arquitetura_biblioteca-brasiliana/227>. Acesso em 20 set. 2016

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 301 p.

_____. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 405 p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002. 519p.

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206 p.

MEIRELLES, Maurício. No centenário de José Mindlin, as histórias de quem lia em voz alta para o bibliófilos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 set. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/no-centenario-de-jose-mindlin-as-historias-de-quem-lia-em-voz-alta-para-bibliofilo-13855576>> Acesso em: 16 out. 2016.

MEMÓRIAS DA DITATURA. **Manoel Fiel Filho**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/manoel-fiel-filho/>> Acesso em: 16 out. 2016.

_____. **Vladimir Herzog**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-herzog/>> Acesso em: 16 out. 2016.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: EDUSP: Companhia das letras, 1997. 231 p.

_____. Loucura Mansa. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (Org.). **A paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. p. 15-16.

_____. **Memórias esparsas de uma biblioteca**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis: Escritório do Livro, 2004. 125p.

_____. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 103 p.

_____. **Destaques da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin**. São Paulo: EDUSP: Brasileira Mindlin, 2013. 104 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 207p.

_____. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 259p.

_____. **Testemunha ocular:** (recordações). Brasília: Briquet de Lemos, 2011. 308 p.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **R. Eletrônica Biblioteconomia Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp. p. 87-104, 1 sem. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro:** uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989. 71 p.

_____. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, Helen de Castro; BARROS, Maria Helena T. C. de. **Ciência da Informação:** múltiplos diálogos. Marília: Oficina Universitária, 2009. p. 31-44.

PINHO, Fabio Assis. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009. 156 p.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi:** memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. Disponível em: <[http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20\(1984b\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b).pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2016.

PUNTONI, Pedro (Org.). **Brasiliana USP:** história e arquitetura de uma ideia. São Paulo: Alameda, 2007. 94 p.

RABELLO, Rodrigo; GUIMARÃES, José Augusto Chaves, A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão, 2006. In: **Anais... 7 Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)**, Marília-SP, 19 - 22 nov. 2006. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/16806/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia.** Brasília: Briquet de Lemos, 2009. 336 p.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A bibliofilia no Brasil.** 2011. 303 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10744/1/2011_OtoDiasBeckerReifschneide_r.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2016.

REVISTA Philomatica. **Ex-libris de José Mindlin**. Disponível em: <<http://revistaphilomatica.blogspot.com.br/2010/03/je-ne-fay-rien-sans-gayete.html>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

SALCEDO, Diego Andres. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000**. 2010. 163 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3624/arquivo94_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SANT'ANA, Rizio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. **Revista Online de Biblioteconomia Professor Joel Martins**, Campinas, v.2, n.3, p.1-18, jun. 2001. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/etd/article/viewFile/1886/1727>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura de São Paulo. **Biblioteca Rubens Borba Alves de Moraes**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/rubensborbademorais/index.php?p=5482>. Acesso em: 16 maio 2016.

_____. Secretaria Estadual de Cultura. Disponível em: <<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/institucional/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

SARACEVIC, Tefko. Interdisciplinarity nature of Information Science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-9, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/608/610>>. Acesso em 24 jun 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Iuri A. Lapa e. **O colecionador e o doador: a Coleção Benedito Ottoni**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/projetos/200anos/beneditoOttoni.html>>. Acesso em: 30 set. 2016.

SISTEMA integrado de bibliotecas. Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.buscaintegrada.usp.br>. Acesso em: 28 set. 2016.

SMIT, Johanna W. Archivologia, biblioteconomia y museologia: semejanzas y diferenciais. **Ciencias de la Información**, Havana, v. 30, n. 3, p. 3-10, 1999.

Disponível em

<<http://www.concla.net/TeoriaArch/Lecturas/modulo%201/Las%20diferencias.pdf>>.

Acesso em: 24 jun 2016.

UNIVERSIDADE de Passo Fundo. **Bibliotheca Alexandrina**. Disponível em:

<<http://usuarios.upf.br/~clovia/hobbys.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2016

UNIVERSIDADE de São Paulo. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. **José Mindlin e Guita Mindlin**. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/1>>. Acesso em: 22 set. 2016.

_____. Biblioteca Brasileira. **Primeira edição do Guarany de José de Alencar**.

Disponível em:

<<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00177500#page/7/mode/1up>>. Acesso

em: 22 set. 2016.

_____. Biblioteca Brasileira. **Primeira edição brasileira de Marília de Dirceo de Tomás Antônio Gonzaga**. Brasil. Disponível em:

<<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03551900#page/5/mode/1up>>. Acesso

em: 22 set. 2016.

_____. Biblioteca Brasileira. **Edição original de Marília de Dirceo de Tomás Antônio Gonzaga**. Lisboa. Disponível em:

<<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00935200#page/7/mode/1up>>. Acesso

em: 22 set. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 120 p.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. **Tinta sobre papel**: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII, 1759-1807. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006. 2 v.

VIANA, Lilian. Rubens Borba de Moraes e o Departamento de Cultura: novo paradigma às bibliotecas públicas brasileiras. **CRB-8 Digital**. São Paulo, v. 4, n. 1, p. 99-110, abr. 2011. Disponível em:

<<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/64/66>>. Acesso em:

22 set. 2016.

VIANNA, Márcia Milton; MARQUES JÚNIOR, Alaôr Messias. Fontes biográficas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante. (Org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 251-265.

WIKIWAND. **Index Librorum Prohibitorum**. Disponível em:
<http://www.wikiwand.com/pt/Index_Librorum_Prohibitorum>. Acesso em: 20 abr. 2016